

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
Departamento de Língua e Literatura Vernáculas  
Programa de Pós-Graduação em Letras

O MUNDO DIVIDIDO DE JORGE AMADO  
Dissertação apresentada para obter o grau de  
Mestre em Letras.


Vitório Dela Bruna

Florianópolis  
SANTA CATARINA - BRASIL  
maio - 1976

## UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

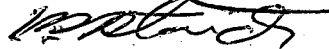
## Programa de Pós-Graduação em Letras

Esta dissertação foi elaborada visando a obter o grau de Mestre em Letras, tendo como:



---

Prof. Integrador Paulino Vandresen



---

Prof. Orientador Vicente de P. Ataíde

E submetida à apreciação foi ao final aprovada pela banca examinadora:




---

Prof. Vicente de P. Ataíde



---

Prof. Domicio Proença Filho



---

Prof. Gilberto Mendonça Teles

## ÍNDICE

Autor.....	1
Gratidão .....	2
Apresentação .....	3
Presentation.....	4
Nomes abreviados das obras estudadas .....	5
Proposição .....	6
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	8
O ESCRITOR.....	30
AS OBRAS .....	39
A OBRA INDIVISA DE JORGE AMADO E A CRÍTICA .....	44
Uma obra unitária e progressiva .....	49
TIPOS DE PERSONAGENS E VISÃO DO AUTOR .....	50
01. Dos coronéis ao tipo coronel .....	54
02. Dos alugados ao tipo alugado .....	87
03. Dos capatazes ao tipo capataz .....	93
04. Dos capangas ao tipo capanga .....	96
05. Dos filhos ao tipo filho do coronel .....	103
06. O vagabundo .....	110
07. Dos operários ao tipo operário .....	112
08. Dos líderes ao tipo líder .....	115
09. Dos militantes ao tipo militante .....	127
10. Do clero ao tipo sacerdote .....	134
11. Dos pais-de-santo ao tipo feiticeiro .....	141
12. Dos pregadores sertanejos ao tipo beato .....	145
13. Dos cangaceiros ao tipo jagunço .....	150
14. Dos políticos ao tipo político .....	154
15. Da polícia ao tipo chefe de polícia.....	159
16. Dos capitalistas ao tipo capitalista .....	163

17.	Das esposas e filhas ao tipo de mulher submissa ...	170
18.	Das mulheres ao tipo de mulher que se liberta .....	173
19.	Das mulheres ao tipo de mulher desamparada .....	181
20.	Das vitalinas ao tipo de mulher solteirona .....	188
21.	Das valentonas ao tipo de mulher guerreira .....	193
22.	Gabriela .....	199
	CONCLUSÃO.....	207
	BIBLIOGRAFIA .....	226

AUTOR - VITÓRIO DELA BRUNA

- nascido no atual município de Pedras Grandes (SC)  
a 20 de dezembro de 1933;

- bacharel e licenciado em Letras Neolatinas, pela  
Universidade Católica do Paraná;

- professor de Ensino Médio;

- auxiliar de ensino na Faculdade Estadual de Filosofia,  
Ciências e Letras de Guarapuava (PR):

+ professor de Filologia Românica;

+ professor de Literatura Brasileira.

## GRATIDÃO

Os nossos sinceros agradecimentos ao Corpo Administrativo e ao Corpo Docente da Universidade Federal de Santa Catarina pela oportunidade que nos deu de apresentar este trabalho.

Aos Diretores da Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de Guarapuava e a todos os que de qualquer forma nos estimularam e colaboraram o sucesso desta pesquisa.

## Homenagens Especiais para:

Jorge Amado (Salvador)

Paulo Tavares (Salvador)

Juarez da Gama Batista (João Pessoa)

Paulino Vandresen (Florianópolis)

Vicente Ataíde (Curitiba).

## APRESENTAÇÃO

A pesquisa só é válida quando apresenta novidade. Neste trabalho encontramos uma visão conjunta das teorias sobre a personagem romanesca, quanto a sua importância e organização. Apresentamos o autor dentro de sua vasta obra literária e diante do conceito de qual seja a função da arte para ele. Tentamos demonstrar a unidade de pensamento do Sr. Jorge Amado e justificar porque abordamos só uma parte de suas obras.

Se o nosso objetivo é mostrar o mundo dividido através da posição e cosmovisão do romancista, sentimos que só é possível fazê-lo pela óptica e comportamento de suas criaturas. Seja porque a visão do escritor não se encontra numa única personagem, seja para uma demonstração mais contundente; pensamos em organizar tipos humanos, \*coadunado num único modelo os diversos extratos semelhantes que surgem ao longo das obras, que por sua posição ou estado social mostram claramente aquele mundo humano divisionário. Além dos 22 tipos são possíveis outros que omitimos por serem menos importantes e porque estenderiam o trabalho para além dos limites.

Na conclusão procuramos estabelecer o relacionamento daquele universo humano em choque. Evidenciamos as posições dos diversos grupos que se opõem pelos interesses de cada um. Podemos constatar que há um mundo bipartido. De um lado o PODER em conflito entre si porque pensa na primeira pessoa. De outro lado o EXISTIR solidário porque pensa na terceira pessoa e luta para se libertar contra a prepotência.

**\* coadunando**

## PRESENTATION

The research is valuable only when it presents something new. In this work we can find a congregated vision of the theories on the prose fiction character as well as its importance and organization. We present\* within his vast literary work and considering his own concept of what the function of Art may be. We try to demonstrate Jorge Amado's unity of thought as well as to justify the reason why we are going to tackle but a part of his work.

If our objective is to show a divided world through the romancer's position and cosmovision, we feel the only way we can possibly do it is through the vision and behavior of his creatures. Either because the writer's vision can't be found in a single character or aiming at a fuller demonstration, we decided to congregate all similar types human characters that appear along the author's work and position or social status emphasizes the division within that human universe. Besides the 22 types presented here, many other possible ones were left out due to their lesser importance and not to make this work unduly long.

In the conclusion we try to establish the relationship within that conflicting human universe. We show the position of the groups directly opposed to each other by means of their own interests. We verify existence of a bipartite world. On one side the POWER in permanent internal conflict, because it always thinks in the first person. On the opposite side the BEING, always thinking in the third person, united in its struggle against prepotence.

\* the author



## NOMES ABREVIADOS DAS OBRAS ESTUDADAS

01. O País ..... O País do Carnaval
02. Cacau ..... Cacau
03. Suor..... Suor
04. Jubiabá ..... Jubiabá
05. Mar Morto..... Mar Morto
06. Capitães .....Capitães da Areia
07. A B C ..... ABC de Castro Alves
08. Terras.....Terras do Sem Fim
09. São Jorge..... São Jorge dos Ilhéus
10. Bahia.....Bahia de Todos os Santos
11. Seara.....Seara Vermelha
12. Os Subterrâneos I.....Os Subterrâneos da Liberdade:  
I Os Ásperos Tempos
13. Os Subterrâneos II.....Os Subterrâneos da Liberdade:  
II Agonia da Noite
14. Os Subterrâneos III .....Os Subterrâneos da Liberdade:  
III A Luz no Túnel
15. Gabriela.....Gabriela, Cravo e Canela
16. Os Marinheiros ..... Os Velhos Marinheiros
17. Os Pastores..... Os Pastores da Noite
18. Dona Flor ..... Dona Flor e seus dois Maridos
19. Tenda..... Tenda dos Milagres
20. Tereza Batista..... Tereza Batista Canaã de Guerra

## PROPOSIÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar as personagens de Jorge Amado. Diante de um número tão elevado de obras e de um mundo social excessivamente grande e numeroso, em que segundo levantamento feito por Paulo Tavares, em seu Criaturas de Jorge Amado, encontramos 2.596 personagens; chegando à casa das 3.140 incluindo Tenda e Tereza Batista; é simplesmente impossível tratarmos de todo esse universo humano. Por isso limitamos nossa pesquisa a uma parte da produção literária do autor. Abordaremos as obras até Gabriela inclusive.

Quanto às personagens, parece-nos viável partirmos para uma tipologia, cujos modelos resumam as características daquela variação humana. É que os seres romanescos de Jorge Amado nem sempre se configuram de maneira completa numa obra e/ou se repetem através das obras. Para citarmos exemplos, temos os coronéis: Manuel Misael de Sousa Teles (Cacau); Horácio da Silveira, Sinhô Badaró, Juca Badaró e Ramiro Bastos (Terras); Coriolano Ribeiro e Melk Tavares (Gabriela). Temos a mulher guerreira: Maria Cabaçu (Suor); Rosa Palmeirão (Mar Morto); Don'Ana Badaró e Raimunda (Terras); Maria Machadão (Gabriela).

Uma vez identificados os tipos, chegaremos à Cosmóvisão do romancista sobre o ser humano. A sociedade amadoniana forma um mundo dividido dentro de uma unidade base, que unifica as obras e sobre a qual centra-se a posição do autor: "É que estou do lado do povo contra aqueles que exploram o povo" (entrevista - 23:10:75).

Para JA a literatura deve estar a serviço da sociedade. Prega e faz arte engajada. Apresenta um mundo tripartido: condena os detentores do poder e da riqueza, a burguesia; defende o homem explorado e escravizado pelo trabalho, a classe que tende ao socialismo; e justifica os marginalizados, o lúpen-proletariado, que forma o terceiro mundo.

## PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

"O mundo e o eu, a luz e o fogo distinguem-se nitidamente e, apesar disso, nunca se tornam definitivamente alheios um ao outro ..."<sup>1</sup>

A Personagem, Esse Ente Reproduzido ou Inventado.

Antes de abordarmos a personagem de Jorge Amado, cujo objetivo será, como dissemos, apresentar uma tipologia humana e por ela descortinarmos a cosmovisão do autor sobre o ser humano; impõe-se-nos a tarefa de fazermos uma excursão pelo território das teorias da personagem romanesca para vermos qual seja sua natureza e técnica de construção.

Na Poética, Aristóteles fala do relacionamento entre personagem e enredo. Em termos de arte literária, se não é possível um conteúdo sem a forma de expressão e vice-versa; analogamente é inadmissível uma narrativa sem enredo. Todo o enredo envolve um conflito, onde criaturas lutam contra si, contra outros seres do mesmo ou diferente nível, ou ainda contra o ambiente físico.

Aqui abrimos nossa pesquisa das teorias da personagem com as perguntas:

- a) O que é personagem de ficção?
- b) Qual sua origem?
- c) Como se caracteriza na obra literária?
- d) Qual é o relacionamento da personagem com seu criador?
- e) Como se classifica:

<sup>1</sup> Lukács, George - Teoria do Romance, p. 27.

- e. 1 . considerada em si;
- e. 2 . relacionada com outras.

Se o conflito de uma narrativa (conto, novela ou romance) supõe a personagem, será que esta não constitui o elemento principal da mesma narrativa? Não será através das criaturas que o narrador vê e nos apresenta o mundo? Não será por meio delas que ele reprova ou se experimenta reformar uma situação condenável?

"As personagens constituem um dos elementos estruturais basilares do romance"? Assim se expressa Vítor Aguiar falando sobre a personagem. E se o prof. Vicente Ataíde afirma: "A personagem não é o primeiro, nem o mais importante elemento da estrutura da obra literária";<sup>3</sup> está corroborando a posição de Antônio Cândido que afirma: "Isto nos leva ao erro, freqüentemente repetido em crítica, de pensar que o essencial do romance é a personagem, como se esta pudesse existir separada das outras realidades que encarna, "...". Certamente os dois mestres não pretendem contestar o anterior, mas apenas advertir que a personagem por mais bem construída, nunca justificará um enredo mal organizado ou a falta de visão da vida numa obra literária. Na mesma obra do Ataíde encontramos: "O mais importante na ficção de Rawet, é a personagem"<sup>5</sup>. Portanto nenhum dos dois negam a importância da personagem como elemento essencial da narrativa.

<sup>2</sup> Aguiar e Silva, V.M. - Teoria da Literatura, p. 268.

<sup>3</sup> Ataíde, Vicente - A Narrativa de Ficção, p. 39.

<sup>4</sup> Cândido, Antônio - A Personagem de Ficção, p. 54.

<sup>5</sup> Ataíde, Vicente - op. cit., p. 153.

A personagem existe na obra. É lançada intencionalmente naquele mundo pelo ficcionista que se constitui seu criador. Como diz Roland Barthes: "Cada escritor que nasce abre em si o processo da literatura".<sup>6</sup> Cada romancista cria seu mundo, e o povoa. Os seres adquirem sua plena realidade só dentro do mundo da ficção. A personagem nos parece real quando o escritor sabe tudo a seu respeito ou dá a entender. Ela figura por isso, como um elemento objectual que mais qualifica a criação literária. É através da personagem que se opera a concretização de um mundo que não o empírico, mas convincentemente igual; e se efetua <sup>\*</sup> ficcional do autor. O aparecimento de um ser ao passar para o mundo romanesco deixa seu enfoque de objeto no poder sujeito da ação e comunicação da obra. Temos daí as personagens que podem dizer "EU". "No romance, o personagem não existe antes de ser criado na escrita; antes da palavra ele é apenas fumaça, ilusão, a dor que impulsiona o romancista a criá-lo".<sup>7</sup>

A personagem de um romance é sempre uma representação esquematizada física ou psiquicamente; mesmo que se configure em forma parecida com a realidade, como veremos em Jorge Amado. "A ficção é um lugar ontológico privilegiado: lugar em que o homem pode viver e contemplar, através de personagens variadas, a plenitude de sua condição e em que se torna transparente a si mesmo, lugar em que, transformando-se imaginariamente no outro, vivendo outros papéis e destacando-se de si mesmo, verifica, realiza e vive

**\* a intenção**

<sup>6</sup> Barthes, Roland - Crítica e Verdade, p. 72.

<sup>7</sup> Dourado, Autran - Uma Poética do Romance, p. 103.

a sua condição fundamental de ser autoconsciente e livre, capaz de desdobrar-se, distanciar-se de si mesmo e de objetivar a sua própria situação".<sup>8</sup>

O ser romanesco é na realidade um ente que afeiçoa o escritor, i.é, convence-o assim tratá-lo. Apresenta um valor específico que justifica o mérito de figurar na obra.

O literato serve-se do código lingüístico como recurso formal para revelar sua arte. A personagem vem se morfologizando através de palavras que registram os elementos constitutivos linearmente lançados sobre o papel. A visão completa do ser ficcional só nos é dada no conjunto da obra ou de mais obras. Esse mecanismo nos leva a definir a personagem como sendo uma organização verbal, um ser de papel. Ela existe em função do enredo, onde se instaura o conflito. Aqui a personagem atua e surge como produto da linguagem. Por sua atuação e seu carácter comunicativo, ela se torna o elemento mais vivo do romance.

Autran Dourado falando das personagens afirma que a vida delas depende da capacidade do romancista. "O autor deve estar na sua obra como Deus na criação, presente mas invisível".<sup>9</sup> Só entram em cena com o devido preparo que o romancista, através de recursos técnicos e objetivos, menos pessoais, deve saber adotá-las. Esses recursos técnicos consistem em saber aproveitar o pouco e dele fazer o muito; de onde a desilusão da realidade do romance visto de fora. E quanto mais vida as personagens apresentam mais enriquecem a ficção.

<sup>8</sup> Rosenfeld, Anatol - A Personagem de Ficção, p. 48.

<sup>9</sup> Dourado, Autran - op. cit., p. 19.

A pessoa romanesca não tem as mutações e determinações infinitas dos seres humanos reais. Tem sua configuração acabada e limita-se ao âmbito existencial que o autor lhe dá. No convívio com a realidade social nunca chegamos a conhecer tudo do nosso semelhante - "Não podemos compreender uns aos outros, a não ser de um modo rudimentar e breve; (...); o conhecimento perfeito é uma ilusão. Mas num romance podemos conhecer as pessoas perfeitamente..."<sup>10</sup>

O romancista ao estruturar a personagem de maneira parcelada, segue a técnica de caracterização que usamos na vida real. Conhecemos nossos semelhantes sucessivamente, à medida que se manifestam. Contudo há de se distinguir um processo do outro - enquanto na vida prática a visão é imanente à nossa experiência; - na ficção ela é criada e governada pelo autor. "... em nenhum de meus livros coloquei mais do que as pessoas de que gosto, a pessoa que penso ser e as pessoas que me irritam".<sup>11</sup> Se a personagem for idêntica à da vida real, o romance deixa de ser para se tornar história ou memórias. Aqui surge o princípio da criação literária que envolve a questão do verossímil, i.é, um paradoxo em que o fantasiado dá a impressão de realidade existencial. Essa realidade passa pelo filtro da memória e fantasia do artista que deve ampliar ou extinguir os traços da existência empírica conforme exige a plausibilidade da obra. "O personagem não existe anterior a si mesmo, ele só existe depois de criado, de narrado, e só se cria e se narra um personagem através, por exemplo, entre

<sup>10</sup> Forster, E.M. - Aspectos do Romance, p. XVII.

<sup>11</sup> Idem, Ibidem, p. XIII.



muitas outras técnicas e figuras de retórica, da técnica associativa"<sup>12</sup>. Autran Dourado com esse depoimento nos mostra a posição existencial do ser romanesco, de que nos fala Roman Ingarden quando se refere à linguagem figurada;<sup>13</sup> e a organização da personagem, como veremos logo mais ao tratarmos da origem dessa.

No mundo empírico o romancista encontra o material não o modelo. Lá ele descobre as estruturas não as formas. Para Goldman o gênero romanesco apresenta estruturas análogas às da sociedade, através dos tempos.<sup>14</sup> Jorge Amado na sua obra contemporânea nos apresenta estruturas sociais homólogas às da sociedade real de onde extrai os elementos. O campo do romanesco é aquele da interpretação. O escritor deve atender o mundo e a si mesmo - interpretar o que vê e considerar como ele pode fazê-lo. "... conserver un personnage, c'est se laisser transformer par lui, le personnage prenant en revanche certains traits de l'écrivain".<sup>15</sup> Aqui o autêntico e o artificial não se excluem, mas se completam. Neste caso o romancista se despersonifica, pondo traços seus na construção da personagem.

Sendo a personagem um ente reproduzido ou inventado, pode surgir de três fontes: da imaginação, da memória e da observação do escritor.<sup>16</sup> Não há uma exclusividade desses processos criativos. A memória e a observação remetem à realidade empírica ou criada por alguém. A personagem não

<sup>12</sup> Dourado, Autran - op. cit., p. 103.

<sup>13</sup> Cf. Ingarden, Roman - A Obra de Arte Literária;

<sup>14</sup> Cf. Goldman, Lucien - Sociologia do Romance;

<sup>15</sup> Zeraffa, Michel - Personne et Personnage, p. 99.

<sup>16</sup> Ataíde, Vicente - op. cit., p. 40.

pode ser a cópia de um ser vivo real. Já porque, como dissemos anteriormente, não é possível captarmos a maneira total de ser de uma pessoa, ou conhecê-la integralmente; já porque, mesmo que o fosse, a pessoa posta em relação com outras diferentes e diante de problemas diversos, com certeza há de se configurar modificada. O ficcionista quando toma exemplos da realidade sempre lhes emenda características estranhas. Levado pela necessidade de selecionar, se afasta da vida real e passa a criar um mundo próprio, parado - xalmente verdadeiro fora da realidade. Neste universo ficção as criaturas se governam por leis próprias. O criador lhes dá condição lógica de ser e proceder, por isso elas são conscientes, claras e definidas.

Antônio Cândido concluiu que: "... , só há um tipo eficaz de personagem, a inventada"<sup>17</sup> Ela teria sua origem na realidade da experiência individual do romancista, ou do mundo que o cerca. Tal realidade é trabalhada conforme o gênio criador do artista, segundo sua visão e tendência estética. Quando a memória se constitui fonte dos elementos de confecção da personagem, esta se reveste de certa ambigüidade. Não se estabelecem correspondências com as pessoas reais, mas uma descendência alterada.

Quando na entrevista, perguntamos a Jorge Amado se Pedro Archanjo (Tenda), existe ou existiu na verdade, o autor nos respondeu: "Pedro Archanjo existiu em múltiplas pessoas. Nenhuma personagem existe numa pessoa. Pedro Archanjo é ao mesmo tempo Manuel Quirino, que foi importante escritor da época, é Miguel Sant'Ana que é meu grande ami-

<sup>17</sup> Cândido, Antonio - op. cit., p. 69.

go, que morreu no ano passado; Archanjo existiu sobretudo na figura de um outro que foi amigo, o Major Martiniano Iliseu do Bom Fim, o último grande babalaô que houve na Bahia - quer dizer são muitas as pessoas para você formar uma pessoa".<sup>18</sup> Aqui encontramos a aplicação da técnica associativa de que nos falou Autran Dourado. É um processo de construir a personagem com fragmentos de modelos reais.

Antônio Cândido nos apresenta ainda cinco outros processos de construção de personagem: a personagem projetada na qual o romancista incorpora sua vivência ou experiência de pessoas com quem teve contacto direto; a personagem organizada segundo um modelo real, mas que apesar da mutação artesanal permanecem indícios reais; a personagem baseada na realidade e enriquecida ficcionalmente por outros modelos; a personagem tirada de modelos reais, cujas virtudes são produtos da fantasia e servem para a sua caracterização; e a personagem tirada de modelos anteriores que é nutrida com mais ação, documento ou testemunho. Não é o caso da personagem amadoniana, ainda que haja críticos que o afirmem. Declara o escritor: "Toda a minha criação é feita à base da realidade. Se as personagens se repetem é porque são tipos tirados da vida. Agora estou escrevendo Pequena Cidade e lá vão aparecer tipos idênticos, que já apareceram em meus romances".<sup>19</sup>

As personagens quer sejam produtos da imaginação, quer sejam modelos transpostos, sempre nascerão de um substrato da realidade, porque mesmo imaginadas nunca serão

<sup>18</sup> Amado, Jorge - Entrevista concedida ao autor deste trabalho ...  
/23:10:75/;

<sup>19</sup> Idem, Ibidem.

pura fantasia.<sup>20</sup>

A origem da personagem é importante para a técnica da qualificação e para determinar a cosmovisão do autor. Quando procuramos conhecer diretamente a pessoa real, surpreende-nos o problema da continuidade e intermitência da percepção. Fato análogo encontramos na morfologia das personagens de JA. Como a literatura do escritor baiano é feita à base da realidade, encontramos alguma homologia entre o conhecimento intermitente do ser real e a caracterização das personagens que se estabelece ao longo das obras, através de iluminações projetadas em cada obra. São poucos os romances de JA que apresentam uma personagem completa; fato que causa estranheza a muito crítico. O romancista ao propor-se descrever a sociedade nos seus diversos níveis, escolhe tipos representativos. Apresenta a mesma personagem com outras características e numa outra situação; assim como na vida prática as pessoas vão de uma atividade a outra. E para saciar esta curiosidade citemos um exemplo, o tipo da mulher guerreira. Em Suor aparece Maria Cabaçu, em Mar Morto Rosa Palmeirão, em Capitães temos a mãe de Volta-Seca e a guerreira mirim, Dora; em Terras e São Jorge Dona Ana Badaró e Raimunda, em Gabriela Maria Machado, e finalmente para completar o modelo Tereza Batista em Tereza Batista.

O romancista, muitas vezes, além de caracterizar a personagem, apresenta-a com tantas variedades que figura como símbolo de um quadro social ou de qualidades, como se

<sup>20</sup> Cf. Aristóteles - Poética; Aguiar e Silva - Teoria da Literatura; Ataíde, Vicente - A Narrativa de Ficção. Todos passim.

apresenta Gabriela. O escritor como um deus-artista, tem pleno domínio sobre suas criaturas - delimita-as, revela-as de modo coerente. A personagem deve dar a impressão de que vive, que se parece a um ser de verdade. O mundo romanesco se caracteriza pelo movimento da ação e sensibilidade da personagem.

"A mais simples forma de caracterizar as personagens é pelos nomes delas. Cada 'apelação' é uma espécie de vivificação, animização, individualização".<sup>21</sup> A personagem surge na obra geralmente batizada. Aguiar e Silva atenua a importância do nome na caracterização da personagem do romance moderno. "O nome constitui um dos fatores primários na caracterização das personagens no romance tradicional - tal como acontece na vida -, e por isso mesmo, em alguns romances modernos o autor recusa-se a conceder um nome explícito às suas personagens: James Joyce designa apenas pelas iniciais H.C.E.".<sup>22</sup> Sabemos que em JA, não se incluindo todas as obras, há 683 criaturas anônimas.<sup>23</sup> Encontramos também no mesmo autor nomes sugestivos como: Rosa Palmeirão (Mar Morto), Maria Machadão (Gabriela). São apelativos que indicam o porte ou a força física. O nome Boa-Vida (Capitães) caracteriza o comportamento, o tipo do moleque. "Era mais um parasita do grupo". "Comia em casa de um, em casa de outro". "... não gostava de nenhuma espécie de trabalho ...".<sup>24</sup> Vadinho (Dona Flor) não deixa de ser um nome de quem carinhosamente não faz nada - vadiozinho.

<sup>21</sup> Wellek, René - Teoria da Literatura, p. 276.

<sup>22</sup> Aguiar e Silva, V.M. - op. cit., pp. 272 e 273.

<sup>23</sup> Cf. Tavares, Paulo - Criaturas de Jorge Amado;

<sup>24</sup> Capitães, p. 50 et passim.

Do exposto concluímos que mesmo no romance moderno há personagens que recebem nomes caracterizantes, e que se há outras sem nomes, será por sua menor importância.

O universo da personagem põe à mostra todos os dados. Mesmo que o romancista, através de recursos técnicos, nos dê a impressão de um ser ilimitado e complexo, a personagem se apresenta ao leitor, como um todo coeso. A primeira tarefa do romancista é convencer o público da autenticidade das suas personagens e fazer que haja vida no mundo em que o leitor ingressa.

A verdade da personagem não depende somente do seu relacionamento com a vida, i.é, que a personagem deva surgir de um substrato da realidade material. Depende mais da função que exerce na estrutura da obra. E a verossimilhança na obra de arte depende da organização estética de seu material.<sup>25</sup> A personagem tem a ver com a realidade dentro da obra. Nada tem de relacionar-se com a vida do mundo empírico, que é apenas o barro de que se serve o artista para convencer o leitor de que o romance nada mais é senão a vida artisticamente interpretada. É a criação de um mundo em que tudo se fundamenta na natureza humana. Tem-se a impressão de uma existência em que tudo é intencional - paixões, atos bons e maus.

A personagem pode ser perfeitamente entendida e conhecida pelo leitor interna e externamente se o romancista quiser. Portanto ela é um tipo sociológico e psicológico.<sup>26</sup> Através desta óptica serão enfocadas as criaturas de JA -

<sup>25</sup> Cf. Bremond, Claud - Literatura e Semiologia;

<sup>26</sup> Cf. Zeraffa, Michel - op. cit.

dentro de uma sociedade, revelando-se como partes representativas dessa mesma sociedade. No mundo romanesco de Jorge Amado, chocam-se duas forças- as aspirações do indivíduo de classe social inferior que sonha e sofre na busca da liberdade contra o mecanismo, cada vez mais oprimente do outro "status" social dominante. O herói permanecendo fiel ao lirismo do coração simboliza uma sociedade ideal. O mundo se tornará justo e fraterno somente se a comunidade se constituir de indivíduos com os mesmos sentimentos. Em Mar Morto temos um mundo humano e messiânico; aliás, como veremos na morfologia das personagens e na visão delas, o messianismo é uma constante nas obras de Jorge Amado. Seja esta ou aquela a sorte do herói, os seus desejos são válidos não tanto no plano individual, quanto mais no âmbito social.

As personagens e o autor JA se interessam mais em termos de vivência do que em dados. Até Gabriela podemos afirmar que o romancista não condiciona tanto, nem reveste muito suas criaturas, senão mais as faz viver. JA tenta levar o romance moderno a cumprir sua finalidade que é registrar a vida atual.

Os seres humanos da obra de ficção aparecem integrados num lastro "de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores"<sup>27</sup> A personagem nunca aparece em cena gratuitamente e se apresenta direta ou indiretamente. A apresentação direta é feita pelo autor, quando descreve externamente a pessoa; indicando-lhe a cor, o porte, os ges-

<sup>27</sup> Cândido, Antônio - op. cit, p. 45.

tos, o olhar, os sentimentos, etc. A caracterização indireta vem do próprio comportamento da personagem, através dos sentimentos e comportamento revelados em contacto com outras.

O estruturalismo considera a personagem um ser atuante, que se define à medida que age. Atuar é a "conditio sine qua" não há caracterização do ser romanesco. "Não há personagens fora da ação, nem ação independentemente de personagens". "..., uma é entretanto mais importante que a outra: as personagens".<sup>28</sup> Que elas sejam o suporte da narrativa é incontestável. Caracterizar a personagem só pelas ações parece-nos que significa empobrecer a semântica.

Quando no romance, o herói não se salva e mesmo quando se salva, às vezes; o interesse não se estabelece tanto na ação.<sup>29</sup> Em Mar Morto temos um exemplo em que o heroísmo de Guma surge em cumprimento à fatalidade que angustia Livia, e dá ao herói o fim que ela sempre temeu. O interesse ali está menos na ação do que na apreensão. A personagem deve ser considerada como uma essência psicológica que age, pensa e sente.

A descrição psicológica não visa só ao romance portador de criaturas introspectivas. A personagem que pensa e sente, além de agir, pode ser enfocada pela análise psicológica; recurso que vem enriquecer a semântica caracterizante dos seres de ficção.<sup>30</sup> Os fatos principais da vida humana são: nascimento, alimentação, sono, amor e morte. Se foca-

<sup>28</sup> Todorov, Tzvetan - As Estruturas Narrativas, pp. 119 e 120.

<sup>29</sup> Cf. Muir, Edwin - A Estrutura do Romance;

<sup>30</sup> Leite, Dante Moreira - Psicologia e Literatura, p. 147 et passim.



lizarmos a personagem envolvida nessas ocorrências e/ou com elas relacionada teremos uma semântica rica.

O ser na ficção nunca aparece como um ente que passa um terço da vida na obscuridade. Mesmo apresentado durante a noite, ou dormindo ele se nos afigura ativo - agindo, pensando ou sentindo. Ele nunca entra em ação inconscientemente, mas pensa (ou o escritor pensa por ele) o que fazer e como fazer. O literato tem capacidade de penetrar o íntimo de suas criaturas e revelar-nos o pensamento delas. Em JA sempre que a personagem estiver sozinha o autor conta-nos o que ela pensa e sente.<sup>31</sup>

A natureza da personagem em parte depende da ideologia do romance e das intenções do escritor. Se ele tem em mira dar uma visão dos costumes, a personagem se revestirá de características do meio e das pessoas, cujo comportamento o romancista conhece. Na ficção moderna o mundo é visto através da sensibilidade das personagens, razão porque não concordamos em caracterizar as mesmas só pelas ações.

A personagem não está livre no mundo romanesco. Muitas delas são criadas para serem devoradas por outras. Em JA prevalece a lei do mais forte economicamente. O povo (operários, trabalhadores e empregados) se torna vítima do capital e desamparo; os coronéis são devorados pelos exportadores capitalistas. A personagem figura como sujeito e objeto ao mesmo tempo - é intérprete do seu criador que não deseja se incluir diante da complexidade da vida. O romancista faz uso de sua visão cósmica para valorizar um aspecto do homem e da vida humana que ele julga estar em evidên-

<sup>31</sup> Mar Morto, p. 191; Capitães, pp. 84 e 153; Jubiabá, pp. 172 e 180.

cia no seu tempo. Para o escritor fica bem ver com seus olhos ou com os olhos de suas criaturas. É através do comportamento e atitudes delas que o ficcionista consegue transmitir suas experiências, revelar seu estado emotivo e a posição que ele assume diante da realidade. Elas testemunham os fatos, interpretam a causalidade da miséria (física e moral), criticam a tirania do poder e propõem soluções.

Os grandes romancistas admitem a possibilidade de representar através da personagem o homem envolvido em toda a sua totalidade e veracidade. A realidade, porém, só pode ser vista sob um ângulo. Esta não pode ser apresentada no romance totalmente objetiva. "If God could tell the story of the Universe, the Universe would become fictitious".<sup>32</sup> A onisciência total é impossível ainda que o escritor queira se tornar um Deus onisciente. Por essa razão impõe-se ao literato um ponto de vista para convencer o leitor de que a verdade só tem uma face. O romancista colocando-se diante da realidade unilateral, impede que as personagens a vejam nas suas múltiplas faces. Quanto a esta posição há que se distinguir o escritor, cujas personagens vêem livremente a realidade, daquele outro, cujas videntes são orientadas para verem o mundo pela óptica dele.

Outro elemento que relaciona o escritor com suas personagens é o ponto de vista da narrativa. Há romancistas que não valorizam muito o enfoque da narrativa. Não deixa de ter sua importância como meio de iluminar as personagens e os acontecimentos. Outros escritores fazem desse recurso o meio mais importante para ver e interpretar o mundo, sobretudo

<sup>32</sup> Forster, E.M. - Aspects of the Novel, p. 63; (cit. única nesta ed.).

através do herói. O escritor pode manifestar-se via personagens de duas maneiras - pelo diálogo e colocando a narrativa na mente de uma personagem. O narrador pode ser o herói. Neste caso é possível haver uma revelação dele com prejuízo dos fatos e de outras personagens que ficam apagadas. Sendo a narrativa focada por uma personagem secundária, essa funciona como vidente dos fatos. Discute-se a plausibilidade de José Cordeiro (Cacau) como narrador e enxadeiro. Parece-nos que apesar de ser a figura central, ficaria muito bem como testemunha dos fatos.

"A personagem pode ser perfeitamente entendida e reconhecida pelo leitor interna e externamente se o romancista quiser" dizíamos páginas atrás. Pode ser estudada em si ou relacionada com outras.

Vistas em si e dependendo da organização que o escritor dá a suas criaturas, elas se classificam em planas e redondas, segundo Forster.<sup>33</sup> Para Antônio Cândido há duas famílias de personagens - personagens de costumes e personagens de natureza.<sup>34</sup>

A Narrativa de Ficção do Prof. Ataíde propõe outra leitura para a divisão classificatória;

- a) Indivíduo 
 ↗ dinâmico;  
 ↘ estático;
- b) Tipo;
- c) Caricatura;

Aplicando Forster ou A. Cândido, as personagens de JA serão tipos ou caricaturas. Quando, na verdade, as há

<sup>33</sup> Cf. Forster, E.M. - op. cit.

<sup>34</sup> Cf. Cândido, Antonio - op. cit.

também indivíduos estáticos.

As personagens de costumes são divertidas e vistas de fora. Apresentam traços físicos e são sentimentais. Não alteram seu comportamento ao longo do romance e por isso não surpreende o leitor. São desenhadas e caricaturadas. "As personagens planas eram chamadas 'humorous' no século XVII, às vezes, chamam-nas tipos; às vezes, caricaturas. Em sua forma mais pura são construídas ao redor de uma única idéia ou qualidade: ...".<sup>35</sup>

As personagens esféricas ou de natureza são mais complicadas e difíceis de se compreender. São vistas à luz de suas existências profundas que envolvem a sondagem da mente e do coração. Esse tipo de personagem surpreende o leitor por suas reações diante dos acontecimentos. Apresentam - se elas sob diversos aspectos que lhes servem de moldes. Trazem qualidades - defeitos e virtudes; conflitos - paixões e tormentos, através dos quais "o escritor ilumina o humano e revela a vida".<sup>36</sup>

Os neo-realistas trazem para o romance os grupos humanos mais desfavorecidos pela sorte - os incultos, os violentados pelo trabalho escravizante e pela fome do desemprego. Essas criaturas não teriam a capacidade de refletir e de observar o seu interior psíquico como um romance psicológico exigiria.<sup>37</sup> Essa é a razão de encontrarmos poucas personagens redondas nos romances modernos.

As personagens de JA na quase totalidade são externas planas ou de costumes, sem contudo deixarem de apresentar

<sup>35</sup> Forster, E.M. - op. cit., p. 54.

<sup>36</sup> Aguiar e Silva, V.M. - op. cit., p. 271.

<sup>37</sup> Cf. Aguiar e Silva, V.M. - op. cit.

características psicológicas no plano dos sentimentos. É que o universo de JA apresenta uma sociedade formada de pessoas simples, voltadas para o que é material e sensitivo. Uma desejam possuir sempre mais, dominar; outras querem amar, libertar-se e viver. A sondagem psicológica vertical centra-se mais no indivíduo dinâmico. As pessoas de JA agem, pensam e sentem mais em função do grupo, daí sua exterioridade.

Abrindo parêntese, lembramos que Álvaro Lins foi muito severo ao desclassificar as personagens de JA porque não atonam embebidas de psicologismo. Adverte o romancista estreante dizendo: "... sua imaginação só atua no plano das visões físicas".<sup>38</sup> É pena que o crítico tenha nos deixado e feito sua crítica definitiva tão cedo. Se hoje visse ainda, com certeza concordaria com a nossa posição há pouco estabelecida. Teria tido a oportunidade de observar que JA faz sua literatura não à base da "imaginação", mas, isto sim, à base da realidade. No seu radicalismo transitório AL deixou-nos a presunção de que o escritor deve nascer feito e perfeito. "... já tínhamos, aliás, no Cortico de Aluísio Azevedo, uma obra a todos os títulos superior a Suor".<sup>39</sup> JA diz bem quando afirma: "Sou um homem muito pouco sensível à crítica". "... se um livro é bom a crítica elogiosa pode ajudá-lo e não o pode destruir, se o livro é ruim não há crítica que o salve".<sup>40</sup> Se o escritor fosse sensível por certo teria desanimado. Fechamos o parêntese.

Relacionadas as personagens recebem tratamento diverso, conforme a posição do crítico. O estruturalista classifica-as em nucleares e periféricas, de acordo com a sua participação na ação romanesca. As personagens nucleares formam um conjunto fechado, estão presentes ao longo do texto e sendo dinâmicas conduzem a ação. As periféricas podem ser direcionais e configurantes, i.é, representam a ação. As direcionais formam conjunto fechado e não figuram em toda a extensão do texto. São dinâmicas indicando uma direção da narrativa, sem conduzir a ação. As configurantes são criaturas estáticas, "personagens olheiras" no dizer de L. Goldmann. Configuram a ação, fazendo-se presentes aqui e ali no texto.<sup>41</sup>

Tradicionalmente<sup>42</sup> classificam-se as personagens quanto à hierarquia e à função. Dentro de uma hierarquia temos - a personagem principal que centraliza o interesse do escritor; a personagem secundária que é o suporte da anterior e serve para esclarecê-la; a personagem irrelevante que aparece menos e atua pouco. Funcionalmente as personagens se classificam em: protagonista que é a personagem que figura em primeiro plano e que envolve mais fatos; antagonista é o contra-peso da intriga (oponente). É aquela que cria obstáculos a outras da situação; confidente é aquela que ouve e fica conhecendo a vida das outras (protagonista, antagonista, etc.); secundárias são as que formam o chão social da obra.<sup>43</sup> A personagem pode ter poucas características indicadas pelo autor, mas o modo-de-ser dela completa as indi-

<sup>41</sup> Cf. Guarany, W.C. e Bentz, Ione M.G. - Metacomunicação;

<sup>42</sup> TRADICIONAL, aqui significa que não é estruturalista;

<sup>43</sup> Cf. Ataíde, Vicente - op. cit.

cações. Os contextos comprovam e o pormenor convence e aproxima a ficção da realidade observada.

As dimensões do mundo reduzem-se no romance às experiências vividas pelo herói. A massa heterogênea e descontínua de seres humanos, estruturas sociais insignificantes e fatos acontecidos sem sentido; tudo isso na obra literária recebe uma articulação unitária pelo nexos de cada elemento com a figura central e com o problema vital que esclarece o trâmite da existência dessa personagem - seja ela herói ou um anti-herói.

Sintetizando o que acabamos de pesquisar sobre a personagem de ficção, colocamos agora em perspectiva os conceitos e elementos considerados mais pragmáticos para o estudo morfológico das personagens de JA que logo a seguir faremos.

Vimos que a personagem é um ser reproduzido ou inventado. Aparece esquematizada psíquica ou fisicamente, com predominância de um enfoque, sem excluir outros. É um ente psicológico que age, pensa e sente. A personagem é um dos elementos indispensáveis da narrativa. Ela configura-se desde e através de um processo verbal, lançado intencionalmente sobre o papel pelo escritor. O mundo empírico fornece o material e o romancista, usando a técnica de associação, ajudado pela memória, observação ou imaginação, organiza a criatura conforme sua capacidade artesanal e gosto estético.

Por mais fantásticas que pareçam as personagens, sempre conservam um substrato da realidade em seu comportamento ou aparências físicas. São plausíveis quando revelam vi-

da através da função que exercem e maneira de ser na obra. Elas movimentam o ambiente, conduzem a narrativa e nos comunicam a ideologia da obra e a visão do autor.

A personagem é um elemento sociológico e psicológico. Dentro destes parâmetros ela se caracteriza - como ser integrado numa sociedade, ela se nos apresenta envolta na atmosfera problemática dessa mesma sociedade que a oprime ou a liberta; como ente psicológico se nos afigura entregue aos seus sentimentos (paixões, dores, angústias, aspirações, etc.). A personagem quando apresenta muitas variedades, como acontece com Gabriela, torna-se um símbolo.

O código semântico da personagem abrange um conjunto vasto de elementos. Minimizando podemos classificá-los em dois grupos - externos: o nome, a vestimenta, a cor, o porte físico, os gestos, o comportamento (ação externa), a linguagem, os objetos de uso, o ambiente; internos: a paixão (ódio, amor, ciúme), aspirações (desejo, vontade, esperança, crença), pensamentos (bons e maus), lembrança, saudade, coragem, medo, comportamento (ação interna).

Ainda que o romancista, como JA o afirma: "Há sempre um momento em que o personagem escapa das mãos e do comando de seu criador e vai sozinho em frente, fazendo o que bem quer e decide - seja homem, seja mulher".<sup>44</sup> Geralmente a personagem não está livre no mundo romanesco. Ela é normalmente governada e limitada por seu criador, cuja ideologia e intenções deve externar.

<sup>44</sup> Amado, Jorge - "Carta a Uma Leitora Sobre Romance e Personagem", in Vários - Jorge Amado, Povo e Terra: 40 Anos de Literatura, p. 29.



Para o nosso estudo interessa tanto a posição e atitudes da personagem na cena, quanto o que revela através de sua atividade, de seu pensar e sentir no meio em que vive.

Veremos que JA para organizar suas personagens usa mais técnica associativa, sem excluir as outras.

Dada a intermitência do conhecimento sobre as criaturas, distribuído ao longo das numerosas obras, e porque a cosmovisão do romancista só nos é dada a conhecer no conjunto; impõe-se-nos o estudo de mais obras. Uma vez levantados os elementos, i. é, os enfoques de personagens semelhantes por seu estado social ou por sua posição em face da vida; tentaremos organizar tipos mais freqüentes e representativos da visão bipartida do autor, formados das características mais comuns daquelas criaturas parecidas.

Antes de iniciarmos o estudo das personagens, para melhor entendermos as obras, achamos oportuno dizermos algo sobre o escritor, sua obra, a crítica feita e qual seja o conceito e a função da arte para ele.

## O ESCRITOR

" Difícil definir seus livros, meu caro Jorge. Eles desgarram todos os moldes assentes - são livros de dar dor de cabeça aos acadêmicos, aos seguidores de regras de arte, - Livros dolorosamente terríveis porque contêm verdade demais". " Que ódio secreto não há de ter de você a gente da planície".<sup>1</sup>

Na carta resposta que recebemos a 30 de julho de 1975, Jorge Amado lembrou-nos num "P.S. Meu nome de escritor e também legal é apenas Jorge Amado, não utilizo nem Faria, nem Leal, sobrenomes que teria igualmente direito a usar".

Nasceu dia dez de agosto de 1912, na fazenda de Auricídia que em Terras pertence ao coronel Maneca Dantas; situada em Ferradas, atual município de Itabuna.

Não cabe aqui determo-nos com informes sobre a vida do escritor como pessoa humana; embora sua cordialidade e temperamento de baiano não deixem de contagiar o universo formado por aquela numerosa família, constituída de membros de todas as formas de vida. Considera-lo-emos como escritor, levando em conta que literatura faz e porque escreve. Acreditamos que só é possível entender a literatura de JA se buscarmos antes qual é a finalidade da arte para ele e de onde a extrai.

As obras de JA emanam de duas vertentes, que são o povo e a terra. Tomamos terra aqui no sentido abrangente de terra e mar e rio, que constitui o espaço físico, muita vez,

<sup>1</sup> Tâti, Miécio - Jorge Amado Vida e Obra, p. 87.

a causa da ação humana e repositório da cultura histórica. O povo é a personagem generalizada da volumosa e densa obra de JA. Mas não basta termos a matéria bruta empírica. Há de existir alguém dotado de sensibilidade e hábil no manejo de recursos técnicos para transformar os elementos telúricos e humanos em arte.

Quando adolescente, no gozo da liberdade das ruas, ele absorveu os mistérios da Bahia. Transitando pelas ruas, pelas ladeiras ouviu os cantos, as histórias e cresceu diante do mar, no meio da poesia. Porque desde menino foi um grande devoto do mar. Para ele o mar sempre foi motivo de sonhos e evasões, símbolo de liberdade. Admite que só é possível uma recriação perfeita da realidade, em termos de arte com "vida, sangue, carne e coração latindo", através de um conhecimento vivido, de uma experiência obtida nas circunstâncias da vida: "Se vos falo de tudo isso sem mentir nem degradar, é porque tudo isso é parte intrínseca de minha vida, de meu ser, de minha própria verdade. Não se trata assim, senhora, de crer ou de não crer e, sim de ser ou de não ser".<sup>2</sup>

Para o Sr. Jorge a obra de arte ganhará imortalidade segura quando registra as marcas do seu tempo, quando participa e testemunha a realidade vivente. Caso contrário - "O resultado é uma literatura mofina e chata, apenas pernóstica em suas intenções e ambições, não indo além de projetos fracassados".<sup>3</sup>

Cedo dedicou-se à leitura de escritores, sobretudo

<sup>2</sup> Vários - Jorge Amado, Povo e Terra: 40 Anos de Literatura, p. 26.

<sup>3</sup> Idem, Ibidem, p. 27.

dos séculos XIX e XX. Leu os românticos Almeida Garrett, Walter Scott e José de Alencar, cujo lirismo em prosa aparece tão bem em Mar Morto. Leu também o sátiro Jonathan Swift e Charles Dickens, o escritor das misérias de Londres. Leu os russos, que naquele tempo eram traduzidos em espanhol - Leon Trotsky, Lenine Bukharin, Máximo Gorki, Mikhail Cholokov. De Gorki aprendeu que o escritor é cozeiro e parteiro. Já é um escritor fosseiro quando retrata a sociedade aristocrática em decadência e a enterra simbolicamente com as personagens dos coronéis Horácio da Silveira e Ramiro Bastos. É parteiro quando envolve suas criaturas naquela atmosfera de esperança messiânica: É aquela expectativa de José Cordeiro em Cacau "Mas um dia..."; aquela crença das velhas "alugadas" e enterradas no trabalho e nas dívidas da fazenda São Jorge "... esperança: era a outra vida, o céu onde os mais pobres seriam mais ricos". A nova aurora que amanhece em Gabriela; quando a morte violenta dá lugar às soluções legais nos conflitos humanos. Quando entre o amor e a morte se escolhe o amor.

Nas primeiras páginas de Terras, o autor se apresenta otimista: "Constato com imensa alegria que uma linha de unidade jamais quebrada liga não só toda minha obra realizada nesses dez anos como a vida que durante eles vivi: a esperança - mais que esperança, certeza - de que o dia de amanhã será melhor e mais belo".<sup>4</sup>

Jorge Amado com Lins do Rego são caudatários de Gorki e Tolstói para os quais a literatura deve ter suas raízes no solo, na vida do dia-a-dia com o objetivo de interpretar

<sup>4</sup> Terras, p. 6.

tar seu tempo, sua terra e seu povo. JA, ao contrário de José Lins do Rego e Érico Veríssimo que apresentam o decadentismo da burguesia, ele é construtivista. A ação da vida se fazendo constitui o eixo unitário de suas obras. Apresenta personagens do começo da vida, de uma sociedade que está se amoldando em nova e moderna estrutura. O sr. Jorge Amado acredita no amanhã e no progresso que é o fermento das mutações e das estruturas sociais. Mundinho Falcão fez jus à crença do autor. Nacib e o Coronel Coriolano, em Gabriela, puseram-na em prática.

Em 1928, JA se encontra com o movimento modernista. Lia Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Menotti del Picchia e outros modernistas entusiastas. Viu que a nova estética literária pouco se interessava "no campo social, como arte militante, de conteúdo político". E declara na entrevista ao "Jornal da Noite", de Porto Alegre, em 1º de abril de 1937: "Nos encontramos num momento angustioso. E transformamos a revolução puramente literária dos modernistas num movimento de literatura social. Repetindo uma coisa que já foi muito dita: "Os novos escritores brasileiros passaram a se preocupar com o Brasil, o povo brasileiro, a sua vida, os seus problemas". "E vimos que o Brasil tinha um povo que sofria, que vivia, que tinha problemas e dramas".<sup>5</sup>

O sr. Jorge elege dois protótipos, cujo exemplo segue religiosamente - Castro Alves e Rui Barbosa que sempre se dedicaram à causa da injustiça social, defendendo e libertando o mais fraco e humilde dos prepotentes. A arte de JA não é vazia, se fixa no mediatismo começando pela sondagem

<sup>5</sup> Tati, Miécio - op. cit. pp. 92 e 93.

dos problemas humanos imediatos. Essa literatura atinge o universal por ser bem brasileira. Porque não é só na Bahia ou no Brasil que há beleza e tristeza, fartura e fome, sofrimento e alegria, lutas com derrotas e vitórias, amor e ódio, vida e morte; mas são fatos de todo o universo habitado por seres que tenham sentimentos e estômago. O que é a Bahia social senão a amálgama de todas as raças e nessa miscigenação todos os costumes, todas as religiões, todas as cores, todos os níveis sociais; a confluência de toda a arte do mundo? Por isso aquela democracia nativa, aquela doçura de viver, aquela cordialidade que chega às raias do sensual. Esse complexo cultural forma uma área estética, onde diferentes artistas se inspiram: JA na ficção, Dorival Caymi na música popular, Mário Cravo na escultura e Caribé na pintura.<sup>6</sup> É isso que encontramos nas obras de JA - o todo universal numa parte que é a Bahia e essa "Bahia de Todos os Santos" no mundo todo.

Para JA a arte não pode se manter neutra diante dos grandes conflitos ou mutações sociais. Castro Alves é o exemplo a seguir: "artista do povo, social, político, interessado, revolucionário. E, por isso mesmo, genial".<sup>7</sup>

O romance deve ter um papel político: "O romance é precisamente o resultado dessas épocas de convulsão". "O romancista cria, mas através da humanidade, assentando no real a sua criação, tirando-a da vida diária, os homens e o ambiente. Seria fácil inventar homens e ambiente e colocá-los num romance. Onde residiria o encanto, o interes-

<sup>6</sup> Cf. Filho, Adonias - O Romance Brasileiro de 30, "Jorge Amado";

<sup>7</sup> Tâti, Miécio - op. cit., p. 111.

se desse livro falso? O que o público\* num romance é vida"<sup>8</sup>. Estamos portanto diante de um escritor para quem a arte deve estar a serviço da sociedade. E continua fazendo seu depoimento: "Quanto a mim quis apenas fixar, se possível, dentro do termo de minhas limitações, o homem nascido de tanta mistura e de como ele povoou democraticamente sua nação para nela construir sem preconceitos". Acrescenta que buscou o homem em relação a terra e com outros homens, nos seus momentos maiores no amor e na morte. "... fui buscar homens e mulheres de uma rude humanidade para traçar com eles a saga da conquista da terra, a grandeza e a miséria dos coronéis e do latifúndio, o nascimento de uma civilização na boca dos rifles, de uma cultura amassada na violência".<sup>9</sup>

JA assimilou o popular, o mitológico, o lendário, o demológico, o real e conseguiu passar isso tudo ao plano artístico-literário. Através do documento depõe os fatos e critica, retratando assim uma sociedade em crise; envolvida nos seus problemas econômicos, sociais e morais. O escritor focaliza os momentos altos em que as forças antagônicas da prepotência e da semi-escravidão em choque determinam o comportamento humano.

∅ Jorge Amado é um intérprete dentro de sua liberdade criadora da ambiência física, humana e social. O romance do testemunho nasce preso às condições sociais imediatas. O testemunho nos leva a admitir que o romancista não entende

\* procura

<sup>8</sup> Tati, Miécio - op. cit., p. 89.

<sup>9</sup> Vários - Jorge Amado, Povo e Terra: 40 Anos de Literatura, pp. 28 e 29.

a personagem fora da humanização que se conforma na personalidade social. É a procura do humano através do social. As criaturas se movem geralmente em função do grupo. Gabriela, como veremos, apresenta comportamento baseado na maneira de ser pessoal, com marcas psicológicas próprias. O escritor tem a capacidade de colocar sua preocupação política e social no plano da verdadeira ficção romanesca. No dizer de Álvaro Lins "..., a verdade é que a preocupação política ou social lançada em forma realística e não apenas partidária - poderá aumentar a grandeza do romance".<sup>10</sup> Por sua vocação e temperamento JA soube fazer essa colocação. Não é a filosofia política que entra em jogo, mas um regime social injusto: uma parte da sociedade escravidada por outra parte amparada no capital e na tirania.

Quanto ao estilo, JA é aquele que Heitor Cony viu: " -, ele é uma mistura de pai-de-santo e pajé, um um pajé que conta histórias bonitas, para a imensa taba-global onde à noite, se alguém é capaz de duvidar, repete com certa imprudência: 'Meninos, eu vi!'"<sup>11</sup> Portanto usa estilo narrativo de um bom contador de histórias. Sente-se à vontade na construção de personagens simples, de seres instintivos, na descrição do homem mais diretamente relacionado com o meio em que vive.

"Tudo aquilo que num é espontâneo, dádiva da natureza, o Sr. Jorge Amado apresenta em medidas largas e condições excelentes".<sup>12</sup> Gosta de jogar com as palavras, procu-

<sup>10</sup> Lins, Álvaro - op. cit., p. 230.

<sup>11</sup> Cony, Carlos Heitor - "Jorge Amado de Todos os Santos e Senhoras", Manchete, p. 40 /07:1975/.

<sup>12</sup> Lins, Álvaro - op. cit., p. 236.



rando causar efeito e não raro faz suas largadas poéticas em prosa. Uma linguagem caracteristicamente brasileira. JA pertenceu aos jovens rebeldes que buscavam uma literatura de conteúdo universal numa expressão nacional. Caracteriza as personagens dando-lhes a linguagem do seu nível social e do meio em que no momento o falante se encontra.

Para Álvaro Lins o uso dos palavrões só cabe quando a necessidade estilística exigir: "As palavras realistas de Cacau não são assim condenáveis e desagradáveis em si mesmas, ou mediante qualquer escrúpulo moral, tão-só pela vulgaridade, pela falta de bom gosto e senso artístico".<sup>13</sup> O sublime crítico não percebeu que o Sr. Jorge Amado procurou ser fiel à realidade. José Cordeiro personagem que observou e narra exclama: "Mais animais do que homens, tínhamos um vocabulário reduzidíssimo onde os palavrões imperavam".<sup>14</sup> Não podia usar uma linguagem distraída do meio, uma expressão de sala de visitas.<sup>15</sup> O erro que ali aponta para escândalo do crítico e do leitor de fino trato social ou para o severo gramático; se justifica pelo toque de originalidade do meio e do falante primitivo. JA é o modernista mais talhado para levar a bons termos a tarefa de abasileiramento da língua\* por José de Alencar.

A expressão amadoniana não apresenta rigor crucial (e quem hoje pode manter a severidade dos princípios e leis, no mundo evolutivo e liberal em que vivemos?). E se houvesse o rigor reclamado na linguagem romanesca de JA teríamos então a originalidade sacrificada. A essência es-

<sup>13</sup> Lins, Álvaro - op. cit., p. 240.

\* iniciada

<sup>14</sup> Cacau, p. 151.

<sup>15</sup> Cf. Andrade, Mário - O Empalhador de Passarinho, p. 35 et passim.

tá na proporcionalidade do fato e de sua expressão, por isso nas obras amadonianas tudo é sumarento quando ao lado do desregramento e da "vulgaridade" se encontra a espontaneidade.

O mundo verbal de JA apresenta profunda autonomia literária. Ainda recentemente quando se verteu o romance Gabriela para a forma novelística causou estranheza o ritmo visual, que é bem diferente do universo lingüístico do romance.

## AS OBRAS

1. Lenita (1928) - novela escrita de parceria com Edison Carneiro e Dias da Costa. Foi publicada em folhetim em "O Jornal" e em livro pelo editor A. Coelho Branco Filho, Rio de Janeiro.
2. O País do Carnaval (1931) - romance encaminhado por Otávio de Faria e Augusto Frederico Schmidt, em cuja Editora foi publicado, Rio de Janeiro.
3. Rui Barbosa Número 2 (1932) - "... era O País do Carnaval para pior e para melhor...", e o autor resolveu enfurná-lo.
4. Cacau (1933) - romance publicado pela Ed. Ariel, Rio de Janeiro.
5. Suor (1934) - romance publicado pela Ed. Ariel, Rio de Janeiro.
6. Jubiabá (1935) - romance editado pela Liv. José Olympio Ed., Rio de Janeiro.
7. Mar Morto (1936) - romance premiado "Graça Aranha", editado pela Liv. José Olympio Ed., Rio de Janeiro.
8. Capitães da Areia (1937) - romance publicado pela Liv. José Olympio Ed., Rio de Janeiro.
9. A Estrada do Mar (1938) - livro de poemas em prosa (edição limitadíssima), foram divulga-

dos alguns trechos pelo semanário "Dom Casmurro" e como livro foi publicado em Estância (SE).

10. Brandão Entre O Mar E O Amor (1941) - romance escrito de parceria com José Lins do Rego, Graciliano Ramos, Raquel de Queiroz e Aníbal Machado. Foi editado pela Liv. Martins Ed., São Paulo.
11. A B C De Castro Alves (1941) - livro de conteúdo político e biográfico, ousada e perigosa exaltação à liberdade naqueles tempos. Foi publicado enquanto o autor estava no Prata pela Liv. Martins Ed., São Paulo.
12. Vida De Luíz Carlos Prestes, O Cavaleiro Da Esperança (1945) - a edição argentina é de maio de 1942. É "a história de um Líder, cuja vida se confundia com a própria vida revolucionária de seu povo". Os exemplares que circularam no Brasil nunca tiveram dono e passavam de mão em mão a preços exorbitantes. Em língua portuguesa foi feita a edição pela Liv. Martins Ed., São Paulo.
13. Terras Do Sem Fim (1942) - romance adaptado para o cinema com o nome "Terra Violenta", para o teatro e para o rádio. Foi concluído em Montevideú, cuja primeira edição esgotou-se em quinze dias. No

Brasil foi publicado pela Liv. Martins Ed., São Paulo.

14. São Jorge Dos Ilhéus (1944) - é continuação de Terras do Sem Fim que foram escritos sob o mesmo título Sinhô Badaró. Liv. Martins Ed., São Paulo.
15. O Amor De Castro Alves (1947) - peça teatral escrita sob encomenda de Bibi Ferreira, mas não encenada 1944 . A primeira edição com esse nome foi publicada por Edição do Povo, Rio de Janeiro 1947. Na segunda edição o livro apareceu com o título O Amor do Soldado pela Liv. Martins Ed., São Paulo.
16. Bahia De Todos Os Santos (1945) - é um "guia das ruas e dos mistérios da cidade de Salvador". "Nunca se sabe bem o que é mentira nesta cidade". Liv. Martins Ed., S.Paulo.
17. Seara Vermelha (1946) - este romance mostra que "o sofrimento não faz ninguém ficar bom, seu doutor...". Liv. Martins Ed., S.Paulo.
18. O Mundo Da Paz (1951) - "é livro de viagem que hoje não tem mais a ver com aqueles tempos". Está fora de edição por vontade do escritor desde 1954. Foi publicado pela Editorial Vitória, Rio de Janeiro.
19. Os Subterrâneos Da Liberdade (1954) - nas primeiras cinco edições esta trilogia foi publicada em três volumes como um único romance.

Hoje a edição brasileira vem sob a forma de três romances ligados com o mesmo título e com o nome particular de cada um: I Os Ásperos Tempos, II Agonia da Noite e III A Luz no Túnel. Obra escrita durante a permanência no Castelo da União dos Escritores em Dobris na Tcheco-Eslováquia, no período de janeiro de 1950 a abril de 1952. Foi na fase de exílio voluntário do autor pela carência de condições políticas para viver no Brasil, Liv. Martins, Ed., São Paulo.

20. Gabriela, Cravo E Canela (1958) - romance premiado "Machado de Assis (INL), Carmem Doloros Barbosa, Prêmio Jaboti (CBL), Luísa Cláudio de Souza (Pen.Club do Br.), Paula Brito (Prefeitura do D.Federal)" Liv. Martins, Ed., São Paulo.

21. Os Velhos Marinheiros (1961) - duas histórias novelescas da Bahia: A Morte e A Morte de Quincas Berro D'Água - publicada inicialmente na revista carioca "Senhor", números de 1959. A Completa Verdade Sobre as Discutidas Aventuras do Comandante Vasco Moscoso de Aragoão, Capitão de Longo Curso - novela que unida à anterior passou a integrar o livro Os Velhos Marinheiros publicado pela Liv. Martins Ed., S. Paulo.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Tavares, Paulo - Correspondência ao autor deste trabalho /03:01:1976/.

22. Os Pastores Da Noite (1964) - romance que tem por cenários as ladeiras, as ruas e o cais de Salvador. A sociedade pastora é constituída do mundo popular baiano. Liv. Martins Ed., São Paulo.
23. Rosalinda (1965) - conto cujo nome completo é As Mortes e o Triunfo de Rosalinda, foi escrito especialmente para a coletânea de contos, intitulada Os Dez Mandamentos, com mais nove autores e publicada por Civilização Brasileira, Rio de Janeiro.
24. Dona Flor E Seus Dois Maridos (1966) - romance que conta "A Espantosa Batalha Entre o Espírito e a Matéria", com lições de moral. Liv. Martins Ed., São Paulo.
25. Tenda Dos Milagres (1969) - romance que mostra a luta de um povo para sobreviver numa civilização, desenvolvendo cultura, empenho esse representado na personagem de Pedro Archanjo. Liv. Martins Ed., S. Paulo.
26. Tereza Batista Cansada de Guerra (1972) - "Peste, fome e guerra, morte e amor, a vida de Tereza Batista é uma história de cordel"; e nisto está explicado este romance. É um livro que ensina ao leitor acreditar "mais na vida". Liv. Martins Ed., São Paulo.

## A OBRA INDIVISA DE JORGE AMADO E A CRÍTICA

"É que estou do lado do povo contra aqueles que exploram o povo".<sup>1</sup>

Não existe ainda um estudo mais acabado, nem mesmo um consenso de opiniões entre os críticos e historiadores da literatura de JA. Talvez Monteiro Lobato tenha sido indiscreto em dizer logo a verdade - "Livros dolorosamente terríveis porque contêm verdades demais". E com isso teria assustado muita gente, pelo que sentimos falta.

Os historiadores críticos da Literatura Brasileira, costumam fixar ou caracterizar escritores através de fases evolutivas que marcam o aprimoramento estético. Uns se prendem à temática, outros às fontes de inspiração e uns terceiros à perfeição técnica.

No caso de Jorge Amado temos posições diferentes, desencontradas, ainda que não contraditórias.

Luís Costa Lima em A Literatura no Brasil, aponta duas fases: "Gabriela, Cravo e Canela inaugura uma fase importante na produção do autor por admitir os seus limites".<sup>2</sup> Temos a sugestão de duas fases quando nos declara: "Os Pastores da Noite não representam, portanto, a síntese amadurecida, em que se incluíssem e se anexassem as suas duas fases de escritor".<sup>3</sup>

Alfredo Bosi distingue cinco momentos na produção literária de JA:

" a) um primeiro momento de águas-fortes da vida

<sup>1</sup> Amado, Jorge - Entrevista cit., p. 15.

<sup>2</sup> Lima, Luís Costa - "Regionalismo". in Coutinho, Afrânio - A Literatura no Brasil, p. 321, vol. V.

<sup>3</sup> Idem, Ibidem, p. 325.



baiana, rural e citadina (Cacau, Suor) ...;

" b) depoimentos líricos, ... (Jubiabá, Mar Morto, Capitães de Areia);<sup>4</sup>

" c) um grupo de escritos de propagação partidária (O Cavaleiro da Esperança, O Mundo da Paz);

" d) alguns grandes afrescos da região do cacau ... (Terras do Sem Fim, São Jorge dos Ilhéus);

" e) mais recentemente, crônicas amaneiradas de costumes provincianos (Gabriela, Cravo e Canela, Dona Flor e Seus Dois Maridos)".<sup>5</sup>

Para Wilson Martins a carreira literária de JA apresenta "três fases diferentes" e paradoxalmente complementares, afirma o crítico:

"a fase de Lenita (a que ainda pertence O País do Carnaval);

"a fase dos seus romances baianos e políticos...;

"a fase que eu chamaria acadêmica, no bom e no mau sentido da palavra, marcada por Gabriela, Cravo e Canela...<sup>6</sup>;

Eduardo Portella, em Jorge Amado, Povo e Terra, apresenta outra visão ainda, sob o título: "A Fábula em Cinco Tempos": "..., o que houve foi antes de tudo uma reiteiração aprofundada que, desenvolvendo-se através de cinco tempos, ...". "..., e que seria o tempo da elaboração motivadora, o da motivação baiana, o da motivação telúrica, o da motivação pluridimensional".<sup>7</sup>

<sup>4</sup> Capitães de Areia, corrigimos para Capitães da Areia, que é o certo.

<sup>5</sup> Bosi, Alfredo - História Concisa da Literatura Brasileira, p. 457.

<sup>6</sup> Martins, Wilson - O Modernismo: A Literatura Brasileira, p. 276, vol. VI.

<sup>7</sup> Vários - Jorge Amado, Povo e Terra: 40 Anos de Literatura, p. 72.

Como afirmávamos ao abrir este capítulo não há um consenso possível. A temática imbricada ora com a cronologia das obras, ora com o ambiente físico ou social e mesmo a realidade desfazem a pertinência de um possível princípio, que determine as obras dentro de fases que na verdade não existem. Se atentarmos bem os "depoimentos líricos", a "pregação partidária" e o "tempo pluridimensional" perpassam toda a obra amadoniana, em maior ou menor evidência. Idéias nas primeiras obras pouco desenvolvidas, lá adiante recebe seu desenvolvimento pleno. Em Cacau temos apenas amostra de coronéis e quem diria em Terras, São Jorge e em Gabriela? Aqui põe em choque o coronel com seus "alugados", lá o coronel com o exportador e além o coronel com a política progressista. Já é um lírico que demanda o épico. Sempre foi partidário dos que sofrem - "..., em favor do povo contra os inimigos do povo, em favor da liberdade contra a opressão, em favor da fartura contra a fome e a miséria, a favor do futuro contra o passado, a favor do socialismo contra as sociedades feudal e capitalista".<sup>8</sup>

Há críticos que ainda duvidam se o autor de Helena é o mesmo que de Dom Casmurro. E se prosseguirmos por esses caminhos, daqui a pouco duvidaremos também se o autor de O País tenha sido o mesmo que o de Dona Flor.

Vejamos esta outra posição, que nos parece mais viável, de Carlos Heitor Cony: "Nunca houve etapas na obra de Jorge Amado: ela é inteira coerente, vívida, caudalosa, formalmente irregular e densamente regular". "Tanto no caso de Machado como no de Jorge, só se compreende a obra madu-

<sup>8</sup> Entrevista - "Jorge Amado: Escritor Fiel à Vida de Seu Povo", (rev.) 365, p. 152, nº1 /1975/.

ra quando se aceita a premissa humana e literária da chamada obra progressa, os sofridos copíões do aprendizado".<sup>9</sup> Há portanto um amadurecimento na vida literária do escritor. Devemos abandonar a crença de que o escritor nasce escritor. "Jorge nada tem de carismático, de imponente, de sagrado. É o povo que sabe colocar o povo em sua obra".<sup>10</sup> Numa visita que fizemos o autor nos dizia: "Eu estou desde o primeiro livro que escrevi até esse que estou escrevendo agora do lado do povo e contra aqueles que exploram o povo - isso é que dá unidade à minha obra. Essa estrutura vem se modificando de livro para livro à medida que minha experiência literária e experiência humana vão crescendo com o tempo".<sup>11</sup>

O que ocorre na verdade é o desenvolvimento de idéias e a focalização de problemas humanos nos seus múltiplos aspectos, através de uma técnica cada vez mais aprimorada pela experiência das obras progressas. Miécio Tâti viu antes de nós a realidade: "Não se pode dizer que, com Gabriela, Cravo e Canela, tenha surgido um novo Jorge Amado, a praticar inesperadamente, um gênero de romance até então inexplorado na seqüência de sua obra literária:..."<sup>12</sup> Explica que o picaresco e o pitoresco não "são de considerar-se ausentes na obra progressa" e que em Gabriela, esses elementos se evidenciam com mais domínio e se constituem um sistema, dando ao livro o carácter exclusivamente burlesco.

<sup>9</sup> Cony, Carlos Heitor - "Jorge Amado de Todos os Santos e Senhoras" , Manchete, p. 42 /07:1975/.

<sup>10</sup> Idem, Ibidem.

<sup>11</sup> Amado, Jorge - Entrevista cit., p. 15.

<sup>12</sup> Tâti, Miécio - op. cit., p. 160.

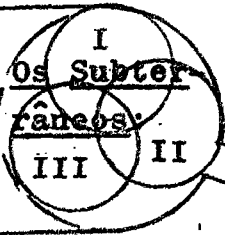
Caberia aqui perguntarmos - se não há fases na evolução literária de JA, por que então este trabalho tomar a obra Gabriela, como limite?

A resposta teria os seguintes argumentos: primeiro, o romance Gabriela não serve como limite de personagens. O tipo do vagabundo se completaria com Vadinho em Dona Flor. Da mesma forma, com a mulher valente que teria seu remate em Tereza Batista. Segundo, o ideal era dissecarmos todas as personagens-tipos ao longo de todas as obras - isso não fossem tão vastas, o tempo tão exíguo e a vida tão enredada em outras malhas. Fica a idéia e a promessa de um trabalho futuro mais acabado. Terceiro, estudamos as obras até Gabriela, porque como dissemos, todas são demais e porque essas já nos oferecem exemplos suficientes de personagens para um bom número de tipos que nos possam testemunhar a visão do autor sobre seu mundo humano.

UMA OBRA UNITÁRIA E PROGRESSIVA

" ESTOU DO LADO DO POVO CONTRA AQUELES QUE EXPLORAM O POVO "

Luta do operário brasileiro contra o capital estrangeiro e o despotismo do poder. . . .



Gabriela

Uma trégua: a libertação da mulher e a justiça legal são indícios de novos tempos. . .

"...e sairás daqui certa de que este mundo está errado e que é preciso re-fazê-lo p/melhor."

Bahia

Seara

"Cai orvalho do sangue do escravo. . . . Cai orvalho na face do algos. . . ."

Drama da existência torturada dos que trabalham e lutam pela posse da terra. . . . .

Terras

São Jorge

O truíste do capital estrangeiro. As terras com outros donos e os trabalhadores explorados

"Voz que traz o bem maior do mundo, bem que é igual ao sol, mesmo maior que o sol: a liberdade!"

Capitães

A B C

" Tenho sempre encarado a vida de frente e, como ele escrevo para o povo e em função do povo "

" Ali na greve todos se amavam, se defendiam e lutavam contra a escravidão". . . . .

Jubiabá

Mar Morto

" Viu uma mulher forte que lutava!" "A luta era seu milagre", que dona Dulce esperava. . . .

" Documento doloroso da vida dos trabalhadores da fazenda". . . . .

Cacau

Suor

"... das fazendas de cacau para o sobradão da Ladeira do Pelorinho", 68. . . . .

O País

" Procura do humano através do social "

## TIPOS DE PERSONAGENS E VISÃO DO AUTOR

"Quid faciant leges, ubi sola pecunia regnat, aut ubi paupertas uincere nulla potest?"<sup>1</sup>

No dizer de Alfredo Lage o artista tenta violentar o burguês, convertendo-o para o ideal de integração humana. Usa de toda a crueldade, mesmo sabendo que o burguês pode até deixá-lo morrer de fome. Aponta-lhe os defeitos, responsabilizando-o pelas misérias e injustiças da sociedade, vítima do seu poder e capital. Enquanto o burguês parece na sua crueldade, o artista facilmente cai na suspeita suspeita sempre que transformar um marginal em herói. Apesar disso cumpre seu destino, penetrando os íntimos da alma humana, "buscando o irracional para si mesmo",<sup>2</sup> abrindo assim os abismos que trazem a arte.

Em JA encontramos o constante binarismo - um regime de semi-escravidão contra o senhoril burguês, visto sob múltiplos aspectos e níveis que se torna causa do enredo nos romances. A situação calamitosa de miséria, de fome, de injustiça e de aprisionamento, em que o ser humano se sente e se vê enredado, explode em luta; geralmente sob a liderança de uma personagem. Daí se afirmar que as criaturas de JA geralmente lutam em função de um grupo.

A visão do autor se revela através das personagens ou diretamente. Há certos conceitos que ele mesmo, o autor, deixa em dúvida, no meio de tanta violentação dos princípios humanos: "O difícil é estabelecer exatamente o conceito do

<sup>1</sup> Petrone, A.C. - Le Satiricon, p. 10.

<sup>2</sup> Cf. Lage, Alfredo - A Revolução da Arte Moderna;

bem e do mal. Ai daquele que o tentasse a sério: ficaria louco ...".<sup>3</sup>

JA não recria a vida por ouvir dizer, mas reitera aquilo que viveu ardentemente e com paixão. Para ele a arte e o artista têm compromisso com a sociedade. Nem por isso a personagem será uma transposição fiel da realidade para o romance. Ilustramos a tese com elementos fornecidos por Miécio Tati. Considera-se a personagem Jubiabá que representa um pai-de-santo no livro Jubiabá. O autor faz o seguinte depoimento;\* uma síntese dos pais-de-santo. É claro que estão mesclados no meu Jubiabá vários pais-de-santo que deram aquele tipo. O físico de um, a moral de outro, assim por diante".

Ocorre que no Morro da Cruz do Cosme morava o pai-de-santo, Severino Manuel de Abreu - curador e macumbeiro. Esse mostrou-se muito descontente ao ser entrevistado por um repórter do "Diário da Tarde" do Recife. "Eu nunca morei em casa de barro, sempre tive minhas posses, sempre fui arremediado". "Quem lê o livro fica pensando que eu sou um macumbeiro qualquer que vive tapeando o povo ignorante. Mentira. Eu fazia um bocado de baixo espiritismo porque é preciso contentar a todos. Mas sou um homem que estudo,..."

Continua depondo o autor: "Ora, calcule você que eu pretendi criar um tipo de macumbeiro que fosse um verdadeiro sacerdote da sua religião, um homem bom, um tipo nobre e sereno, verdadeira figura de pai espiritual, de mentor de uma multidão de homens".<sup>4</sup> Enquanto a crítica mostrou-se unânime em mais de 70 artigos; o mulato Severiano

<sup>3</sup> Seara, p. 122.

<sup>4</sup> Tati, Miécio - op. cit., p. 79.

\* "Dizia que meu personagem era evidentemente,

protestara pela deturpação que o escritor lhe fizera, considerando-se o tipo real. JA no seu depoimento nos mostra a técnica de construção da personagem - "o físico de um, a moral de outro".

Em JA as personagens se configuram seres que uma vez postos de pé, alguns dispensam por assim dizer a presença do autor. Eles seguem e constrói seu destino: "O personagem atinge sempre mais além de nós, escritores". "Há sempre um momento em que o personagem escapa das mãos e do comando de seu criador e vai sozinho em, fazendo o que bem quiser e decide".<sup>5</sup> Aponta o capitão João Magalhães que chegou a Ilhéus para ganhar dinheiro no jogo de pôquer e acaba ficando dono de roças de cacau se casando com Don'Ana Badaró.

JA não concorda com a crítica que lhe aponta a repetição de personagens. "Se os personagens se repetem é porque são tipos tirados da vida".<sup>6</sup> Seria muito falso mesmo escrever sobre o ciclo do cacau e apresentar um único coronel, de feição completa para satisfazer críticos que reclamam contra o autor de criar um mundo de seres e todos incompletos.

Depois dessas considerações, cremos ter chegado o momento de tratarmos das personagens. E como já propomos, observaremos exemplares da mesma função ou estado social, cuja soma de traços mais comuns desses perfis nos levará ao tipo. Para dar a visão do autor sobre o ser humano parece-nos possível e suficiente os seguintes:

- |              |              |
|--------------|--------------|
| 1. O CORONEL | 3. O CAPATAZ |
| 2. O ALUGADO | 4. O CAPANGA |

<sup>5</sup> Vários - Jorge Amado, Povo e Terra: 40 Anos de Literatura, p. 29.

<sup>6</sup> Amado, Jorge - Entrevista cit., p. 15.



- |                       |                             |
|-----------------------|-----------------------------|
| 5. O FILHO DO CORONEL | 14. O POLÍTICO              |
| 6. O VAGABUNDO        | 15. O CHEFE DE POLÍCIA      |
| 7. O OPERÁRIO         | 16. O CAPITALISTA           |
| 8. O LÍDER            | 17. A MULHER SUBMISSA       |
| 9. O MILITANTE        | 18. A MULHER QUE SE LIBERTA |
| 10. O SACERDOTE       | 19. A MULHER DESAMPARADA    |
| 11. O FEITICEIRO      | 20. A MULHER SOLTEIRONA     |
| 12. O BEATO           | 21. A MULHER GUERREIRA      |
| 13. O JAGUNÇO         | 22. GABRIELA                |

## 1. DOS CORONÉIS AO TIPO CORONEL

Excepcionalmente para caracterizarmos este tipo romanesco, apresentaremos o perfil de quantos exemplares tenham ocorrido nas obras. Veremos que o autor não repetiu modelos de personagens, mas que ficou fiel à realidade. Apesar de não trazer um tipo sequer completo, nem por isso deixa de ser clara sua visão ou duvidosa sua postura de escritor enganado. Para os outros modelos apresentaremos apenas exemplares suficientes para caracterizar o tipo e dar a visão do autor.

Observamos que para referir os extratos, em forma de síntese, usaremos a linguagem narrativa. Na formulação dos tipos situamo-nos num outro plano, em que devemos empregar a linguagem própria da crítica (metalinguagem).

### Resenha dos Extratos:

- 1.1 . Coronel Godofredo Rigger (O País);
- 1.2 . Coronel Manuel Misael de Sousa Telles (Cacau);
- 1.3 . Coronel Chico Vieira (Cacau);
- 1.4 . Coronel Ferreirinha (Terras);
- 1.5 . Coronel Ramiro (Terras e São Jorge);
- 1.6 . Coronel Totonho do Riacho Doce (Terras e São Jorge);
- 1.7 . Coronel Astrogildo (Terras);
- 1.8 . Coronel Sinhô Badaró (Terras e São Jorge);
- 1.9 . Coronel Horácio da Silveira (Terras e São Jorge);
- 1.10. Coronel Juvêncio (Terras);
- 1.11. Coronel Jacinto (Terras);
- 1.12. Coronel Teodoro Martins (Terras);
- 1.13. Coronel Manuel Dantas (Terras e São Jorge);

- 1.14 . Coronel Juca Badaró (Terras e São Jorge);
- 1.15 . Coronel Marcelino Badaró (Terras e São Jorge);
- 1.16 . Coronel Janjão (São Jorge);
- 1.17 . Coronel Miguel Lima (São Jorge);
- 1.18 . Coronel Silvino (São Jorge);
- 1.19 . Coronel Frederico Pinto (São Jorge);
- 1.20 . Coronel Inácio (Seara);
- 1.21 . Coronel Juvenal (Seara);
- 1.22 . Coronel Bragança (Seara);
- 1.23 . Coronel João Batista (Seara);
- 1.24 . Coronel Venâncio Florival (Os Subterrâneos II,III);
- 1.25 . Coronel Ramiro Bastos (Gabriela);
- 1.26 . Coronel Ribeirinho (Gabriela);
- 1.27 . Coronel Coriolano (Gabriela);
- 1.28 . Coronel Manuel das Onças (Gabriela);
- 1.29 . Coronel Melk Tavares (Gabriela);
- 1.30 . Coronel Amâncio Leal (Gabriela);
- 1.31 . Coronel José Antunes (Gabriela);
- 1.32 . Coronel Ananias (Gabriela);
- 1.33 . Coronel Aristóteles Pires (Gabriela);
- 1.34 . Coronel Otaviano (Gabriela);
- 1.35 . Coronel Pedro Ferreira (Gabriela);
- 1.36 . Coronel Abdias de Sousa (Gabriela);
- 1.37 . Coronel Jesuíno Mendonça (Gabriela);
- 1.38 . Coronel Altino Brandão (Gabriela);
- 1.39 . Coronel Clementino (Terras);
- 1.40 . Coronel Eduardo (Terras);

1.1 . Coronel Godofredo Rigger - era muito trabalhador. Morreu cedo, deixando para a família uma bela fazenda em Ilhéus. Parece-nos que é um exemplo da regra geral de que os coronéis lutam até à morte para o bem dos filhos e esses se desgarram. Assim foi Paulo Rigguer, filho de Godofredo, um sibarita.

1.2 . Coronel Manuel Misael de Sousa Teles - era dono da fazenda Fraternidade que atravessava o município de Ilhéus. Era casado e tinha um casal de filhos.

O autor o apresenta de voz arrastada, de olhos maus e barrigudo - a barriga era "símbolo da sua fartura e da sua riqueza".<sup>1</sup> Era conhecido como o maior fazendeiro de cacau do Estado: "Manuel Misael de Sousa Teles, o rei do cacau, senhor feudal ...".<sup>2</sup> Em Gabriela são apontados "os jardins do palacete do coronel Misael".<sup>3</sup> Em Terras num caxixe perdeu 70 contos para o negro Claudinor. Em São Jorge os herdeiros de Misael venderam as ações das docas do porto à "Exportadora".

É conhecido por um guarda civil como dono de um enorme prédio, homem rico e banqueiro. " - Um idiota". "A alegria desse miserável é fazer mal aos outros".<sup>4</sup>

É ridicularizado por seus trabalhadores com epítetos "Mané Miserável Saqueia Tudo", "Mané Fragelo me tomou o que eu tinha".<sup>5</sup> O desbocado negro Honório, capanga de plena estima do coronel, com as iniciais do nome arruma um acrósti-

<sup>1</sup> Cacau, p. 130.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 179.

<sup>3</sup> Gabriela, p. 41.

<sup>4</sup> Cacau, p. 137.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 143.

co bem chulo: "-Merda Mexida Sem Tempero".

Era considerado neto de Caim. "A avó de Mané Frajelo era rapariga do Pontal". "A mãe morreu de fome quando não pode mais trepar com home".<sup>6</sup> Misael com setenta anos tem duas amantes.

Para ele os trabalhadores não tinham direito ao descanso que estariam roubando. "... trate de não me roubar" recomendava ao novo trabalhador. Ele podia roubar dos trabalhadores no armazém, roubar a fazenda de João Evangelista, matar quantos lhe prejudicassem seus interesses. O ex-trabalhador, Vicente, informa: " - Um fio da puta é que ele é. Trabalhei lá três anos". E saiu - com "cinco mil-réis".<sup>7</sup> O guarda conclui: É preferível ser pobre a ser rico e viver como esse miserável. De que servem eles? Só sabem furtar ... E rezam. Rezam, acredite. Pretendem o céu. Talvez comprem mesmo um lugar por lá".<sup>8</sup>

Para Misael o cacau valia mais do que os seres humanos. "O cacau era o grande senhor a quem até o coronel temia".<sup>9</sup> Porque um moleque derruba um fruto verde, o coronel o suspende pelas orelhas e o surra com uma tábua de caixote. Quando os filhos nas férias, juntos com os trabalhadores soltam o balão que dá início ao incêndio no cacau, Misael fica alucinado: " - Corram, corram, pestes. Não deixem que ele queime a roça". " - Filhas da puta".<sup>10</sup> Aqui temos a imagem de um coronel traçada pelo escritor, por ou-

<sup>6</sup> Cacau, p. 167.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 144.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 133.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 178.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 200.

tras personagens e por suas atitudes.

1.3 . Coronel Chico Vieira - é referido apenas pelos trabalhadores do cacau, como sendo mais humano do que o cruel Mané Fragelo.

1.4 . Coronel Ferreirinha - era dono de roças de cacau. Conhece o Capitão João Magalhães e o coronel Juca Bardaró. Joga pôquer com o capitão João e o coronel Teodoro. Elogia os pratos gostosos da cozinha do coronel Maneca Dantas.

Dança com mulher nova por quem fica doido. Se faz presente na festa de São Jorge.

1.5 . Coronel Ramiro - compra a fazenda Beija-Flor do coronel Horácio de Ferradas. No negócio incluíram-se as roças dos trabalhadores Altino, Orlando e Zacarias que perderam tudo. Tinha um palacete em Ilhéus um pouco antes do bairro da Ilha das Cobras.

1.6 . Coronel Totonho do Riacho Doce - aparece sombrio e calado. Numa das mãos lhe restavam sé três dedos e tinha um olho vasado. Dizia-se que resistira à polícia e com três balas no corpo ainda atirava. Jogava pôquer com o capitão João Magalhães. Mais resmungo do que fala: "Pôquer curingado não é pôquer". "Totonho olhou com um olhar torvo, não comentou".<sup>11</sup> Diziam também: " - Que o coronel Totonho do Riacho Doce largou a família para ir atrás de uma rapariga, ...".<sup>12</sup> Em São Jorge reaparece, quando morre "resmungando contra os exportadores".<sup>13</sup> que lhe arrematam a fa-

<sup>11</sup> Terras, p. 23.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 113.

<sup>13</sup> São Jorge, p. 239.

zenda.

1.7 . Coronel Astrogildo - surge no salão de jogo de Nhôzinho em Ilhéus. É chamado para ver as altas apostas. Ao ser ofendido pelo coronel Teodoro Martins, reagiu: " - Filho da puta é você, seu valente de merda ... - e sacava o revólver querendo atirar".<sup>14</sup>

1.8 . Coronel Sinhô Badaró - é visto de olhos semi-cerrados e barbas longas e negras. Era viúvo. Foi incumbido pelo velho pai Marcelino a reconstruir a fortuna dos Badarós. "Tu é que pai deixou tomando conta de tudo..."<sup>15</sup> Dizia-lhe Juca, o irmão mais novo. Tinha quase dois metros de altura e sentava-se na alta cadeira austríaca de braços quando era preciso decidir algo importante.

"A Sinhô Badaró repugnava ver correr sangue de gente".<sup>16</sup> Ele só o fazia quando não havia outro meio. Para chegar às matas do Sequeiro Grande era uma necessidade liquidar Firmo, uma vez que era amigo do coronel Horácio e não vendia a pequena propriedade. Os olhos do Sinhô se ascenderam e a voz encheu a casa: "Sinhô Badaró fez um gesto com a mão, Juca compreendeu, chamou os homens ...",<sup>17</sup> era a decisão para matar Firmo.

Gostava de ouvir a leitura da Bíblia, aquelas passagens das relações sexuais. Para ele a Bíblia era um livro mágico. Nas decisões mandava abri-la ao léu para ver o que dizia. " - A Bíblia não mente nunca. Nunca me dei mal

<sup>14</sup> Terras, p. 133.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 45.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 43.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 45.

seguindo ela".<sup>18</sup> O autor mitifica o coronel: "Sinhô Badaró, se levanta, era majestoso, parecia um profeta antigo...".<sup>19</sup>

Recebia visitas do padre e do juiz. "...já então os Badarós eram uma potência diante da qual a lei e a religião se inclinavam".<sup>20</sup> Considerava-se dono da mata do Sequeiro Grande. "Se Horácio fosse para diante ele iria também".<sup>21</sup> Registrou o título de posse no cartório de Domingos Reis. "É minha e ai de quem quer se meter nela...".<sup>22</sup> Ele não era de duas palavras - dentro de cinco anos colheria cacau das terras do Sequeiro Grande. Escapando do atentado, mata um homem do coronel Horácio. Comanda os homens na derrubada da mata. Ele luta para fazer dos Badarós uma potência mais rica do coronel Misael e conservar o nome.

Don'Ana era a filha e "Quem casar com Don'Ana tem que virar um Badaró. É o contrário de todo o mundo que o homem dá o nome à mulher".<sup>23</sup>

Fazia-se acompanhar pelo capanga Damião, o encarregado de matar os inimigos. Quando Sinhô passava todos se inclinavam em cumprimentos. A ironia de JA se completa quando coloca Sinhô ao lado de seu maior inimigo Horácio carregando o andor do santo guerreiro, São Jorge. " - Quem diria... o coronel Horácio e Sinhô Badaró juntos, um ao lado do outro". E os assistentes exclamam: "- Cada um deles ta rezando para que o santo o ajude a matar o outro".<sup>24</sup>

<sup>18</sup> Terras, p. 31.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 32.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 64.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 148.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 154.

<sup>23</sup> Ibidem, p. 184.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 157.



Desesperado pela má venda do cacau e pela mudança política entregou as terras do Sequeiro Grande ao amigo coronel Teodoro. Resistiu ao cerco. Ferido nunca se restabeleceu, "Sinhô Badaró morrera, anos depois, do desgosto, da vergonha de não ser o mesmo senhor de terras de antigamente".<sup>25</sup>

1.9 . Coronel Horácio da Silveira - fora tropeiro de burros no Rio do Braço. É um tipo fechado, soturno e com o rosto picado de bexiga. Ele ria sempre para dentro. Trocou o chicote pela repetição na conquista da terra. Tem uns 50 anos de idade.

Sua fama é lendária e conhecida em Ilhéus, Tabocas, Palestina, Ferradas, Água-Branca, Água-Preta e além. As beatas diziam que ele tinha "o diabo preso numa garrafa". "E o diabo, feito servo obediente, atendia a todos os desejos de Horácio, ...".<sup>26</sup> Podemos imaginar o perigo entre os dois inimigos poderosos: aqui o Sinhô Badaró diante do qual "a justiça e a religião se inclinavam", lá Horácio a quem o diabo obedece. Horácio considerava-se credor da religião. Ele construíra a capela de Ferradas e a igreja de Tabocas. Na verdade não se lembrava do céu ou do inferno, atendia à religião por política.

Respeitava as leis que não contrariassem seus interesses. "Para ele, leis e direito, juízes e advogados, foram sempre coisas amoldáveis à sua vontade feitas para servirem-no".<sup>27</sup> Foi duas vezes vereador de Ilhéus e chefe apaixonado do partido político oposicionista. Foi grão-mestre de maçonaria. Foi senador estadual, mas os afazeres de

<sup>25</sup> São Jorge, p. 21.

<sup>26</sup> Terras, p. 32.

<sup>27</sup> São Jorge, p. 164.

Coronel de cacau o afastaram da vida pública.

Todos conheciam os crimes de Horácio. Contava-se que matara a primeira mulher a rebenque por infidelidade. Depois de vender as roças dos trabalhadores e porque fosse ameaçado por um deles, matou os três. "Horácio continuou a comer, como se nada houvesse passado".<sup>28</sup> De Orlando que o ameaçara vingou-se. Cortou as orelhas, o nariz, a língua e outras partes íntimas. "Seus jagunços diziam que ele era um macho de verdade..."<sup>29</sup> Ele não deixava seus homens na cadeia. E ficaria na história que "O povoado de Ferradas era feudo de Horácio".<sup>30</sup>

Casa-se a segunda vez, agora com a jovem Ester. Para ele o cacau vale mais do que a esposa. No dia do casamento ao chegar à fazenda de tarde, deixa Ester sozinha e vai se informar sobre a roça. "Não pensava em nada, via apenas os frutos dos cacauzeiros, ..." Com a mão tomou de um deles, doce e voluptuosamente o acariciou". "Com amor, com infinito amor".<sup>31</sup>

As questões do Sequeiro Grande obriga-o contratar o advogado Virgílio, porque o dr. Rui já não lhe era de confiança. "Para Ester, Horácio era imortal, era dono, o patrão, o coronel...". "Era feito de ferro, nunca adoecera, parecia que as balas o conheciam e o temiam ..."<sup>32</sup> Ele se irrita quando encontra a esposa chorando sozinha com medo das cobras.

Travam-se relações amorosas entre Virgílio e Ester,

<sup>28</sup> Terras, p. 34.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 55.

<sup>30</sup> Ibidem, p. 96.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 35.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 37.

passando Horácio a ser visto pelo lado ridículo. Para Ester ele é um porco sujo. O compadre Maneca Dantas o arranca da cama na hora de intimidades com a esposa. Aparece na sala com "..., o candieiro aceso numa mão, o camisolão até os pés, as flores no peito, pequenas e cômicas".<sup>33</sup> Para Virgílio "... parecia um palhaço de circo com aquele camisolão bordado, a cara picada de bexiga". E ouvindo a notícia dos Badarós exclama. " - Não há mais jeito ... Eles tão querendo, vão ter..."<sup>34</sup> Para o dr. Virgílio Horácio "... vacilava entre as duas imagens: uma mostrando um homem poderoso e forte, dono e senhor; a outra mostrando um palhaço ignorante e desgraçado de uma infinita fraqueza".<sup>35</sup> Ele é um fraco e um ignorante no relacionamento e trato com Ester, mas quando fala de fazenda o palhaço vai desaparecendo.

Construiu um palacete em Ilhéus e o enorme cofre domina a visão do gabinete. Salvou-se da febre, enquanto a esposa morre. Manda executar Juca Badaró. "Essa mata vai ser minha nem que tenha nem que tenha de lavar a terra toda com sangue..."<sup>36</sup> A liquidação dos Badarós custou-lhe um processo, mas por causa da intervenção governamental no Estado, passou-se para o governo e foi reconhecido como legítimo dono das terras do Sequeiro Grande. No dia do júri compareceu sério diante do juiz e permaneceu de pé. Ele era imponente diante da justiça que estava a seu serviço. "... e de todos os cantos da sala se podia ver a figura gigantesca do coronel, as mãos cruzadas sobre o peito, os o-

<sup>33</sup> Terras, p. 96.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 75.

<sup>35</sup> Ibidem, p. 76.

<sup>36</sup> Ibidem, p. 78.

lhos fitos no juiz ".<sup>37</sup> Restava-lhe ainda a dívida de honra com o dr. Virgílio e aplica a lei: "honra de marido enganada só com sangue podia ser lavada". "Mas Virgílio morreu numa noite de lua, de bala na estrada, Honório tinha mandado matar".<sup>38</sup>

Em São Jorge, aparece velho de uns 80 anos. Lembra os dias passados sem ódio e se considera ainda forte, apesar da fraqueza física e vista curta. É "rico de fazer medo" e senhor de muitos votos. É cantado nos A B C das feiras como figura lendária. Com a revolução de 30, já não entendia mais nada; só sabia que ele "era do dr. Washington, era um homem de palavra, ...". " - Se é para repor o doutor Washington no governo 'tou às ordens...".<sup>39</sup> Quando deram a liderança política a Josué, Maneca Dantas viu que Honório fez cara igual àquela do dia em que descobriu a traição de Ester. E o novo líder foi encontrado morto. Fazia 60 anos que estava em Ilhéus. A velhice começava amargar e pesar com os desentendimentos do filho que se fizera integralista e queria a parte da herança da mãe. A mulata Felícia substituíra Ester nos cuidados e na cama. O coronel vivia triste enfronhado na idéia de ter que deixar tudo aquilo que tanta luta lhe custara. Ao ouvir a chuva levantava-se - "Vestia o camisolão como há trinta anos passados".<sup>40</sup> Sentia-se bem na fazenda junto aos pés de cacau.

No processo para o inventário não entendia que Ester tivesse direito. "Me mostre a roça que ela plantou, o

<sup>37</sup> Terras, p. 202.

<sup>38</sup> São Jorge, p. 164.

<sup>39</sup> Ibidem, p. 65.

<sup>40</sup> Ibidem, p. 121.

pedaço de mata que ela derrubou". E discutia com Maneca Dantas: " - Isso de lei, cumpadre, eu nunca arrespeitei... Tu bem sabe".<sup>41</sup> Mandou o compadre adquirir armas e contra-tar jagunços. Ele queria morrer, mas de arma em punho. Acabou fazendo caxixe contra o filho, um testamento falso de Ester, que o filho teria direito só à parte da produção e não à propriedade.

Com 84 anos mais a luta contra o filho, Horácio ficou magríssimo, reumático e cego. Pediu ao compadre Maneca que indicasse seu substituto político. O outro mundo para ele seria também uma roça de cacau eternamente carregada. A comissão de saúde que devia declará-lo incapaz, foi recebida a bala. Depois de receber o oficial da justiça deitou-se "... os pés ainda calçados de chinelos. 'Morreu como um passarinho', dizia Felícia às conhecidas".<sup>42</sup> E o autor um tanto sentido por aquela longa vida de lutas inúteis conclui: "Carlos Zude roubou-lhe o prestígio político, Shwartz tomou-lhe as terras".<sup>43</sup>

1.10 . Coronel Juvêncio - é "um pato" perdeu um conto e quinhentos e mais o anel no jogo de pôquer, no cabaré Tabaris, na Bahia.

1.11 . Coronel Jacinto - morreu por mãos do capanga Costinha do Sinhô Badaró.

1.12 . Coronel Teodoro Martins - era dono da fazenda das Baraúnas. Era "unha e carne com os Badarós". Quase se atira de revólver com o coronel Astrogildo por causa de jogo. Não sabia perder, não aceita palpite. Pede silêncio :

<sup>41</sup> São Jorge, p. 164.

<sup>42</sup> Ibidem, p. 222.

<sup>43</sup> Ibidem, p. 229.

" - Vá amolar a mãe".<sup>44</sup>

É perverso, comparado a Nero. Seduz Lúcia, filha do seu trabalhador. " - Negro tem filha é mesmo prá cama de branco...!"<sup>45</sup> Seduziu a viúva de outro trabalhador no dia do enterro do marido. Na frente de doze homens entra em Tabocas e alarma todo mundo. "Se vinha a Tabocas, era com certeza para fazer alguma coisa mal feita".<sup>46</sup> Chega na hora da comemoração do Dia da Árvore e urina de cima do cavalo na árvore recém-plantada. Manda por fogo no cartório onde foram lavrados os papéis que davam posse do Sequeiro Grande a Horácio.

Mantinha seus 'alugados' em regime de completa escravidão. Não deu dinheiro para o enterro de um trabalhador e outro trabalhou lá dez anos sem conseguir nada. E ele " no dedo, o solitário enorme brilhava".<sup>47</sup> Vendo-se perdido e sentindo-se chefe da situação dos Badarós vencidos, manda incendiar tudo, matando um trabalhador. No jornal "A Folha de Ilhéus "apresentou"... uma magnífica coleção de substantivos e adjetivos insultantes: 'bandido', 'ébrio habitual', 'jogador de profissão e tendências', 'alma sádica', 'indigno de habitar uma terra culta', 'sedento de sangue'.<sup>48</sup> Procurado da polícia fugiu para o Rio e soube-se que botou comércio em Vitória.

1.13 . Coronel Maneca Dantas - seu nome é Manuel Dantas e era dono da fazenda Auricídia, onde nasceu Jorge A-

<sup>44</sup> Terras, p. 132.

<sup>45</sup> Ibidem, p. 94.

<sup>46</sup> Ibidem, p. 114.

<sup>47</sup> Ibidem, p. 156.

<sup>48</sup> Ibidem, p. 144.

mado. É gorducho e anda pesadão, de mãos pegajosas e está sempre de camisa suada. "Dinheiro em casa dele é mesmo que mato".<sup>49</sup> É amigo e compadre do coronel Horácio, em cuja casa se faz sempre presente. Na noite da decisão da luta para a conquista do Sequeiro Grande, veste-se enfiando as calças sobre o camisolão. "Fica mais ridículo ainda, um pedaço das fraldas saindo pelas calças".<sup>50</sup> Acompanha o compadre Horácio e o dr. Virgílio ao cabaré, joga pôquer, fala da safra do cacau, dos inimigos e das mulheres. Teve algumas amantes.

Armou tocaia para os trabalhadores dos Badarós. Foi prefeito de Ilhéus. Era visto passar muitas vezes satisfeito. "Maneça Dantas bebia e se escandalizava" do ambiente liberal. " - É o fim do mundo seu Sérgio, é o fim do mundo!"<sup>51</sup> Foi infeliz com o filho que se entregou ao uso de entorpecentes, com a fazenda e o palacete que construía para conforto de sua velhice. Ele que já acendera charutos com notas de quinhentos mil-réis, perdera tudo para os exportadores. No dia do enterro de Horácio exclamou: " - Pelo menos o compadre não viu essa desgraça". Era infeliz. "Agora estava pobre, morando numa pequena casa da Conquista, ...".<sup>52</sup> E a sua grande e última queixa: "..., a gente fazia tudo era mesmo pros filhos. E veja o senhor, seu Sérgio, os filhos da gente não deram pra nada, a não ser para beber cachaça e andar com rapariga...".<sup>53</sup>

<sup>49</sup> Terras, p. 21.

<sup>50</sup> Ibidem, p. 74.

<sup>51</sup> São Jorge, p. 135.

<sup>52</sup> Ibidem, p. 229 e 240.

<sup>53</sup> Ibidem, p. 260.

1.14 . Coronel Juca Badaró - irmão mais moço de Sinhô Badaró e mais desumano. Era conhecido como homem de coragem. " - Se nunca ouviu, vosmicê vai ouvir falar muito em Juca Badaró".<sup>54</sup> Era respeitado e temido. "Correram todos para a rua onde, num galope que levantava poeira, Juca passava acompanhado por Pedro Vítor e mais dois cabras,<sup>55</sup> Havia um grupo comentando a vida nas fazendas, " Mas ninguém comentou porque agora um homem baixo, de rebenque na mão e chapéu chile, estava parado diante deles". Ele tinha experiência em escolher homens" que serviriam para as suas fazendas, para a conquista das matas, para o trabalho da terra cultivada".<sup>56</sup> Tem coragem, ambição e mando. Aparece sempre de rebenque. De parabelum na mão diante da "mata-de-us", paraíso do feiticeiro Jeremias, acima dos mistérios e perigos da selva, antevia as terras cultivadas de pés de cacau. Sem razão atira num trabalhador para mostrar que deve ser obedecido.

Era chamado demônio, porque quando menor judiava da sobrinha Don'Ana. Chega para o irmão, batendo com o rebenque na bota, propõe liquidar Firmo, para abrir caminho na conquista do Sequeiro Grande. "Quando tenho raiva de alguém, sou capaz de cortar ele devagarinho".<sup>57</sup> As vizinhas diziam que surrara a mulher porque mandou raspar a cabeça da amante. Para bolir com Horácio consegue nomear um subdelegado em Ferradas.

Conquista a bela Margot e paga champanhe aos presen-

<sup>54</sup> Terras, p. 12.

<sup>55</sup> Ibidem, p. 95.

<sup>56</sup> Ibidem, p. 20.

<sup>57</sup> Ibidem, p. 44.



tes. Depois esbofeteia a amante porque dança com o dr. Virgílio. Não tinha filhos legítimos. "..., eu não tenho filho nenhum, a não ser na rua, filho que não leva meu nome".<sup>50</sup> Foi alvejado em Ilhéus por um capanga de Horácio. Resistiu estoicamente, morrendo três dias depois.

1.15 . Coronel Marcelino Badaró - foi pioneiro dos Badarós, organizador da fazenda Santana, nas proximidades de Tabocas. Dizia-se que Raimunda era filha bastarda dele. Era casado com Filomena, tendo três filhos legítimos: Sinhô, Juca e a filha que morreu tuberculosa.

1.16 . Coronel Janjão - arruinou-se com a baixa do cacau., No dia do leilão da fazenda "..., o coronel Janjão tentava empréstimos pequenos entre os presentes para dar de comer à família, ..." <sup>59</sup>

1.17 . Coronel Miguel Lima - suicidou-se por ocasião da baixa do cacau. O enterro seguiu por ruas desertas, pois o caixão fora adquirido com dinheiro emprestado.

1.18 . Coronel Silvino - fazendeiro de cacau no município de Ilhéus. Um trabalhador dele ganha entrada para o teatro em Ilhéus.

1.19 . Coronel Frederico Pinto - é pequeno, de olhos vivos, aparece sempre nervoso. Encantou-se por Lola Espíndola e teria deixado tudo por ela. Foi infeliz caindo no golpe de Pepe, "pulo dos nove". "Levantou-se da cama, pequeno e nervoso, era cômico, nu em meio ao quarto defendendo a mulher".<sup>60</sup>

<sup>50</sup> Terras, p. 184.

<sup>59</sup> São Jorge, p. 233.

<sup>60</sup> Ibidem, p. 143.

Era um desalmado para com os seus trabalhadores. Mandava chicotear Ranulfo que tentou fugir. Quando Ranulfo morreu na estufa, preocupou-se mais com o cacau: " - Essas arrobas estão perdidas...". Não permite que os trabalhadores interrompam o serviço pela morte de um. "Isso aqui não é hora de sentinela...".<sup>61</sup> Com muita dificuldade dispensa dois homens para enterrar o morto.

Detestava a esposa que era uma "montanha de carnes". E sempre que pensava nela lembrava-se do elefante que vira no circo. Pelos filhos fica preso à casa. Montou casa para Rita filha de um trabalhador.

Ele tinha coragem. Era acostumado a tiroteios. As roças dele, umas as plantara, outras as tirara de pequenos agricultores. Começou a odiar o gigolô Pepe. Tentou expulsá-lo de Ilhéus. Descobriu que roubava no jogo e o desacatou: " - Gringo ladrão, filho da puta! " No tiroteio foi ferido e Pepe condenado. "Mas o juri de Pepe provou que os coronéis ainda eram os donos da justiça".<sup>62</sup> No juri, diz o autor ironicamente, que o coronel apareceu como um anjo Gabriel, vigilante do dinheiro dos outros, " um missionário que paraliza a ação demoníaca de Pepe".<sup>63</sup>

Por ocasião do truste dos exportadores, não atendeu à intimação da justiça. Deixou correr a execução. Tomou o revólver e matou um Rauschnig e se entregou à justiça, sendo condenado a 24 anos.

1.20 . Coronel Inácio - era o pai do dr. Aureliano que vendeu a fazenda no sertão nordestino livre dos moradores.

<sup>61</sup> São Jorge, p. 90.

<sup>62</sup> Ibidem, p. 200.

<sup>63</sup> Ibidem, p. 201.

Para suas doações não precisavam papéis. "A palavra do coronel era uma só, não voltava atrás".<sup>64</sup>

1.21 . Coronel Juvenal - tinha fazenda no município de São Francisco. Num navio, a terceira classe ia superlotada de retirantes e ainda embarcaram-se os porcos dele. Um animal caindo na água devia ser salvo a qualquer peso, que era do coronel Juvenal.

1.22 . Coronel Bragança - era do sertão nordestino. Cirilo, seu jagunço perigoso que matara mulher e filhos por ciúmes, recebeu o perdão do beato Estêvão. O coronel mandou matar muita gente.

1.23 . Coronel João Batista - fazendeiro do sertão nordestino - "pai do governador de um Estado". Açoitava os jagunços de Lucas Arvoredo.<sup>65</sup>

1.24 . Coronel Venâncio Florival - tinha fazenda em Mato Grosso que se estendia até o Vale do Rio Salgado. Foi senador antes do golpe de Estado de Getúlio. Acolhe as expedições que vão sanear o Vale. É plenipotenciário: "Quem é que no mundo pode levantar o dedo contra Venâncio Florival, dono de um mundo de terras, de milhões de cafeeiros, de milhares de cabeças de gado, senhor de jagunços, dispondo da polícia militar de Estado, ...".<sup>66</sup> Deixa à disposição da polícia os recursos da fazenda para prender o militante comunista Gonçalves.

Maltrata seus subalternos. Expulsa a família do meiro e toma-lhe as roças. Açoitou dois camaradas amarrados

<sup>64</sup> Seara, p. 25.

<sup>65</sup> Tavares, Paulo - op. cit., p. 97.

<sup>66</sup> Os Subterrâneos II, p. 30.

numa árvore. "Esse Venâncio Florival é um imbecil..." diz o Ministro da Justiça. "O coronel tem a mentalidade de um senhor de escravo".<sup>67</sup> Propunha pena de morte para todo o comunista após julgamento primário. No meio social aparece com seu "vozeirão mal-educado". Tinha amante com quem passava o carnaval.

1.25 . Coronel Ramiro Bastos - como Horácio da Silveira estava preso à fazenda, Ramiro Bastos se apegou ao mando político em Ilhéus. Era considerado "o velho cacique local". Foi duas vezes intendente de Ilhéus. Seu partidário, Amâncio Leal declara: "..., meus votos são para meu compadre Ramiro Bastos e pra quem ele indicar".<sup>68</sup>

Aparece já velho, com 82 anos. E mandava há mais de vinte anos em Ilhéus. "Antes que eu morra ninguém vai tomar conta de Ilhéus".<sup>69</sup> Olhava com desconfiança certos empreendimentos novos. "Gostava de ver a cidade limpa" e ajardinada. As estradas do interior, a dragagem do porto, o ginásio e o clube eram coisas que não precisavam muitos cuidados para ele. "Vovó é um retrógado" lhe chamavam as netas. Era contra as mulheres que iam dançar "mulher é para viver dentro de casa, cuidando dos filhos".<sup>70</sup> Tinha dois filhos - o tabelião Tônico Bastos e o dr. Alfredo, bom médico de crianças, mas péssimo deputado estadual. Morava num palacete na praça da Matriz. Aparecia nos bancos da praça geralmente sorrindo, para conversar e tomar sol. Andava vagaroso, apoiado numa bengala. Quando chovia ficava sentado

<sup>67</sup> Os Subterrâneos III, p. 201.

<sup>68</sup> Gabriela, p. 47.

<sup>69</sup> Ibidem, p. 207.

<sup>70</sup> Ibidem, p. 64.

na sala na sua alta cadeira austríaca.

Depois de longos anos sem oposições políticas, percebe que Mundinho Falcão toma certas iniciativas que o fazem sentir-se diminuído. "Desde quando ele era autoridade?". "Se pensam que ele está acabado, estão enganados".<sup>71</sup> Não entende que Mundinho fosse atendido pelo governo, quando seu filho era deputado. "O coronel Ramiro buscava compreender essa nova vida, esse Ilhéus nascendo daquele outro que fora o seu". Não apoia a criação do jornal "Diário de Ilhéus". Podia falar dele. " - Tu precisa de jornal diário? Eu também não. Então Ilhéus não precisa".<sup>72</sup> E mandou incendiar uma edição de jornal.

Diante da influência política de Mundinho sente-se derrotado: "Por que essa ingratidão no fim de minha vida?" "... a voz do coronel era trêmula, voz de homem velho, terminado".<sup>73</sup> Tem mágoa do forasteiro que mal chega e já quer mandar. "Nosso direito a gente conquistou".<sup>74</sup> Não aceita acordo com o rival: "Não fiz acordo quando era moço e corria perigo de vida".<sup>75</sup> Desentende-se com vários coronéis: " - Coronel Altino Brandão, se foi só isso que lhe trouxe aqui, sua visita era terminada...".<sup>76</sup> Com outros coronéis armou atentado contra o ex-partidário coronel Aristóteles Pires, prefeito de Itabuna. Comentava-se: "É o fim do longo império de Ramiro I, o jardineiro".<sup>77</sup> Foi indicado

<sup>71</sup> Gabriela, p. 66.

<sup>72</sup> Ibidem, p. 65.

<sup>73</sup> Ibidem, p. 185.

<sup>74</sup> Ibidem, p. 204.

<sup>75</sup> Ibidem, p. 206.

<sup>76</sup> Ibidem, p. 207.

<sup>77</sup> Ibidem, p. 266.

na justiça, mas por falta de provas arquivou-se o processo.

Amanheceu morto. O "Diário de Ilhéus" exaltou os méritos do coronel extinto. Dizia o coronel Altino Brandão :  
 " - Foi melhor assim, vosmicê não acha? Morreu antes de perder, morreu mandando como ele gostava. Era homem de opinião, dos antigos. O último que havia".<sup>78</sup> Na tarde do enterro de Ramiro Bastos "a cidade parecia deserta como se todos houvessem morrido".<sup>79</sup>

1.26 . Coronel Ribeirinho - chegou em Ilhéus em 1902. Estava agora de cabeça grisalha. Quando chegou "isso era um buraco". "Hoje é o que se vê: cada dia uma rua nova".<sup>80</sup> Era progressista e partidário de Mundinho. Simples e bom ajudou a negra descer a lata de mingau. Previa muitos lucros na sua fazenda da Serra. "..., dinheiro vai ser cama de gato".<sup>81</sup> Acreditava que a barra seria dragada. Para ele a palmatória nas escolas ainda era necessária.

Vai ao cabaré assistir à dança dos sete véus. Olha a artista com olhos prometedores. Quando essa deixa cair o último véu, manda descer champanha. "É tudo por minha conta".<sup>82</sup> Bebeu a ponto de ser levado para casa. Encomendou jantar para as eleições.

1.27 . Coronel Coriolano - foi um dos primeiros a plantar cacau em Ilhéus. Era pacato e sóbrio. Vivia mais na fazenda, enquanto sua família parava na Bahia no maior con-

<sup>78</sup> Gabriela, p. 326.

<sup>79</sup> Ibidem, p. 327.

<sup>80</sup> Ibidem, p. 22.

<sup>81</sup> Ibidem, p. 23.

<sup>82</sup> Ibidem, p. 126.

forro. Comia mal e "... , vestido com calças porta-de-lola, paletó batido pelas chuvas, chapéu de respeitável idade, botas sujas de lama".<sup>83</sup>

Seu único luxo era a rapariga "... , nunca deixara o coronel de ter rapariga de mesa e cama". E trancava as raparigas. "Um monstro de ciúmes, diziam dele".<sup>84</sup> As amantes enclausuradas e cansadas da solidão deixavam-no; muitas vezes, ele "precisava de carne nova".<sup>85</sup> Instalou Glória na casa, onde morava a família, na Praça da Matriz. Os seios da moça enchiam a janela escandalizando a todos. Mas "... , o coronel não era homem de meias conversas". Juca Viana uma vez foi surpreendido com sua amante Chiquinha. O coronel aplicou-lhes "surra de criar bichos, no rapaz e na moça". Agora Tónico Bastos que arrastava as asas para Glória recebe a visita de Coriolano: "... batendo o rebenque nas botas sujas de lama...". "Esse negócio de pagar mulher pros outros nunca foi de minha devoção".<sup>86</sup> Não ia a bailes que eram para moços. "Seu baile era aquele na cama de Glória".<sup>87</sup>

Finalmente o progresso veio, com todas suas consequências. As leis seriam outras e ele tão violento antes, surpreendendo agora o prof. Josué com Glória contenta - se com botá-los para fora. "Coriolano já não procurava saber se era enganado".<sup>88</sup>

1.28 . Coronel Manuel das Onças - tinha a fazenda " num tal fim de mundo onde, segundo diziam e ele confirma-

<sup>83</sup> Gabriela, p. 104

<sup>84</sup> Ibidem, p. 105.

<sup>85</sup> Tavares, Paulo - op. cit., p. 45.

<sup>86</sup> Gabriela, p. 137.

<sup>87</sup> Ibidem, p. 188.

<sup>88</sup> Ibidem, p. 359.

va, até as onças rugiam". Representava a tradição feliz vendo as chuvas que vinham beneficiar sua roça. " - Enfim ... A safra está salva".<sup>89</sup> A cidade\* conseguia atraí-lo. Vinha a Ilhéus por negócios e política.

Não rejeitava as cabrochas. "Mulheres com tanto perfume, meu Deus!"<sup>90</sup> Pagava o leito para Rosalinda que dormia também com Nacib. Acercou-se de Gabriela, prometendo - lhe casa. Vendo tanto conforto em Ilhéus, pensava numa casa para o conforto da família. Viajava com admiração e medo de ônibus. "Dessa vez vou viajar nessa sua máquina. Me decidi ...". "Antigamente a gente levava dois dias a cavalo...".<sup>91</sup> E agora menos de uma hora, mas receia que o "troço" vire.

1.29 . Coronel Melk Tavares - tinha a fazenda em Cachoeira do Sul e uma casa de "estilo moderno" em Ilhéus. Vai no "mercado dos escravos" e escolhe para sua fazenda os companheiros de Gabriela, Clemente e Fagundes.

É mais partidário do que político ativo. Foi eleito para o Conselho Municipal porque era do partido de Ramiro Bastos, mas "analfabeto de pai e mãe". Não aceitou mais cargos políticos. "No meu modo de ver, não deve ser fazendeiro".<sup>92</sup> Colabora com Ramiro Bastos, cedendo-lhe o negro Fagundes para matar o ex-correligionário Aristóteles Pires. E avisa: "Pros dias das eleições". "Precisamos ganhar. Nem que seja na boca da repetição",<sup>93</sup> Manda jagunços incendiar a edição do "Diário de Ilhéus". Com os trabalhadores é e-

<sup>89</sup> Gabriela, p. 16.

<sup>90</sup> Ibidem, p. 20.

<sup>91</sup> Ibidem, p. 21.

<sup>92</sup> Ibidem, p. 257.

<sup>93</sup> Ibidem, p. 320.

\* não



xigente. Fiscaliza o trabalho a cavalo. "Mais depressa, sinhá dona, ...". "Não reparou porque não é roça sua, ...".<sup>94</sup>

No cabaré Trianon tem uma protegida.

Seu maior desgosto foi a filha Malvina. Quando essa se entregou aos amores do engenheiro, um dia foi buscá-la na praça. Falou com voz de chibatadas: "Já para casa! - O rebenque estalou seco contra a bota". E encostando o chicote no peito do engenheiro manda abandonar Ilhéus: " - Depois de amanhã é o prazo que lhe dou".<sup>95</sup> Proibiu o livreiro de vender livros à filha, a não ser livros de colégio". Acha que a filha deve ser tratada no duro: " - A filha é minha, deixe comigo o tratamento".<sup>96</sup> Batendo o rebenque na bota aguardava a aproximação da filha. Aplica-lhe fortes surra e tranca-a no quarto. "Não quero filha doutora...".<sup>97</sup> E quando vai buscá-la na Bahia, nas férias, volta sozinho, 10 anos mais velho porque essa fugiu do colégio.

1.30 . Coronel Amâncio Leal - era de aparências calmo. O olho vasado e o defeito no braço provam ter sido chefe de jagunços, e ter feito correr muito sangue nas lutas do Sequêiro Grande. Planejava comprar uma casa na Bahia para a família, onde os meninos pudessem estudar.

Conservava-se fiel aos velhos políticos. " - Compromisso é compromisso..." Para ele o progresso de Ilhéus é devido aos coronéis. "...: quem é que fez esse progresso? Não fomos nós os fazendeiros de cacau?".<sup>98</sup>

<sup>94</sup> Gabriela, p. 182.

<sup>95</sup> Ibidem, p. 210.

<sup>96</sup> Ibidem, p. 211.

<sup>97</sup> Ibidem, p. 215.

<sup>98</sup> Ibidem, p. 43.

Durante o discurso de inauguração da Empresa de Transportes mantém a mão no revólver. Enquanto os seus jagunços queimam a edição do "Diário de Ilhéus" assiste sentado no bar. Dizia Altino Brandão: "Amâncio é homem de bem mas violento como o diabo, nem sei como ainda está vivo".<sup>99</sup> Apostava e pagava cerveja pela vitória eleitoral do \*Comdre Ramiro Bastos. Envolveu-se também no atentado contra Aristóteles. É simulado, comparece no bar para saber se a vítima morreu. Ele seria o substituto de Ramiro Bastos na política pela "coragem e lealdade". Aproxima-se de Mundinho Falcão e lhe conta os planos: "Se ele não tivesse morrido, quem estava no cemitério era o senhor".<sup>100</sup> Reconhece que o único candidato possível e capaz de governar Ilhéus é Mundinho.

1.31 . Coronel José Antunes - era fazendeiro rico e de confiança. Testemunhou ter nascido Nacib na localidade de Ferradas, visto que o cartório fora incendiado.

1.32 . Coronel Ananias - mantinha rapariga em Ilhéus e por causa dela trocou tiros com Ivo El-Tigre, no bar Pinga-de-Ouro.

1.33 . Coronel Aristóteles Pires - era "fazendeiro de recursos médios". "Nascera para administrar, tinha no sangue o gosto da política".<sup>101</sup> É intendente de Itabuna. Aparece com o rosto picado pela varíola e é comunicativo. No jantar da inauguração da Empresa de Transportes agradece. Compareceu no aniversário de Ramiro Bastos.

Quando subdelegado escapou-se da sanha dos Badarós.

<sup>99</sup> Gabriela, p. 193.

\* **compadre**

<sup>100</sup> Ibidem, p. 331.

<sup>101</sup> Ibidem, p. 259.

Lutara para conseguir elevar Tabocas à categoria de município, trabalhando muito para o seu desenvolvimento. "Só que política para mim quer dizer administrar"<sup>102</sup>. Se une a Mundinho, custando-lhe quase a vida num atentado de Ramiro Bastos. Autoriza o jornalista Clóvis anunciar sua adesão a Mundinho. "'Juntos faremos o porto do Molhado', dizia a Mundinho"<sup>103</sup>.

1.34 . Coronel Otaviano - fazendeiro de Pirangi, e um dos primeiros a apoiar o movimento de oposição a Ramiro Bastos.

1.35 . Coronel Pedro Ferreira - fazendeiro de Mutuns apoia Mundinho Falcão.

1.36 . Coronel Abdias de Sousa - fazendeiro de cacau em Água Preta. Apoia a oposição contra Ramiro Bastos, antigomandatário político em Ilhéus

1.37 . Coronel Jesuíno Mendonça - procedente de Alagoas, chegando em Ilhéus ocupou terras a tiro, e se fez respeitado à medida que sua propriedade crescia. Era quase 20 anos mais velho de sua esposa, Sinhazinha Guedes. Ele foi um dos últimos a aplicar a lei "Honra de marido enganado só com sangue podia ser lavada". Matou a mulher e o sedutor, o dentista Osmundo.

Os coronéis - Manuel das Onças e Ribeirinho, mais o dr. Maurício apoiaram o ato do coronel: " - Fez o que faria qualquer um de nós, ...". "..., Jesuíno agiu como devia"<sup>104</sup>.

Depois do crime afastou-se, mandando o recado ao juiz.

<sup>102</sup> Gabriela, p. 261.

<sup>103</sup> Ibidem, p. 264.

<sup>104</sup> Ibidem, p. 103.

que se apresentaria no dia seguinte. E se apresentou acompanhado pelo dr. Maurício. Recolheu-se na fazenda por longo tempo. Finalmente reapareceu em Ilhéus e assiste sentado ao incêndio da edição do "Diário de Ilhéus".

A justiça o chamou às responsabilidades. "Pela primeira vez, na história de Ilhéus, um coronel do cacau viu-se condenado à prisão por haver assassinado esposa adúltera e seu amante".<sup>105</sup>

1.38 . Coronel Altino Brandão - era sergipano e residente em Ilhéus há 40 anos. Era dono da fazenda Águas Claras. É o maior fazendeiro depois de Misael. Ele folgava ver aquela fartura de cacau. No Rio do Braço "era carta importante na vida política". Aconselha Mundinho a se unir ao Coronel Ramiro. Achava bom que Mundinho casasse com a filha da gente do lugar.

Reprovava o incêndio da edição do "Diário de Ilhéus". " - Muito mal feito ... Isso foi coisa de outro tempo..."<sup>106</sup> Se conformava com a mudança e o progresso. "Mas a gente já fez o que tinha que fazer".<sup>107</sup> Fuma cigarro de palha. Vai falar com Ramiro Bastos - "quem tá governando, já faz tempo, é Mundinho Falcão". "... porque uma terra não pode ter dois governos".<sup>100</sup> Recomenda a Tonico Bastos - "Mas vosmicê, sua obrigação é ficar junto de seu pai, lhe obedecer". Temos a família do coronel mais uma vez dividida. Decidiu apoiar Mundinho Falcão e encomendara um jantar para as eleições.

<sup>105</sup> Gabriela, p. 356.

<sup>106</sup> Ibidem, p. 193.

<sup>107</sup> Ibidem, p. 206.

<sup>100</sup> Ibidem, p. 206.

1.39 . Coronel Clementino - mandando o negro Damião matar um tropeiro, que o ofendera, não protegeu o jagunço contra a polícia. Era por isso odiado pelo negro , que ao ouvir-lhe o nome cuspiu.

1.40 . Coronel Eduardo - foi tocaiado e morto pelo negro Damião a mando de Sinhô Badaró.

## O CORONEL

O título categoriza esses 40 homens feitos de tantas surpresas quantos lances épicos. Que faremos com eles se são anacrônicos - homens de opinião, antigos, bons mas à maneira deles?

Tentaremos apresentar o tipo coronel através de características abrangentes como sugerimos atrás e com isso teremos a visão do autor sobre aqueles homens machos.

Um dos mais habilitados para explicar o que significa coronel é o autor, que nos informa: "Poucos, em realidade, os fazendeiros que nos começos da República e da lavoura de cacau havia adquirido patentes de coronel da Guarda Nacional. Ficara o costume: dono de roças de mais de mil arrobas passava normalmente a usar e receber o título que ali não implicava em mando militar e, sim, no reconhecimento da riqueza".<sup>109</sup> Nem todos os coronéis cita dos produziam cacau. O título se estende a todo fazendeiro de regular posses e sobretudo àquele que se singulariza por sua maneira de ser feudalista.

O coronel é visto em relação aos subalternos, diante de seu concorrente em iguais condições e é situado diante de seu inimigo econômica e culturalmente superior.

Subordinados a ele estão os trabalhadores "alugados". Aqui age como senhor de escravos. Servem de protótipos os coronéis Manuel Misael e Frederico Pinto. A sua fortuna simboliza não só a seiva da terra do cacau, mas também o suor e o sangue derramados por aquelas criaturas simboli-

<sup>109</sup> Gabriela, p. 27.

camente presas pelo visgo do cacau àquela condição de miséria humana. Para o coronel o "alugado" é instrumento de produção e de luta contra o inimigo. Não é ele quem mata, mas seu capanga. As mortes por ele cauterizadas não pesam tanto na consciência porque são praticadas indiretamente e pagas. O coronel acredita na solução do dinheiro.

Como chefe de família ele é o patriarca da sociedade. O termo aqui é desmistificado e expressa o machismo do tipo de homem que prende a esposa, fiscaliza os amores da filha e mantém rapariga na cidade.

Do proprietário menor é capaz de roubar a roça e a terra. Se for preciso até manda matar o pequeno lavrador. Na posse da terra livre, concorre de ombro a ombro com seu igual, como foi na conquista do Sequeiro Grande, os Badares contra Horácio da Silveira. A violência aqui atinge proporções dantescas. Eles são invencíveis. Forças sobre-humanas os servem de um e outro lado. Enquanto a justiça e a religião se inclinam diante de um, a outro o próprio diabo obedece. Se um confia na ajuda do demônio, para o outro a Bíblia nunca mente.

O coronel está preso à terra que conquistou palmo a palmo, a tiro e a lavou com sangue humano. Contra o comunismo tem a seu favor a política e as forças públicas; mas contra o exportador calculista está sozinho e é vencido. Não acredita em Deus, mas na sua força bruta, porque ele se torna selvagem como a terra virgem coberta de mata misteriosa. Perante a cultura e o capital calculado se aniquila. Os exportadores o dominam com seus trustes como se fosse "criança tímida". O escritor dá os limites dessa incul-

tura dos coronéis que foi a causa da sua ruína: "Os coronéis se encontraram de repente, com maços de dinheiro na mão e não sabiam que fazer dele". "Era um jogo excitante e eles jogaram muito, com aquela impávida coragem que sempre lhes fora característica e com uma impávida ignorância também".<sup>110</sup>

Para o coronel não há moral e a lei é ele. É outra razão de não sentir remorso de tantas mortes. Vive satisfazendo suas paixões e age segundo seus instintos. Seu código legal tem apenas um artigo de lei com dois parágrafos: "Eu sou coronel, por isso mando através do caxixe e da repetição". Pelo caxixe e pela boca da repetição desmente a honra e a palavra empenhadas. A violência corone- lina atinge ao próprio lar, porque há uma lei que não está escrita, mas é fatalmente aplicada: "honra de marido enganado só com sangue podia ser lavada". A própria amante que o enganasse levaria surra de criar bicho.

O coronel deixa de ser o machão diante do progresso, da economia e política planejadas, e das malhas da justiça legal. Ele sofre a chegada dos novos tempos e o desgarre dos filhos que se depravam e seguem novos rumos. Quando mais nada lhe resta fazer, aceita a nova situação, como fizeram Amâncio Leal, Coriolano e Jesuíno, ou então morre. Morre depois de uma longa vida, morre despercebidamente como ele quer, sem incomodar "como um passarinho".

O autor ridiculariza o coronel, ora vestindo-o de camisolão, ora postando-o no meio ao quarto nu, defendendo a amante contra o marido. Aqui a esposa lhe é infiel, lá o

<sup>110</sup> São Jorge, p. 139.



intruso lhe usurpa a rapariga a quem sustenta. Agora se envolve na posse da terra, depois é prejudicado pela baixa do produto e ainda perde a terra e o mando político. A ironia do escritor se completa quando junge à mesma charola coronel com coronel - inimigo ao pé do inimigo carregando o santo guerreiro, Oxossi dos pobres.

Encontramos o coronel alegre junto aos pés de cacau, quando vem a chuva, na fartura e alta do produto. É visto taciturno, marcado no rosto pela bexiga ou varíola. O olho vasado, o braço ou a mão alejada são provas de resistência e de uma vida repleta de lances épicos.

O coronel está na sala como uma figura mítica, sentado no alto da cadeira austríaca e lhe de barbas a lhe cobrirem o peito. Está presente ou vem se aproximando de rebenque na mão batendo na bota.

A maneira de comunicar-se o caracteriza como um ser inculto e rude. Ele sobressai com seu 'vozeirão mal-educado' e/ ou dá ordens numa voz de chibatadas. Na defensiva é desbocado e na conversa normal usa linguagem popular em que predominam as figuras de supressão e discordância.

Quando se lê uma vez e/ou separadamente as obras de JA, tem-se a impressão de ocorrerem personagens repetidas. Essa analogia de seres ocorre no plano de sua semelhança com a realidade; mas na sua organicidade ficcional não há um coronel que seja repetição. Mesmo entre os coronéis Ramiro Bastos em Gabriela e Horácio da Silveira em São Jorge há grande diferença estabelecida pelos aspectos em que são enfocados.

O coronel quando investido de sua personalidade de

senhor das terras, de patriarca da sociedade e de mandatário político, transcende à narrativa e se coloca no plano mítico. Estes valores não se encontram num só indivíduo, mas a visão dessa personalidade se completa ao longo e dentro do conjunto.

A arte de JA aqui atinge sua plenitude. Transcende à realidade histórica e presentifica-nos a personagem como se fosse o agora. Reveste-a de uma simbologia marcante - a cadeira austríaca simboliza a aristocracia (rural); o rebenque é símbolo de comando e a bota enlameada significa a relação do coronel com a terra (convenção literária).

Ficcionalmente o coronel é uma figura plana. Apresenta reações e sensibilidades mais externas. Age não tanto em função do que pensa, senão mais em vista de suas posses. Sua placidez enganadora explode como tormenta, quando lhe querem tirar as terras, diante do rival sedento das terras ubertosas do Sequeiro Grande; quando perde a liderança política ou é enganado pela fêmea. O nível cultural não lhe permite o cálculo ou a análise de uma situação degradante. Não sente remorso nem é previsível, tudo isso dispensa e tornaria inverossímil a personagem-coronel como figura redonda de escavações psicológicas. O coronel não é um cerebral, mas uma excrescência da natureza bravia que se manifesta na forma humana.

## 2. DOS ALUGADOS AO TIPO ALUGADO

Resenha dos extratos:

- 2.1 . Colodino (Cacau);
- 2.2 . Anônimos (Terras e São Jorge);
- 2.3 . Varapau (São Jorge);
- 2.4 . Florindo (São Jorge);
- 2.5 . Ranulfo (São Jorge);

2.1 . Colodino - é procedente da Bahia, onde era carpinteiro. Passou a trabalhar na fazenda do coronel Misael. Em Pirangi alenta os companheiros com a esperança de um dia não haver mais senhor e escravos. "Ele, de todos nós, parecia o único a ter uma certa intuição de que alguma coisa, um dia...". " - É impossível. Tem que mudar"<sup>1</sup>. Trabalhava para agradar o coronel, mas ao vê-lo sorrir um moleque porque derrubara um fruto de cacau, cerra os punhos de raiva. Sabia ler e de noite tocava viola.

Passou a amar a ajuntadeira de cacau Magnólia que não sabia falar muito bem, mas dizia nomes feios. Para salvá-la da cupidez alheia teve de bater num policial. Recomenda a José Cordeiro, personagem narrador em Cacau: "Esculhomba aquela burra"<sup>2</sup> que era a filha do coronel querendo casar com o referido enxadeiro. Desconfiado de Osório que procurava Magnólia não tocou mais. Acertou as contas no armazém e retirou o saldo. No sábado surpreendeu o filho do coronel na cama com a sua noiva. Bateu de facão em Osório, marcando-lhe o rosto com um talho. Honório pago para tocá-lo

<sup>1</sup> Cacau, p. 134.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 192.

pediu que fugisse. Foi ao Rio, na esperança de receber explicações das dúvidas que tinha sobre a "mudança", e escreveu a José Cordeiro: "Pois há luta de classe. As classes são os coronéis e os trabalhadores".<sup>3</sup> Colodino é mais uma semente de líder e militante revolucionário do que um ser degradado pela semi-escravidão da fazenda.

2.2 . Anônimos - Em Terras e São Jorge temos vários exemplares de alugados. Uns anônimos "o velho", "o magro", "o cearense" que nos informam da vida da fazenda. O "trabalhador tem o couro curtido".<sup>4</sup> É que a má sorte dos que trabalham a terra os entorta. Os alugados se alimentam mal de carne-seca, feijão e farinha. Moram em rancho: "Eram cinco ao todo e a casa não tinha mais que uma peça, as paredes de barro, o teto de zinco, o chão de terra. Ali era a sala, quarto e cozinha, a latrina era o campo, as roças, a mata".<sup>5</sup> Dinheiro nunca têm. Prendem-se à fazenda pela dívida do armazém com roupas, comida e ferramentas a preços exorbitantes. " - Tem dinheiro mais a gente não vê". "Aqui só tem dinheiro quem sabe matar, os assassinos". Nunca vi destino mais ruim que o trabalhador de roça de cacau...".<sup>6</sup>

Uma parte deles são grapiúnas, outra parte vem do Ceará ou de Sergipe, onde deixam a família com intenção de voltarem com o dinheiro". Daqui nunca ninguém volta. Fica amarrado no armazém desde o dia que chega".<sup>7</sup> Um alugado do

<sup>3</sup> Cacau, p. 212.

<sup>4</sup> Terras, p. 68.

<sup>5</sup> São Jorge, p. 151.

<sup>6</sup> Terras, p. 70.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 72.

do coronel Teodoro trabalha há dez anos e ao morrer não tem dinheiro para o enterro. O velório é feito no prostíbulo onde viviam três filhas.

Os grapiúnas surgiam da "Rua das mulheres perdidas onde sobravam crianças sem pai, futuros "alugados" nas roças".<sup>8</sup> Em Cacau vemos qual a formação que o futuro trabalhador recebe: "Escola de libertinagem, sim, era o campo com as ovelhas e as vacas, O sexo desenvolvia-se cedo. Aquelas crianças pequenas e empapuçadas tinham três coisas desconformes: os pés, a barriga e o sexo". "Aprendiam a temer o coronel e o capataz, e assimilavam aquela mistura de amor e ódio dos pais pelo cacau".<sup>9</sup>

2.3 . Varapau, Florindo e Ranulfo são alugados do coronel Frederico Pinto e lutam para fugir da escravidão. Varapau aguarda a festa do terno de reis para escapular-se. "Vida de "alugado" era a pior vida do mundo, ele já tivera diversas profissões e nenhuma era igual àquela".<sup>10</sup> E na alegria da festa esquecia-se da fuga. "Mas como pira se tem o terno? Como a gente vai largar o terno ao deus-dará?".<sup>11</sup>

2.4 . O negro Florindo aguardava a decisão de Varapau: " - Como é? A gente pira ou não pira?"<sup>12</sup> E adiava sempre porque havia um prazer naquela vida dolorosa.

2.5 . Ranulfo era amarelo de maleita. Sempre endividado, um dia tenta fugir. Sendo preso apanhou de chicote à vista de todos. "Para Ranulfo, trabalhador perdido nas fa-

<sup>8</sup> São Jorge, p. 242.

<sup>9</sup> Cacau, pp. 174 e 175.

<sup>10</sup> São Jorge, p. 169.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 172.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 169.

zendas de cacau nada disso importa, ele não conhece código de moral nem outra lei exceto aquela que proíbe fugir da fazenda quando se deve ao armazém".<sup>13</sup> Um dia morreu estuporado na estufa. "Quando Ranulfo, cumprido seu tempo de trabalho no inferno da estufa, foi saindo, o aguaceiro caiu e ele não teve tempo de dizer 'ai, meu Deus'".<sup>14</sup> Neste momento todas as precauções foram tomadas para não deixar o cacau. " - Cuidado com o cacau...". " - Essas arrobas estão perdidas...".<sup>15</sup> Finalmente eles não precisam fugir. O cacau baixa de preço ou a fazenda vai a mãos de outro dono e são despedidos.

#### O ALUGADO

O alugado é um simples trabalhador de roças, uma criatura humana que busca melhoria de vida no trabalho das fazendas. Ele é sergipano, cearense ou grapiúna. A riqueza na região do cacau e a necessidade o iludem. Quando se dá conta, está comprometido com a fazenda e violentado na sua condição humana. "Alugado ... Eu estava reduzido a muito menos que homem...".<sup>16</sup> "Dizem que é aquele visgo do cacau mole que prende os homens ali".<sup>17</sup> O visgo do cacau é o símbolo da única lei que prende o alugado à fazenda. Como a seiva do cacau aquela é natural, não está escrita mas vigora e proíbe fugir quando se deve ao armazém. E ele sempre está devendo porque ele tem de ficar. Se deixar perder

<sup>13</sup> São Jorge, p. 87.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 89

<sup>15</sup> Ibidem, p. 90

<sup>16</sup> Cacau, p. 139.

<sup>17</sup> Terras, p. 160.

o produto sua dívida aumenta ainda mais. "Minha sina é sem esperança.../ É trabalhar noite e dia ..."<sup>18</sup> "nunca mais voltavam, viviam o resto da vida com a foice ao ombro, o facão ao cinto derrubando os cocos de cacau, ..."<sup>19</sup> Lá o alugado morre na tocaia, de febre, do veneno das cobras, da bexiga ou estuporado na estufa. Morre sem dinheiro para o enterro.

Odeia o coronel e gosta quando o cacau baixa de preço. É mal tratado física e moralmente. O papagaio aprende do coronel ou capataz lhe dar ordem injuriosa: " - Cuidado com esse cacau, negro desgraçado! "<sup>20</sup> E se tentar fugir é preso e chicoteado. Amor não há, nem ele pode amar. " Também mulhé é coisa que não existe. Só se a gente quisé dormir com onça"<sup>21</sup> Os gritos de ordem, o rebenque e a faltade amor animalizam o alugado; fazendo-no amigo dos animais e companheiro da égua. Ranulfo atrelado ao trabalho e à dívida, batido de chicote, o que lhe restava ainda para ser um jumento? Completou-se entregando-se à zoofelia.

O autor não condena o alugado, ao contrário justifica-o: "Porque o amor é tudo na vida dos homens: ..."<sup>22</sup> Valoriza-lhe o trabalho e se compadece. "O sol sobe ao céu, vermelho de cobre, queimando as costas nuas dos homens. Estavam ali desde as seis da manhã". "... , não poderá nunca crer que sejam mulheres esses molambos negros e mulatos que vêm das roças arfando de cansaço"<sup>23</sup>.

<sup>18</sup> Terras, p. 158.

<sup>19</sup> São Jorge, p. 50.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 75.

<sup>21</sup> Cacau, p. 145.

<sup>22</sup> São Jorge, p. 86.

<sup>23</sup> Ibidem, pp.79 a 81.

Nesta prisão dolorosa, o alugado se entrega ao masoquismo, buscando satisfação no terno de reis, na cachaça, na perversão sexual. Transvaza no lirismo de canções ao som da viola. Sua linguagem é realista, mutilada na sua forma, pobre de semântica e repassada de termos chulos, típicos da incultura e miséria daquele ser humano.

Finalmente é despedido, sem direito ao trabalho, entregue completamente à fome, e para onde vai? "Só Deus sabe...".

Rosa a amante do negro Florindo está livre. Não sofre porque não tem nada a perder. Ela é o lúpen-proletariado, como quando é possível. É o destino da maioria do alugado.

O escritor permanece fiel a seu compromisso com a sociedade leitora. Mostra-nos que a escravidão, no Brasil, não terminou a 13 de maio de 1888, mas que existem ainda muitos seres humanos, neste Brasil em fora, escravizados à miséria física e moral.



## 3. DOS CAPATAZES AO TIPO CAPATAZ

## Resenha dos Extratos:

- 3.1 . Algemiro (O País);
- 3.2 . Algemiro (Cacau);
- 3.3 . Tibúrcio (São Jorge);
- 3.4 . Artur (Seara);

3.1 . Algemiro - é capataz na fazenda do dr. Paulo Rigger, filho do coronel Godofredo. É um mulato forte que respeita e admira o patrão, atendendo-o quando chega com Julie. É muito ativo e tem nove mortes. Para a francesinha ele é um bruto, mais animal do que homem. Predispõe-se a reparar a honra ultrajada do patrão pelo atrevimento de Honório que aceita os amores de Julie. " - Patrão se quiser pode-se liquidar o homem ... Ou dar uma surra".<sup>1</sup>

3.2 . Em Cacau figura outro capataz chamado Algemiro. Talvez seja o mesmo de O País. Trabalha com Mané Flagelo há 14 anos. Aparece nas festas onde dança e bebe chope.

Tinha sido pobre trabalhador, mas acredita que o trabalho enriquece. A mudança possível que ele admite: " - É trabalhar para enriquecer ...".<sup>2</sup> Comprou uma roça do patrão sob hipoteca. Montado no seu burro Carbonato fiscaliza os trabalhadores. Reclama o pouco trabalho: " - Não quero muita prosa. É trabalhar ...".<sup>3</sup> É visto como patrão e senhor.

3.3 . Tibúrcio é o capataz do coronel Frederico Pinto. Grita com os alugados. "Mas quem podia matar o trabalho quando Tibúrcio, o capataz, estava em cima gritando:

<sup>1</sup> O País, p. 42.

<sup>2</sup> Cacau, p. 184.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 167.

- Mais depressa ... Mais depressa ...".<sup>4</sup> Comanda de cima do cavalo e, às vezes, deixa cair o rebenque nas costas de algum trabalhador mais vagaroso. " - São uns molen-gas, não sabem trabalhar, roubam o dinheiro que ganham, são uns ladrões ...".<sup>5</sup> Ele é bem tratado. Tem luz elétrica na casa. "Todos eles têm mais ódio ao capataz que ao coronel. O coronel é intocável, é sagrado, mas o capataz já foi tra-lhador algum dia, é igual a eles, só que subiu e agora é pior que o próprio patrão".<sup>5</sup> Tibúrcio surra Ranulfo de chi-cote. Prospera à medida que o cacau sobe de preço. No tem-po da alta os capatazes iam ao cabaré "Far-West" em Ilhéus.

3.4 . Artur era capataz e despenseiro do dr. Aure-liano, cuja fazenda herdara do pai, coronel Inácio. Queria merecer a confiança do novo patrão e por isso "apertava os homens no trabalho". No tempo do coronel era simples tra-balhador, ganhara a confiança e foi promovido. " ..., os trabalhadores olhavam-no com olhos cheios de ameaças, mas Artur não se preocupava e costumava dizer que 'não tinha medo de caretas'.<sup>6</sup> Suspendia o fornecimento a quem devesse muito.

Tinha inimigos como o negro Bastião e respeitava o valente Gregório de quem recebeu tiros. Quase não ia a fes-tas para não deixar o ambiente pesado. Cortou o abasteci - mento gratuito ao cego Pedro da Restinga. E andava armado.

Tinha filhos estudando para não serem iguais a ele. Queria ter um doutor.

Foi encarregado pelo dr. Aureliano de despedir os mo-

<sup>4</sup> São Jorge, p. 76.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 77.

<sup>6</sup> Seara, p. 10.

\* trabalhador

radores da fazenda que foi vendida. Comprou as roças dos retirantes e continuou capataz do novo dono. Para Jerônimo - " E pior que todos era Artur que antes fora trabalhador, como eles, e que roubara a todos eles na hora do acerto de contas".<sup>7</sup>

#### O CAPATAZ

O capataz é um trabalhador que, gozando da confiança do coronel, passa a cuidar dos outros empregados. No trabalho exige dos roceiros para conservar-se nas boas graças do fazendeiro. No armazém cobra as contas e encurta as medidas das vendas. É uma extensão do coronel no mando e na somitiquice.

É mal visto e odiado pelos dependentes porque é igual a eles, mas se prevalece do cargo para se por acima dos seus pares. Às vezes, é tão algoz que se torna pesadelo para os seus comandados. Aparece em sonho montado no cavalo, de rebenque na mão, gritando: "mais depressa... mais depressa".

O homem detentor do poder facilmente cai no despotismo. Aqui chocam-se as forças físicas combatidas e a dignidade humana com a tirania, muitas vezes, caprichosa do servilismo bajulador. Desse choque surge o conflito, o ódio do explorado. Junto ao escritor que fala pela boca dos trabalhadores, podemos dizer que o capataz é instrumento de exploração do coronel e é desumano.

<sup>7</sup> Seara, p. 52.

## 4. DOS CAPANGAS AO TIPO CAPANGA

Resenha dos Extratos:

- 4.1 . Honório (Cacau);
- 4.2 . Antônio Vítor (Terras);
- 4.3 . Viriato (Terras);
- 4.4 . Damião (Terras);
- 4.5 . Fagundes (Gabriela);

"Se o cujo é bom no gatilho  
passa vida regalada".<sup>1</sup>

4.1 . Honório era capanga do coronel Manuel Misael. Aparece rindo, com os dentes brancos à mostra, lábios grossos, fazendo chalaças com o amigo Barriguinha. "Eh! Muié de tropeiro!"<sup>2</sup> Ele era um alugado. Devia novecentos mil -réis no armazém. É preto forte, alto, e brigão. Trabalhava na fazenda há dez anos. Era grapiúna. Tinha mãos grossas de assassino. Apesar da dívida, o coronel o segurava porque fazia mortes. "Honório era técnico em tocaia e o coronel tinha inúmeros inimigos... Não sei se o coronel sentia remorsos, Honório, não".<sup>3</sup> Educou-se entre tiroteios e mortes. Aos 12 anos fizera morte, quantas tinha agora não sabia. Cada "serviço feito" valia cem mil-réis que ele gastava em cachaçadas, festas e com as rameiras. Nas festas pagava cerveja. Aparecia de paletó de mescla azul, gravatas e botinas.

Morava no rancho de palha de um só cômodo em compa-

<sup>1</sup> Terras, p. 20.

<sup>2</sup> Cacau, p. 124.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 150.

nhia de Colodino, João Grilo e José Cordeiro. Comia carne-seca, farinha e feijão. Cuspia quando pensava na diferença entre eles e o coronel. Via a casa-grande tão grande para tão pouca gente. Arrumava alcunhas chulas ao coronel e concluía que "Deus também é pelos ricos ...".<sup>4</sup> Apoiava as idéias de Colodino. " - Um dia eu mato esses coronéis todos e a gente divide isso".<sup>5</sup> Na briga com o despenseiro, invadiu o balcão e nada lhe acontecera.

Queria aprender para ler as histórias de Lucas da Feira, João do Telhado e Lampião. Os companheiros o tratavam de "negro burro". Defendeu Colodino contra o soldado. Aconselhava José Cordeiro ficar calado contra o coronel. Ele "... olha para a gente com aquela cara de assassino mas não fala".<sup>6</sup>

Quando não tinha dinheiro, aparecia diante do coronel de facão jacaré em punho e nunca voltava de mão vazia. Colodino que cortara o filho do coronel devia ser morto. Era serviço para Honório e ele sabe que: "O coroné vai me rogar praga como diabo". "Mas eu não queimei o bruto porque era um alugado como a gente. Matá coroné é bom, mas trabaiadô não mato. Não sou traidô ...".<sup>7</sup> Ele tem consciência da classe e perde quinhentos mil-réis, a moral de melhor atirador, mas não mata o companheiro.

4.2 . Antônio Vítor era sergipano e vai em busca de trabalho na terra do cacau em Ilhéus. É alto, magro, musculoso. Tem 20 anos e mãos calosas. Ele ama a vida. Apare-

<sup>4</sup> Cacau, p. 125.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 151.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 186.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 203.

ce contente e rindo, " - Tá rindo, vê? Vai rir menos quando estiver ma mata ...".<sup>8</sup> Lembra-se de Ivone que ficou lá noiva esperando filho. Ouve que "Se o oujo é bom no gati lho passa vida regalada".<sup>9</sup> Arruma trabalho com os Badarós. Recebia 2\$500 por dia e alimentava-se de carne-seca, feijão, pirão de farinha e cachaça.

Um dia para salvar Juca Badaró "baixara um homem" do coronel Horácio. O remorso o fez chorar a noite toda. Foi promovido, trocando a foice pela repetição. Gastava com as rameiras. Pegou doença feia e levou um tiro. Na questão do Sequeiro Grande mata muitos cabras de Horácio. "...: fora Antônio Vítor quem o derruba e Juca vira o homem rolar. Antônio Vítor afirmava que tinha derrubado outro, mas não havia certeza".<sup>10</sup>

Descobriu Raimunda e casara com ela. No enterro de Juca Badaró chorava como menino.

Antônio Vítor ascende de alugado a capanga pela repetição e agora com o casamento herdara um pedaço de terra. Construiu casa nova, comprou um cavalo e calçava botas. Fazia 30 anos que estava em Ilhéus. E agora "Voltava de primeira classe, de botinas rangideiras como sonhara, anel no dedo, chapéu na cabeça, boa roupa de casimira. Voltava um fazendeiro, quase um coronel".<sup>11</sup> Tinha ido vender a safra. Antônio Vítor chega ao nível de coronel, (interessante seria um estudo mais específico dessa personagem, que de alugado chega a coronel).

<sup>8</sup> Terras, p. 27.

<sup>9</sup> Cf. not. 1;

<sup>10</sup> Terras, p. 163.

<sup>11</sup> São Jorge, p. 190.

\* derrubara

4.3 . Viriato e Damião são capangas dos Badarós. Eles devem liquidar Firmo que não quer vender a terra.

Viriato é um sertanejo pardo. Aposta que a vítima vem do lado dele. Ele já tinha abatido dois cabras que tentaram contra os Badarós.

4.4 . Damião é mais tipificante, motivo pelo qual o preferimos a Viriato. Era negro e fora jagunço do coronel Clementino. Fugiu porque o coronel o mandara fazer morte e não o escondeu da polícia. Refugiou-se nos Badarós e lá ficou. Cospe quando ouve falar de Clementino. Ri com o rosto todo pelos olhos e dentes. É "homem de confiança e certo na pontaria". "Era fiel como um cão de caça".<sup>12</sup> Como alugado ganhava 2\$500. É conhecido pelas redondezas e seu nome vai nos jornais. "... jagunço de confiança de Sinhô Badaró".<sup>13</sup> Recebe 50 mil-réis porque seu nome apareceu nos jornais. Satisfeito e rindo foi gastar o dinheiro em bebida e com as rameiras.

Era estimado das crianças da fazenda a quem servia de cavalo. Socorria os doentes e não queria mal a ninguém. Para ele\* a mesma ordem selar a mula do patrão ou matar, obedecia da mesma forma. "Sua profissão era matar, ...". "O coronel manda, ele mata".<sup>14</sup> Não sabe quantos matou, se só conta até cinco pelos dedos da mão.

Um dia ouve Sinhô Badaró que pergunta ao irmão: "Tu acha bom matar gente?" Recebe ordem de tocar Firmo. Aquela pergunta de Sinhô lhe ressoa ao ouvido, penetra-lhe

\* era

<sup>12</sup> Terras, p. 46.

<sup>13</sup> Ibidem;

<sup>14</sup> Ibidem, p. 48.

na consciência e o remorso começa a roê-lo por dentro. "Seu coração inocente está apertado numa agonia. Nunca Damião se sentiu assim".<sup>15</sup> Ele que até agora só conhecia a dor física e a odiava; sente outra dor que não sabe o que é. Vêm-lhe à mente as conseqüências se matar Firmo. A mulher, dona Teresa, pode morrer e se ela estiver prenhe, será mais um. Sente-se covarde. "Teria matado uma mulher e isso um negro valente não faz... E o menino?" "Damião contou nos dedos - eram três ..."<sup>16</sup> Fica angustiado, vítima do remorso e da obediência. Sentia-se que "era um assassino". Lembrou-se do inferno pintado pelo frade. Ouve a mata que ri dele e lhe grita: " - Tu acha bom matar gente?"

Trepado na jaqueira não sabe que desculpa arrumar para Sinhô Badaró. "E, se dissesse que errou o tiro?" " Toda gente ia rir dele".<sup>17</sup> Decidiu errar o tiro. Não sabe nem ele como, inconscientemente? por força do remorso? Desesperado vai pedir conselho ao feiticeiro Jeremias. "Coisa de feitiço, meu pai, negro Damião errou o tiro ...".<sup>18</sup> E a notícia se divulgou: " - O negro Damião errando tiro? É o fim do mundo...".<sup>19</sup> Ele não entende porque errou o tiro. Andou pelas estradas alucinado com remorso e com medo do patrão.

4.5 . Em Gabriela temos Fagundes, capanga do coronel Melk. Ele atirou no prefeito de Ilhéus, coronel Aristóteles porque o seu dono mandou. "Cada um tem seu ofício, esse

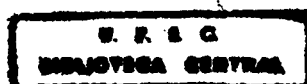
<sup>15</sup> Terras, p. 47.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 54.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 56.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 87.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 93.





é o meu. Também para comprar um pedaço de terra, eu e Clemente".<sup>20</sup> Ele já sabia que " ... um homem sabendo atirar tem boa excitação...".<sup>21</sup>

#### O CAPANGA

É um alugado da fazenda que por sua boa pontaria exerce o ofício de matar. Goza de certas regalias, sentindo-se companheiro do coronel na hora do "serviço". Ganha um soldo especial pelas mortes que faz e tem consciência de sua utilidade ao fazendeiro.

Todo cabra apresenta físico tão possante, quanto sua valentia. Não gosta do coronel porque é partidário dos alugados, mas lhe obedece. E mata em obediência.

É ignorante, analfabeto e ainda que não sinta remorsos; distingue perfeitamente a vítima. Não mata o inocente e/ou o seu igual. Pelo contrário inverte sua função, tornando-se instrumento de salvação do perseguido.

Muitas vezes deixa de ganhar o dinheiro por falta de sorte ou porque decide poupar a vítima. Gabriela duvida se Fagundes recebe o dinheiro para comprar a terra. " - Mas o homem escapou. Vai ver, tu não ganha nada".<sup>22</sup>

No caso de Damião encontramos um tipo de personagem vibrante de humanidade - comido de remorsos. É a personagem angustiada diante do remorso contra o sentimento de obediência. Matar não era bom, era covardia. Desobedecer era castigado, era furtar-se ao ofício. As forças sobre-hu-

<sup>20</sup> Gabriela, p. 273.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 81.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 275.

manas, a quem pede ajuda, não resolvem o problema porque além da vontade do coronel há um destino e um dia para cada um.

O capanga é um ingênuo útil que mata sem paixão, por ofício, para sobreviver. É um ignorante que acha que matar é uma profissão como outra qualquer. Ele não sabe contar quantos matou. A visão que temos de tal criatura é a mesma que o escritor revela através de Gabriela: "Matar era ruim, gostava não! Mas negro Fagundes outra coisa não sabia fazer. Não tinha aprendido, só sabia matar".<sup>23</sup>

<sup>23</sup> Gabriela, p. 274.

## 5. DOS FILHOS AO TIPO FILHO DO CORONEL

Resenha dos Extratos:

- 5.1 . Osório (Cacau);
- 5.2 . Rui Dantas (São Jorge);
- 5.3 . Silveirinha (São Jorge);
- 5.4 . Tônico Bastos (Gabriela);

5.1 . Osório era filho do coronel Manuel Misael. Estudava Direito na Bahia e quando vinha de férias gritava com os trabalhadores, como fossem escravos. Na fazenda era estúpido e ignorante, na escola vagabundo. As filhas dos roceiros que se cuidassem porque "... nas fazendas de cacau há sempre uma coisa que se chama o filho do coronel; que é estudante na Bahia, é ignorante e estúpido".<sup>1</sup> Era respeitado como fosse o coronel; " - Beija a mão do dr. Osório, peste. Seja bem educado...".<sup>2</sup> Tinha dedos de moça. Quando ia ver o cacau parava à porta dos trabalhadores para ver se descobria alguma coxa descoberta lá dentro. E um dia descobriu as coxas de Zilda, filha do alugado Ascenço. Fosse porque chovia, fosse porque buscava uma oportunidade certa vez abrigou-se no rancho e lá seduziu, deflorando Zilda de 11 anos.

Frequentava a missa e tinha livros imorais. "Os filhos dos coronéis são semideuses despóticos que amam deflorar por farra tolas roceiras de pés grandes e mãos calças".<sup>3</sup> Magnólia, noiva de Colodino, não está livre da sen-

<sup>1</sup> Cacau, p. 153.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 176.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 202.

sualidade de Osório. Ele gosta de manuê de milho. A mãe quer agradar ao coronelzinho e manda o prato supitado pela filha. Osório a conquista com presentes e remédios até que a seduz. O noivo reage, marcando-o no rosto com o facão. O coronel toma a defesa do filho e manda tocar o agressor.

5.2 . Rui Dantas é filho do coronel Manuel (Maneca) Dantas. Formou-se advogado. Aparece de anel no dedo, mas sem clientes. Faz versos. "Rui Dantas, advogado sem clientela, filho de pai rico, poeta de maus versos, jogador sem sorte, ...".<sup>4</sup> É rival do poeta Sérgio Moura, cujos versos critica e ironiza os amores desse com Julieta Zude.

Escreveu o discurso para o coronel Horácio proferir no dia de seus 80 anos. Apaixonou-se por Lola. Preocupa o pai que o supõe no cabaré ou aspirando cocaína. Diante da alta do cacau só pensa em excessos e loucuras. "Há dinheiro sobrando, dizia o doutor Rui Dantas no bar, ante o copo de 'gin'".<sup>5</sup> Encorajado pelo pai acompanha a questão do coronel Horácio contra o filho, Silveirinha. "Ora, meu pai disse Rui -, esses tempos em que se resolvia tudo a ponta de clavinote já passaram...".<sup>6</sup> Faz "o caxixe mais perfeito dos últimos tempos", o testamento de Ester por sugestão de Horácio.

É desanimado, fatalista e medroso - tudo acha difícil. Pretende publicar os versos num livro, mas para ele a poesia também é custosa. "Rui Dantas está sem paletó, as mangas da camisa arregaçadas, parece empenhado numa luta corporal". E exclama: E ainda dizem que escrever versos

<sup>4</sup> São Jorge, p. 32.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 136.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 162.

é um trabalho de vagabundos..."<sup>7</sup>

Não consegue inocentar Pepe contra o coronel Frederico Pinto. Abandona os processos e se entrega completamente à morfina e à cocaína. Passou a ter ataques de loucura. "Maneca Dantas olhava as mãos do filho, trêmulas e desçarnadas". "... o que desejava era morrer antes do filho. Para não vê-lo defunto, ou, ainda pior, definitivamente louco, ...".<sup>8</sup>

5.3 . O coronel Horácio e dona Ester tiveram um filho o Silveirinha. Puchava à mãe no ódio à vida da fazenda. No colégio não tinha amigos. Na Faculdade isolou-se ainda mais quando lhe falaram dos amores da mãe com o dr. Virgílio.

De férias, como judiasse de um alugada, levou uma surra do pai a quem xingou de " - Corno...Corno...Corno".<sup>9</sup> Silveirinha era um inútil na fazenda e na sociedade. Era fechado e vivia no bar com poucos amigos, onde jogava e falava de política. "Odiava as roças de cacau, demorava nelas o menos que podia". "Silveirinha, advogado e ex-deputado, não fazia nada além de gastar dinheiro em Ilhéus".<sup>10</sup> Era medroso e ao ouvir um tiro ficava pálido.

Ingressou no integralismo, ocupando a chefia do partido. Foi eleito porque tinha dinheiro. "Havia quem dissesse que os 'homens de cabeça' do partido se riam, pelas costas de Silveirinha".<sup>11</sup>

<sup>7</sup> São Jorge, p. 138.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 241.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 156.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 69.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 152.

Era considerado a "vaca de muito leite". Na campanha financeira do partido comprometeu-se com 50 contos que iria pedi-los ao coronel. Agravam-se suas relações com o pai. Como chefe do partido tinha guarda pessoal.

Na hora dos apertos gostava de ser igual ao velho pai para resolver as coisas sem discutir. Não conseguindo a parte da fazenda que lhe cabia pela morte da mãe, resignado aguardava o fim do velho coronel. "Pouco me importa que morra..."<sup>12</sup> Não procurava seus direitos apesar de advogado, porque "de advocacia não entendia nada". Deve muito ao exportador Schwartz. "Mas é uma coisa horrível, ver um filho dizendo que o pai não tarda a morrer, que tomara que morralo-go ... Puxa!"<sup>13</sup> Dava razão à mãe nos comentários. Ela o vingara antecipadamente contra a brutalidade do pai, dizia ele.

5.4 . O coronel Ramiro Bastos tinha dois filhos: o dr. Alfredo, bom médico de crianças, mas "modesto deputado estadual". Era um desvio da regra geral a que pertencia o irmão, Tonico Bastos e demais filhos de coronéis.

Tonico era o dândi vilão, o "homem irresistível da cidade". Vestia paletó azul e calças brancas. "E, falando-se de mulheres, seu nome veio à baila. Como não podia deixar de acontecer". Metia-se com raparigas, "... corneando os fazendeiros nos leitos das concubinas".<sup>14</sup> Trabalhava no cartório como tabelião que o pai, chefe político, lhe conseguira. Não alcançando ir além do terceiro ano de engenharia "..., o coronel fê-lo voltar a Ilhéus, arranjando-lhe o melhor car-

<sup>12</sup> São Jorge, p. 159.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 198.

<sup>14</sup> Gabriela, p. 107.

tório da cidade e a noiva mais rica".<sup>14</sup> Não herdou a coragem do pai, empalidecia e gaguejava nas complicações amorosas. Nos escândalos tinha medo da esposa, dona Olga. " - Se um dia eu souber que você anda metido com mulher! ...".<sup>15</sup> Era mentiroso e conseguia enganar a esposa. "Para dona Olga não havia homem mais puro, pobre dele!"<sup>16</sup> Enquanto que Nacib lhe dizia: "Você só mesmo de rédea curta".

Para uns era bom rapaz, para outros um gabola interesseiro, quando na verdade: "É um canalha simpático, um irresistível mau caráter".<sup>14</sup> É irônico diante dos projetos de melhoria: " - Por que em vez de engenheiro, Mundinho não traz outra dançarina? Custa menos trabalho e serve aos amigos".<sup>17</sup> É indiferente à luta política do pai, não aceita o posto de intendente.

Está sempre no bar do Nacib. "... após o almoço para um dedo de amargo a ajudar a digestão, um dedo de prosa antes de abrir o cartório".<sup>18</sup> Respeitava Gabriela e era amigo confidente de Nacib. Prontifica-se a arrumar os papéis para o casamento e quer ser padrinho. " - Sou seu amigo Nacib. Vou lhe ajudar. Pelos papéis não se preocupe. Arranjo tudo no cartório".<sup>19</sup> Quer a felicidade do amigo, mas vê na afilhada, Gabriela, uma oportunidade para suas evasões libidinosas. Pergunta por ela - " - Deixe estar, um dia desses vou dar uns conselhos à minha afilhada".<sup>20</sup> A vilania de Tonico Bastos chega ao ponto de levar seu portador a dormir

<sup>15</sup> Gabriela, p. 108.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 137.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 159.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 162.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 230.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 285.

com a afilhada de casamento. É ridicularizado e forçado a confessar ao juiz que falsificara os papéis de Gabriela. Pendurado na porta da casa amanhece um desenho dele fugindo em cuecas. O seu bar agora é o "Pinga-de-ouro".

Outros filhos de outros coronéis apresentam a mesma negação aos pais. O filho do Coriolano é contrário à política do velho. O Berto de Amâncio "enfrenta-se com o pai": "Não tem jeito, meu pai, o senhor deve entender. Padrinho Ramiro é o passado, Mundinho Falcão é o futuro".<sup>21</sup> A Malvina do coronel Melk rompe o código moral da família patriarcal e liberta-se. Essa libertação será vista com mais detalhes ao tratarmos da mulher que se liberta.

#### O FILHO DO CORONEL

É um inútil na sociedade e na fazenda. Evita a luta mesquinha do pai. Ele se forma num curso quando consegue. Às vezes, desiste dos estudos e arruma um emprego medíocre. Uma vez formado não exerce a profissão porque não entende. É um ser humano formado num meio frouxo e em teorias mal aprendidas. Representa o refinamento dos costumes de uma época e a dissolução de uma estrutura social superada. Geralmente é um viciado - jogador, libertino despótico e cocainômano. "Na cama fazia com Lola as maiores extravagâncias, bebiam os dois até cair de bêbados, afundavam nos mistérios dos tóxicos ...".<sup>22</sup>

Tem consciência da aproximação dos novos tempos que exigem uma sistemática diferente. O filho do coronel não tem coragem, é um anêmico na luta pela vida. "Os filhos dos

<sup>21</sup> Gabriela, p. 291.

<sup>22</sup> São Jorge, p. 138.



coronéis, a primeira geração de ilheenses, aquela que os pais destinavam a grandes destinos, andava, formada em advocacia, em medicina, ou em engenharia, inútil pelos cafés e pelos cabarés, advogados sem clientes, médicos nos quais ninguém acreditavam".<sup>23</sup> Aqui temos a visão do escritor.

O filho do coronel vive intensa e escandalosamente a vida. Diante dos seus inferiores é desumano e perante o mais forte é um covarde. Acredita nas riquezas herdadas do pai, último coronel; e se ampara na personalidade forte dele. É um parasita, como o autor ironicamente o faz se confessar: "Somos uma geração fracassada ...". " - Em compensação sabemos beber, o que pouca gente sabe ...".<sup>24</sup> Suga o que o pai fez de economia e se opõe na política. Colabora com o exportador e com o novo chefe político que são forasteiros; quando na verdade, podia ser ele o exportador e o novo chefe político progressista.

JA deixa ao leitor uma lição de vida baseada na verdade: "Pai rico, filho remediado e neto arruinado". "Para os filhos eles haviam trabalhado, entrado pela mata adentro, matado gente, plantado cacau. Para que os filhos fossem grandes homens um dia e não vagabundos que eram, incapazes, inúteis".<sup>25</sup> O filho do coronel é a vergonha e a negação do pai. Teve a infelicidade de nascer quando ainda havia a crença de que "Homem com fama de covarde era homem sem futuro".<sup>26</sup>

<sup>23</sup> São Jorge, p. 51.

<sup>24</sup> Ibidem

<sup>25</sup> Ibidem, p. 69.

<sup>26</sup> Terras, p. 110.

## 6. O VAGABUNDO

Não cabe neste trabalho criarmos uma teoria, mas somente esclarecermos nossa posição e conceito do termo vagabundo. Lembramos também que este tipo de personagem não será formalizado com outros, porque serve apenas para se distinguir do tipo LÍDER.

Para nós vagabundo é o indivíduo que não reage na vida, mesmo nas suas condições psico-físicas normais. Para não ser vagabundo não significa que deva ser um operário de fábrica ou um enxadeiro. O artista, o estudante, o líder não são vagabundos.

Chamar de vagabundos Antônio Balduino e Pedro Bala é possível, mas não por sua expectativa e busca de caminhos que se configuram como seres ativos. No preconceito burguês que se configuram como seres ativos. No preconceito burguês possivelmente tenham tido fases de vadiagem, o que não os desvirtua da posição ativa de líderes. O escritor, às vezes, também os chama de vagabundos. Não esqueçamos que ele mantém um substrato da visão burguesa do mundo. "Continuar apesar de saber que nunca serei um escritor operário. Pequeno burguês, com os vícios de origem...",<sup>1</sup> confessava ele. Essas personagens são focalizadas por críticos pela óptica da burguesia.

Aqui tipificamos o vagabundo nos protótipos: Zé Camarão e Viriato em Jubiabá, e Boa-Vida em Capitães. O modelo acabado e cujo nome diz é Vadinho em Dona Flor. Não menos vagabundo foi Quincas Berro D'Água, sobretudo nos últimos anos de vida. Desses dois últimos nada mais falaremos

<sup>1</sup> Tati, Miécio - op. cit., p. 59.

por estarem em obras fora do corpus deste trabalho.

Zé Camarão não trabalhava e era fichado na polícia. Era capoeirista e tocava em festas para viver do que lhe davam. Cantava o A B C do cangaceiro Lucas da Feira. Era o ídolo da garotada com quem passava "... um desordeiro que vivia sem trabalhar..." "...Zé Camarão passava horas e horas ensinando os garotos do morro o jogo da capoeira,...".<sup>2</sup>

Viriato era o tipo do vagabundo mendigo. " Estendia sem, uma palavra o chapéu aos que passavam". Recebia a parte que lhe tocava da fêria e "... ia para um canto, comia, fumava, dormia".<sup>3</sup> Enquanto os outros do bando tiveram destino diverso, Viriato ficou mendigando e foi encontrado morto no mar.

Em Capitães temos outro exemplar de vagabundo na figura Boa-Vida. Era um viciado pederasta. "Gostava de deixar a vida correr, sem se preocupar muito. Era mais um parasita do grupo". "Mas realmente não gostava de nenhuma espécie de trabalho, fosse honesto ou desonesto".<sup>4</sup> Ele descobre que na Graça há uma casa que guarda ouro.

Aos poucos vai se afastando do grupo. "Quando tiver dezenove anos já não voltará. Será um malandro completo, um daqueles mulatos que amam a Bahia acima de tudo, que fazem uma vida perfeita nas ruas da cidade".<sup>5</sup>

Esses exemplos caracterizam o tipo vagabundo. Eles não se experimentam, não procuram melhorar. São verdadeiros parasitas da sociedade.

<sup>2</sup> Jubiabá, p. 30.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 73.

<sup>4</sup> Capitães, p. 50.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 174.

## 7. DOS OPERÁRIOS AO TIPO OPERÁRIO

Resenha dos Extratos:

- 7.1 . Cabaça (Suor);
- 7.2 . Artur (Suor);
- 7.3 . Manuel de Tal (Suor);
- 7.4 . Salustiano (Jubiabá);

7.1 . O negro Cabaça foi parar ao pé da escada do sobradão 68, na Ladeira do Pelourinho. Era condutor de bonde, quando se ferira o pé. "Um Mês depois não podia mais trabalhar e foi despedido".<sup>1</sup> O autor desconhece o motivo porque a ferida tomara conta do pé. "Talvez por falta de médico, talvez por outro motivo".<sup>1</sup> Dormia sobre jornais , junto a uma poça de mijo". Tinha por comensal um rato. Aquela era a bruta sorte do ex-condutor de bonde. "Desesperava-se, às vezes, e metia as unhas sujas na carne viva e podre da ferida".<sup>2</sup> Cabaça revoltava-se com seu estado de miséria. Lia nos jornais que lhe serviam de cama - " Uma greve dos operários da companhia de bondes do Rio". Pensava ele que o mesmo se devia fazer na Bahia. "Partir a cara desses filhos da puta desses americanos".<sup>1</sup> Por causa do crescimento da ferida e o mau cheiro - "A preta velha avisou à Assistência que, numa manhã enevoada, recolheu Cabaça ...".<sup>2</sup>

7.2 . Artur trabalhava numa fábrica. Perdera os braços "um cada vez". Quando perdeu o primeiro arrumaram-lhe outro trabalho "junto a outra máquina de salário menor".<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Suor, p. 251.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 302.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 256.

A máquina lhe arrancou o outro braço e "o patrão disse -lhe que tinha pena,mas não lhe arranjou lugar algum".<sup>3</sup> Acabou no sobradão 68, na Ladeira do Pelourinho.

Agora ele devia enfeitar-se de palhaço a serviço de um propagandista. Não conseguia dinheiro para o sustento e achava que devia ser igual a cobra-propaganda, se alimentar de ratos. " - Nós vamos acabar como ela..."<sup>4</sup>

7.3 . Além de outros exemplos em Suor figura Manuel de Tal que fora há meses despedido da Fábrica Ribeiro. Sui- cidou-se porque devia três meses de pensão e "não comia há dois dias e ia ser posto fora do quarto".<sup>5</sup>

Em Jubiabá, o negro Salustiano, segundo informações de outra personagem do livro, afogou-se no mar porque estava desesperado desde que saiu das docas. "Já não tinha força ... Andava agora passando fome. Matam a gente de trabalho e depois mandam embora".<sup>6</sup>

Balduino via que as operárias das fábricas de fumo eram tristes e doentes. Ali o operário era multado quando parasse. "Quando uma mulher sai de uma fábrica, não arranja emprego na outra. Eles têm uma combinação ...".<sup>7</sup> Mesmo doente tinham de trabalhar. "Agora apenas trabalha porque se não trabalhar morre de fome".<sup>8</sup>

Clarimundo morreu nas docas, debaixo do guindaste. Não tinha dinheiro para o enterro.

<sup>4</sup> Suor, p. 281.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 288.

<sup>6</sup> Jubiabá, pp. 81 e 82.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 153.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 165.

## O OPERÁRIO

O trabalhador braçal da cidade tem a mesma sorte do alugado das fazendas. É um ser humano carente de pão. Aceita o trabalho nas condições que lhe é ofertado para o próprio sustento e o da família.

Por falta de proteção o operário facilmente perde a saúde ou se acidenta. Sem garantias fica na miséria ele e a família. Daí vem a revolta e o desespero da fome e da falta de teto. Ele tem duas alternativas, quando não morre: o suicídio ou confiar na solidariedade de todos os oprimidos para conseguir melhora. Nesta emergência surge um líder que organiza e comanda o movimento. "Nós fizemos uma outra escada na casa". "Hoje há outra, solidariedade que nós despertamos...".<sup>9</sup>

Há um depoimento crítico em que a reação do escritor se manifesta através da revolta do operário explorado. A visão é dada por outras personagens que assistem aos fatos. O leitor tem diante de si a figura desumanizada do operário reduzido à condição de rato, ao ridículo de palhaço da fome.

<sup>9</sup> Suor, p. 336.

## 8. DOS LÍDERES AO TIPO LÍDER

Resenha dos Extratos:

8.1 . Antônio Balduino (Jubiabá);8.2 . Pedro Bala (Capitães);

Entre os inúmeros líderes que encabeçam os movimentos reivindicatórios de melhoria salarial e de libertação, presentes nas obras de JA; limitamo-nos a dois. Apresentaremos Antônio Balduino, mostrando que é um líder e não um vagabundo e Pedro Bala para completar o tipo.

8.1 . Antônio Balduino aparece com a idade de 8 anos. Era filho de pai brigão, jagunço de Antônio Conde. Conhecia a vida do pai morto por ouvir dizer. Queria ser jagunço: "Não sabia de carreira mais bela e mais nobre, carreira que requeresse mais virtudes, saber atirar e ter coragem".<sup>1</sup> Já cedo liderava quadrilha de negrinhos que divagavam pelo Morro do Capa Negro. Gostava de ouvir histórias de Antônio Silvino e Lucas Feira. Não descia à cidade com medo de perder a janta da tia que cuidava dele. Aguardava com avidez o acender das luzes das ruas lá embaixo. "Era puro como um animal e tinha por única lei os instintos".<sup>2</sup> A luz para ele era a satisfação dos sentidos.

Ajudava a tia fazer munguzá e mingau. Tornou-se supersticioso, sabendo que as dores de cabeça da tia "aquilo é o espírito". Nessas ocasiões ficava com medo e ia chamar Jubiabá a quem respeitava e temia. Para ele "Jubiabá era o mistério".

<sup>1</sup> Jubiabá, p. 27.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 26.

Elegeu como protótipo a seguir Lucas<sup>da</sup> Feira. Aprendia capoeira com Zé Camarão e abateu com um golpe o moleque malcriado. Sonhava em ser cantado num ABC e viver livre das opressões. Crescia dentro da "tradição da escravidão ao senhor branco e rico".<sup>3</sup> Ele sabia, a exemplo dos mais velhos, que quando grande a fábrica, o cais o esperavam.

Queria ser lobisomem. Para isso deixou crescer os cabelos, as unhas e fez malcriação, quebrando as bonecas de Joana. "Menino Judeu... Esse acaba criminoso...".<sup>4</sup> Era apontado como responsável: " - Foi Balduino quem me chamou ...".<sup>5</sup> Passara uns três anos no Morro na esperança de ser herói e se escapando da sanha da tia, cuja doença se agravava. Com o internamento da tia no hospício, por intermédio de Jubiabá, passou a morar em casa do comendador, na travessa Zumbi dos Palmares. Na escola comandou molecagens, sendo por isso expulso. Na opinião da professora: " - Negro é uma raça que só serve para escravo".<sup>6</sup> Aprendera um pouco e lia já os A B C dos cangaceiros. Nos filmes a que assistia torcia para o índio mau. Elegeu o herói Zumbi dos Palmares como outro modelo a seguir.

Em casa do conselheiro Pereira conheceu Lindinalva a quem elegeu como a santa dos seus sentimentos. Foi caluniado pela empregada Amélia e apanhou inocentemente. Um dia resolveu libertar-se do exílio, fugindo da travessa Zumbi. Agora "sua casa era a cidade" e passa a viver de

<sup>3</sup> Jubiabá, p. 41.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 47.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 49.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 60.

\* da



esmola. Tem 15 anos e comanda um grupo que vive pedindo e saqueando. Como chefe determina a moral do grupo (combate o homossexualismo e impõe a lealdade entre os companheiros) e divide a fêria do dia. "Iam passando em frente a Balduino que dava a cada um o que lhe pertencia".<sup>7</sup> Às vezes forçava a esmola com a navalha. Socorreu o companheiro Rosendo, levando-o junto à mãe e foi buscar Jubiabá para curá-lo.

Vive na ansiedade "... não sabe o que é, mas espera" a solução e vê "o mar como um caminho de casa".<sup>8</sup> Ouve que o operário é judiado no trabalho e depois é mandado embora. Aplauda o discurso do líder revolucionário e protesta contra a política que prende o espanhol. Em "Lanterna dos Afogados" vê tirarem um preto que se afogou por desespero de trabalho. Está diante de uma escolha de caminhos: "pelo corpo de um suicida o mar mostra o caminho de casa" e "pela prisão de um homem que fala em pão e o gesto de outros que protestam".<sup>9</sup> Continua chefiando o grupo e divide a cidade com outro grupo que vive de esmola.

Voltou ao Morro onde aprendeu a tocar violão e compor sambas que vendia. Agora tem 18 anos e se amigava com toda a mulata possível, sem esquecer Lindinalva. "Balduino ria alto, gíngando a disputa das duas".<sup>10</sup> Ouviam-se as constantes gargalhadas pela cidade em fora. "E a sua gargalhada assusta os homens mais que a luta, que a punhalada e o sangue".<sup>11</sup> Tornou-se ogaõ do candomblé e Omolu o reverenciava. Por causa de amores enfrenta um soldado de navalha em

<sup>7</sup> Jubiabá, p. 74.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 81.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 83.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 99.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 172.

punho. " - venha se é homem!..." "Eu não respeito far - da...".<sup>12</sup> Na briga o italiano Luigi percebeu que Balduino dava socos de boxador e o convenceu ao pugilato. Lutou victoriosamente com os nacionais da Bahia e do Rio. Quando ia enfrentar o peruano Miguez, soube do noivado de Lindinalva. Desesperado tomou um porre e perdeu a luta. Sente-se moralmente derrotado. "Nunca tivera uma angústia tamanha".<sup>13</sup> Lembrava-se da escravidão e de todas as suas misérias. Na cidade era acusado de ter-se deixado vender na luta de box.

Aqui temos o herói romântico que foge e vai à velha cidade de Cachoeira. "Malandragem na linguagem que ele fala quer dizer liberdade".<sup>14</sup> Nas plantações e fábricas de fumo via que as operárias andavam tristes e doentes. Morou num rancho junto com três cultivadores de fumo. Na briga apunhalou o capataz, Zequinha. Refugiou-se no matagal. Sentia-se um jagunço acuado e célebre; momento em que devia mostrar seu heroísmo fugindo do cerco. "Amanhã eu mostro se não fujo...Eu sou é macho".<sup>15</sup> E fugiu.

Voltando à Bahia conta que os homens ganham "deztão por dia" nas roças de fumo. Tomava assim consciência plena da miséria do trabalhador. Luigi o contrata para trabalhar no circo. É anunciado como "campeão mundial de luta livre, boxe e capoeira".<sup>16</sup> Derrotados todos os adversários, lutou ainda em São Félix onde o circo se desfez. Não quer mais brigar por causa das mulheres, como fizera com Zequinha por Arminda. " Não vale a pena um homem matar outro

<sup>12</sup> Jubiabá, p. 117.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 129.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 142.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 172.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 207.

por causa de uma vagabunda como Rosenda".<sup>17</sup> À medida que fica adulto percebe que tudo o que fizera foi em vão. Tem desejo incontido de extravasar, de fazer proezas, de medir as forças.

Escreve seu ABC que saiu na "Biblioteca do Povo" e queria ser maestro de um jazz. Associou-se ao salão "Liberdade na Bahia". Odiava os guindastes que matam os trabalhadores. Encontra Lindinalva agonizante na baixa prostituição. Luta para salvá-la, mas não consegue. Recebe dela a incumbência de criar o filho. Vai trabalhar na estiva na vaga de Clarimundo. Antes que só observava a miséria dos trabalhadores, agora sente-a na pele. Quer morrer, mas tinha um compromisso de honra com Lindinalva. Atravessa a noite descarregando um navio.

Ouve notícias da greve dos condutores de bonde. Acha que é bom lutar. Sua fama tornou-o indispensável no movimento. Decidiu-se para a greve "ia alegre porque ia brigar, entrar em barulho, gritar, fazer todas as coisas de que ele gostava".<sup>18</sup> Solidário aos companheiros que juntos pediam aumento de salário, 8 horas de serviço e abolição das multas. Não entende o significado da "luta contra o capital", mas alguém lhe explica que capital é o mesmo que os ricos. Fala aos companheiros baseado no que viu nas roças de fumo. A greve para ele era uma festa onde todos estão solidários. "Vocês precisam ver a greve, ir para a greve". "Negro e branco pobre, tudo é escravo,...".<sup>19</sup> Representa os estivadores e diante da reação da polícia se

<sup>17</sup> Jubiabá, p. 233.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 280.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 287.

irrita: "A gente rebenta a cara deles". "Aos poucos ele vai aprendendo que na greve não é um homem que manda".<sup>20</sup> Após a vitória da greve vai à casa de Jubiabá - "E lhe diz que descobriu o que os ABC ensinavam, que achou o caminho certo".<sup>21</sup> Antônio Balduino salvou-se pelo caminho da greve.

8.2 . Pedro Bala tinha 15 anos e fora capitão da areia desde os 15 anos. Era filho de grevista. " - Porque o pai dele era Raimundo e morreu foi aqui mesmo lutando pela gente, pelo direito da gente".<sup>22</sup> Por sua atividade substituiu Raimundo na chefia dos moleques. Raimundo era bruto e covarde por isso foi preterido. "... , sabia tratar com os outros, trazia nos olhos e na voz a autoridade de chefe". "... , era de uma agilidade espantosa".<sup>23</sup>

Vigiava a moral e a lealdade dos companheiros - "... pois uma das leis do grupo era que \* admitiriam pederastas passivos". Expulsa do grupo os atrevidos e obriga a todos unirem a fêria que ajuntaram para dividir entre todos. " O Gato dividiu os trinta e oito mil-réis pelos três".<sup>24</sup> Comandou o roubo do embrulho de dinheiro . Era cauteloso: "A turma pode desconfiar de ver tanto junto".<sup>25</sup> No jogo limpava os outros.

Vendo que os homens suavam no serviço dos guindantes pensava que ele um dia podia lutar. " - Eu gostava de fazer uma greve. Deve ser porreta".<sup>26</sup> Aprendeu de João de A-dão quais eram os direitos dos doqueiros. Soube que Omolu

<sup>20</sup> Jubiabá, p. 300.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 314.

<sup>22</sup> Capitães, p. 61.

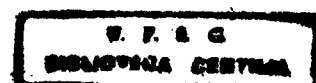
<sup>23</sup> Ibidem, p. 15.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 35.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 40.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 62.

\* não



prometera vingar os pobres.

Seguiu uma negrinha que atravessava o areal. "Pedro, (...), era igual a um animal coçando no deserto um outro animal para seu almoço". " - Tu é um pancadão, morena. Nós vai fazer um filho lindo".<sup>27</sup> Lembrou-se do pai, de Omolu e vendo o desespero da negrinha não a violentou. Sentia grande inquietação a ponto de querer se jogar no mar. Gozava de grande confiança e assumiu a responsabilidade de ir buscar na delegacia a imagem de Ogum que a polícia prendeu no candomblé de Don'Aninha. "Minha gente, eu vou fazer um troço difícil".<sup>28</sup> Fingiu-se de assaltante para ser recolhido na cadeia. Ao ser libertado trouxe no paletó Ogum. E soltava sua gargalhada retumbante ao sentir "a liberdade de andar pelas ruas da cidade".

Não permite que o companheiro atacado da bexiga seja recolhido, que ninguém voltava do sanatório. Não acreditava que a situação fosse "coisa feita lá em cima". " - Um dia a gente muda ... disse Pedro Bala".<sup>29</sup> Decide o que deve ser feito com a desamparada Dora e o irmãozinho. Era considerado por ela como um herói. Depois de longos dias de proteção disse a Dora: " - Tu agora é minha noiva".<sup>30</sup>

Foi preso e se defendia como um chefe. Noticiavam os jornais: "Pondo em prática uma agilidade incomum Pedro Bala se livrou dos braços do investigador que o segurava e, com um golpe de capoeira, o derrubou".<sup>31</sup> Preso mais uma

<sup>27</sup> Capitães, p. 65.

<sup>28</sup> Ibidem, p. 73.

<sup>29</sup> Ibidem, p. 122.

<sup>30</sup> Ibidem, p. 144.

<sup>31</sup> Ibidem, p. 147.

vez foi espancado e judiado no reformatório donde conseguiu fugir. Era leal e não denunciou os companheiros e nem informou onde ficava o quartel deles. "O Diretor do Reformatório levantou-se, sentou-lhe o pé, ...". "Os soldados vibraram o chicote". "Grita de dor. Mas não sai uma palavra dos seus lábios".<sup>32</sup> Era castigado como um homem. Desesperado com a morte da noiva pede ao companheiro, o Professor, que o ajude mudar o destino da "vida da gente".

A bondade de Pirulito como o ódio do Sem-Pernas não resolviam. Enquanto os outros seguiam seu destino ele não sabe para onde ir. Amava a liberdade. Via na greve um meio de libertação. "É uma coisa bonita a greve, é a mais bela das aventuras".<sup>33</sup> Para ele a greve era festa dos pobres. "Os pobres é tudo companheiro, companheiro da gente".<sup>34</sup> Comandou um grupo que devia impedir os trabalhadores furarem a greve. Seguiu a voz "companheiros chegou a hora" para "ajudar mudar o destino de todos os pobres". "Voz que traz o bem maior do mundo...: a liberdade".<sup>35</sup> Vencedor que foi na Bahia, seguiu para Aracaju organizar os moleques a fim de mudar o destino de outras crianças.

## O LÍDER

"Este é o grande defeito de Jorge Amado. Em Jubiabá, a personagem de Baldo de vagabundo e agitador não convence, pois depende de causa sentimental,...".<sup>36</sup>

<sup>32</sup> Capitães, p. 149.

<sup>33</sup> Ibidem, p. 191.

<sup>34</sup> Ibidem, p. 194.

<sup>35</sup> Ibidem, pp. 197 e 198.

<sup>36</sup> Lima, Luís Costa - in Coutinho, Afrânio - A Literatura no Brasil, p. 310, vol. V.

O autor dessa afirmação não nos convenceu - primeiro porque Baldo pode ter sido um malandro, menos um vagabundo; segundo porque a ação não é o único recurso caracterizador da personagem de ficção, como não o é unicamente a sondagem psicológica. Tratando-se de um herói romântico, não vemos porque não se governar pelos sentimentos do amor, da honra, da solidariedade e da aventura. Para a crítica estruturalista, digna do nosso respeito, talvez a organicidade da personagem de Balduino tenha degraus menos plausíveis. É que JA reveste suas personagens de sentimentos líricos com lances épicos, o que não é relevante para a crítica estruturalista.

Se atentarmos bem para o caráter desassossegado de Balduino, desde sua aparição em cena, e não esquecermos que JA busca as personagens na realidade da vida; veremos que Balduino se parecerá com muitos jovens mulatos, que buscam seu caminho entre os 8 a 19 anos, (descontada a sua estilização). O fato de ter vivido de esmolas e saques, depois ir trabalhar na estiva, para o temperamento de Balduino não era fato insólito. Ele nunca foi um ausente ou alienado às lutas e misérias humanas. Veio crescendo e aprendendo, reagindo sempre contra a limitação da liberdade. A sua disposição, a sua inquietação na busca de caminhos, a idade e os sentimentos, tudo aplaude e grita que devia ser assim, porque assim é na vida. Ele nunca fugira da luta, sempre aspirara a ser um herói de coragem e de libertação.

O instinto sempre demanda aos sentidos e ele "Era puro como um animal e tinha por única lei os instintos".<sup>37</sup>

<sup>37</sup> Cf. not. 2.

Para ser agitador não precisava ter ido trabalhar na estiva. Era seu temperamento brigar, gritar, entrar em barulhos e medir as forças em proezas. O autor o empregou (talvez) para que pudesse representar uma classe. Vira tanta miséria nas plantações de fumo e tantas injustiças na Bahia. Ele sempre reagiu contra aquelas cadeias que um dia o prenderiam. Malandragem para ele significava liberdade e não alienamento à luta. Depois de longo aprendizado, como falou no discurso de fatos reais e vistos; aguardava que se lhe abrisse a porta. Pelo fracasso do amor destinava-se ao suicídio, mas "A greve o salvou. Agora sabe lutar. A greve foi o seu ABC".<sup>38</sup> Na luta pela vida aprendeu a ser e na hora assumiu a liderança da solidariedade, do humanitarismo, da libertação e da aventura. "Eu só me vendo por amizade".

Se confrontarmos as personagens de Baldo e Pedro Bala, perceberemos alguma semelhança na maneira de ser, agir e pensar dos dois. Essa analogia prova que na vida é assim e que muitas idéias nascidas numa obra de JA se desenvolvem em obras posteriores. Unir o mundo de Capitães à vida de Balduino era impossível - daí Baldo e Pedro Bala parecidos, mas vivendo e liderando fatos e cenas diversas.

Quando abordávamos o alugado e o operário víamos a criatura humana reduzida ao nível de animal de carga e do rato faminto. Ao meio de tantas misérias surge a revolta. Alguém toma a iniciativa ou é chamado para liderar, porque sua fama já é conhecida. Surge então o líder. Este que apresentamos é o líder que se faz. Atua na adolescência e se

<sup>38</sup> Jubiabá, p. 318.



integra na idade adulta, continuando pela vida em fora. "Um dia Antônio Balduino partirá num navio e fará greve em todos os portos".<sup>39</sup> "Pedro Bala fosse organizar os índios Maloqueiros de Aracaju em brigada de choque também".<sup>39</sup>

O saque e a greve é um meio de vingança contra a tirania do poder e do capital. Enquanto adolescente lidera um meio governado pelos instintos: "Que sabem eles do bem e do mal?". E o autor pergunta mais: "com quem estará Deus?".<sup>40</sup> O líder é o símbolo da moral natural. Coíbe o homossexualismo. A arte naturalista defende as leis da natureza "veritas in natura", e o pederasta é um agressor dos princípios naturais. Prega a lealdade entre os liderados, condena a covardia do uso da arma sem necessidade. O socialismo atona na distribuição igualitária do que foi colhido durante o dia.

O líder é filho de pai valente e grevista. É um ser que não se deixa escravizar e defende os oprimidos. Se impõe ao grupo pela coragem, simpatia e habilidade. Seu aprendizado é verossímil, baseado na escola da vida. Ele é líder e herói. Antes de ser, elege protótipos a seguir o exemplo - na coragem o cangaceiro e na libertação Zumbi dos Palmares. É um tipo todo original feito do abandono e do sofrimento. É comparado ao animal que se governa pelo instinto.

Simboliza não só a libertação mirim, mas toda a coragem e liberdade do homem - "Porque a revolução é uma pátria e uma família".<sup>41</sup>

<sup>39</sup> Capitães, p. 198.

<sup>40</sup> Ibidem, pp. 118 e 134.

<sup>41</sup> Ibidem, p. 200.

A arte de JA é feita no tom oscilatório entre o épico e o lírico. No tempo em que foi escrito Jubiabá, o autor mostra sentir a possibilidade de reiterar a realidade vivida no plano da arte. Como Baldo perdera Lindinalva materialmente, mas conservou-a no sentido mítico; JA não perderia a arte na sua potencialidade. Procurou soluções para escrever tudo o que sentia e via. Ele presenciava a vida com os olhos do coração, mostrando ao leitor a beleza imortal através do retrato do homem nos seus aspectos essenciais.<sup>42</sup>

Em Jubiabá existe uma perspectiva de libertação do herói pelo caminho do mar. Para o romancista o mar seria o motivo encantatório e o campo sem fim das suas evasões literárias. Não é Balduino que toma o caminho de casa, que o mar lhe abria; mas o artista na personalidade de Guma e no heroísmo moralizante de Lívia.

<sup>42</sup> Cf. Tati, Miécio - op. cit.

## 9. DOS MILITANTES AO TIPO MILITANTE

Resenha dos Extratos:

- 9.1 . Joaquim (São Jorge);
- 9.2 . Mariana (Os Subterrâneos: I, II);
- 9.3 . João (Os Subterrâneos: I, II, III);

A literatura de JA estando a serviço da sociedade , forçosamente deve se caracterizar por seu aspecto militante. Ao longo das obras, agitam-se personagens pregando a igualdade e a revolução contra os abusos da burguesia, a invasão do estrangeiro e a prepotência dos maus brasileiros. A conscientização de classe se faz presente já em Cacau , quando Honório poupa a vida de Colodino porque é um trabalhador. José Cordeiro troca o amor pessoal pelo amor de classe. "O amor pela minha classe, pelos trabalhadores e operários, amor humano e grande, mataria o amor mesquinho pela filha do patrão".<sup>1</sup> Para deduzirmos o tipo romanesco apresentaremos apenas o perfil de três militantes:

9.1 . Joaquim era filho do plantador de cacau, Antônio Vítor. Tomando a defesa dos trabalhadores foi esbofetado pelo pai. Saiu de casa, indo trabalhar em roças e num armazém em Ilhéus como ajudante de chofer. Foi marinho durante dois anos, quando viu e aprendeu muitas coisas.

Foi preso como elemento perigoso e enviado ao Rio. Lá estudou economia e política. Viu os maus tratos dos presos. Agora em Ilhéus trabalhava como chofer de ônibus. Fazia as reuniões clandestinas, no bairro da Ilha das Cobras.

<sup>1</sup> Cacau, p. 221.

Apresentava-se calado e terno, mas decidido. Seguiu de perto com seus camaradas o jogo dos exportadores. "Apenas Joaquim e seus camaradas o sabiam que aquilo era o início de uma aventura econômica...".<sup>2</sup> Lançou a campanha "pela alta dos salários dos alugados". Espalhou anúncios "que as terras do cacau passassem das mãos dos capitalistas nacionais para as dos capitalistas estrangeiros".<sup>3</sup> Em frases escritas a pique, nos muros, aparecia a idéia da organização de uma cooperativa para os coronéis se salvarem do exportador estrangeiro.

Joaquim era bom mecânico e não bebia. Conheceu o poeta Sérgio Moura e Julieta Zude. Influenciou o poeta a colocar a arte a serviço do bem social. "Você é que é poeta. Mas veja: pra que é essa poesia? Não é para ajudar a revolução?" Não admitia que Sérgio e Julieta vivessem disfarçados e enganassem ao marido dela. "Se vocês se gostam então por que não se juntam? Por que enganam um homem?".<sup>4</sup> Encontrava-se com Sérgio na Associação, onde "falara de seus ideais políticos, do mundo futuro, de fraternidade, de igualdade, de amor para todos".<sup>5</sup> Promoveu um comício em que se falou da passagem da terra do Brasil às mãos do estrangeiro. Pregava a esperança: "Houve o tempo dos conquistadores, agora é dos exportadores, depois será o nosso tempo ... Vai começar...".<sup>6</sup> Doutrinava a solidariedade entre os pobres, operários e camponeses. "Pobre não tem di-

<sup>2</sup> São Jorge, p. 137.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 165.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 179.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 215.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 238.

reito porque não se junta, não se une para lutar pelos seus direitos...".<sup>6</sup> Convenceu os alugados despedidos de não ingressarem no cangaço. Liderou a parada da fome em Itabuna. Voltou a Ilhéus continuando sua luta política.

9.2 . Mariana era filha de comunista. Desde jovem entendia porque cuidava dos livros que o pai lia noite a dentro. "Só não entendo mesmo como todos não são comunistas,..".<sup>7</sup> Com a morte do pai, aos 18 anos, ingressou no Partido. "Quero que ocupe o meu lugar no Partido", dissera-lhe o pai. Ela havia de empenhar-se para "mudar a face da Vida".<sup>8</sup>

Fazia parte do comitê de greve e pediu a libertação dos presos. Não aceitou a proposta vantajosa que a desviava de sua militância no meio onde trabalhava. "Estou contente com meu trabalho, não quero mudar de profissão". "Queriam me comprar".<sup>9</sup> Alegrava-se diante da solidariedade dos companheiros. Despedida de uma fábrica passava a trabalhar na outra, sempre influenciando o ambiente. Era "ela o centro de toda aquela surda agitação".<sup>10</sup> Ocupou o posto de elemento de ligação do PCB de São Paulo. Alimentava certo pessimismo de derrota, mas animava-se diante do plano de resolver pela violência caso precisasse. "Significa que pode me matar de pancadas na polícia, se eu cair, e não falarei".<sup>11</sup>

Durante muitos anos pichou muros com a equipe. Tinha fama de corajosa. " - Você tem a mesma coragem de seu pai".<sup>12</sup>

<sup>7</sup> Os Subterrâneos I, p. 43.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 44.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 51.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 55.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 56.

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 142.

Deixando-se levar pelos sentimentos acompanhou João em trabalhos não de sua competência. Repreendida reconhece o erro. Amava João, outro militante com quem se casou. O amor de Mariana é diferente do desesperado de Marieta Costa Vale, é diverso do envergonhado de Manuela - é ardente alegria. Fundamenta-se no companheirismo do dia-a-dia que alenta e dá forças ao casal. "Tudo o que eu quero é lutar ao teu lado".<sup>13</sup>

Providenciava recurso para o companheiro doente. Abortou ao cair de um bonde. Vive separada do marido para salvar o Partido. "O importante é que o Partido viva".<sup>14</sup> Ao ganhar outro filho, lhe dá o nome de Luís Carlos em homenagem a Prestes. Levou uma farda de soldado ao camarada Ramiro para fugir da prisão. Diante da repreensão de Barros, chefe de polícia, agia com mais reserva. Conseguiu pequena máquina impressora. Foi presa quando aplaudiu Prestes no julgamento.

9.3 . João era comunista, conhecido dos políticos e da polícia por sua ação heróica. Dizia ao deputado Artur Carneiro: "O senhor tem medo de armar o povo...".<sup>15</sup> Acompanhava o jogo político de Getúlio e achava que podia ser evitado o Golpe se houvesse união entre as outras posições. "Os operários precisam demonstrar seu repúdio à nova constituição, ...".<sup>16</sup>

Dos contactos na luta conheceu Mariana com quem se casou. Seu nome verdadeiro era Aguinaldo. Era a penetração

<sup>13</sup> Os Subterrâneos I, p. 269.

<sup>14</sup> Os Subterrâneos II, p. 79.

<sup>15</sup> Os Subterrâneos I, p. 12.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 141.

do Partido no meio social. Ajudado por outros conseguiu enfraquecer a recepção do ditador em São Paulo e fez sentir a presença do proletariado paulista. Recebeu a incumbência de preparar a greve em Santos para não carregar o café destinado a Franco. Lançou a campanha financeira para sustentar os grevistas. "Não vai ser fácil".<sup>17</sup> Preparou a manifestação no enterro do estivador morto \*na polícia.

Permaneceu em Santos depois da greve para alentar os companheiros. "João lançou-se ao trabalho e aos poucos foi transformando a atmosfera do cais".<sup>18</sup> Mantinha contacto com Gonçalão, outro militante, no Vale do Rio Salgado. Reorganizou as bases do Partido ameaçadas com a prisão dos militantes Zé Pedro e Carlos. "É preciso combinar os dois trabalhos, o da organização e o da agitação".<sup>19</sup> Conscientizava e doutrinava o engenheiro Marcos: "Para ver o Partido, Marcos, é preciso espiar de baixo para cima e não de cima para baixo, ...".<sup>20</sup> Tinha uma visão incrível. Percebe que os intelectuais são pequenos-burgueses, presas do governo. Sugere a fundação da revista. Para ele a literatura deve deixar de ser forma porque: "Significa a tentativa de liquidação da literatura social surgida nos últimos anos ...".<sup>21</sup> Via a necessidade de criar um grupo de intelectuais com ideologia própria. Tudo isso ele devia saber para ser útil e dirigente de operários.

Foi preso e espancado durante longo tempo. Diante do

<sup>17</sup> Os Subterrâneos II, p. 16.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 156.

<sup>19</sup> Os Subterrâneos III, p. 81.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 100.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 103.

\* pela

juiz - "..., Assumiu a responsabilidade de atos como dirigente do Partido, ...". "Eu luto para transformar a vida de milhões de brasileiros que passam fome e vivem na miséria".<sup>22</sup> Foi removido para o Rio, onde foi julgado e condenado a 8 anos. Despediu-se da companheira: "Não te preocupe por mim, cuide de nosso filho, ensina-lhe meu nome".<sup>23</sup>

### O MILITANTE

Talvez nenhuma personagem represente melhor o romancista do que o militante. Este tipo de personagem se caracteriza por sua ação e ideologia doutrinárias. É um agitador e organizador de movimentos de conscientização e reação aos trustes econômicos e tirania do poder. É sempre um adulto e distingue-se do simples líder por sua doutrinação e convicção ideológicas. Sua atividade visa a resultados mediatos.

O militante é símbolo do Partido Comunista. Usa terminologia caracterizante: companheiro, camarada, comitê, estafeta. O princípio de igualdade se aplica até no tratamento social, opondo-se à distinção de classe da burguesia. Prevê as intenções dos plenipotenciários e o fracasso dos explorados. Luta para que as terras continuem sendo do coronel e as do Vale do Rio Salgado dos posseiros. Na política combate o Estado Novo. Combate a interferência estrangeira nas causas nacionais. Condena a centralização do capital e do poder nas mãos de poucos indivíduos ambiciosos. Para ele o capital são os companheiros, os trabalhadores.

<sup>22</sup> Os Subterrâneos III, pp. 280 e 281.

<sup>23</sup> Ibidem, p. 304.



"Os capitalistas têm dinheiro e compram tudo: política, pa-  
dres, governo, tudo. A gente só tem um capital: os compa-  
nheiros".<sup>24</sup>

É uma pessoa que lê e estuda. Objetiva mudar a vida dos oprimidos. Prega a revolução popular e é considerado um elemento contagioso. "Ela saiu, mas deixou aqui os micróbios". O piche é o elemento semântico usado para visualizar a situação triste e indicar a solidariedade ao explorado. Condena a traição e o engano.

O Partido está acima de tudo porque "Em verdade, pensou, o Partido está defendendo nossa liberdade, nossas vidas, nosso amor!"<sup>25</sup> O amor só é verdadeiro quando temperado pela mesma causa. O militante é um comunista convencido à morte. Deve pensar em termos de terceira pessoa e se governar pela lei do cálculo, da previsão e da disciplina. Geralmente atua no anonimato. Reune-se de noite, em ambientes fechados e usa pseudônimo.

O romancista, através desse tipo romanesco, elege a arte como instrumento de conscientização social. Ela deve apresentar um conteúdo livre e condizente com o momento histórico. A poesia é o gênero que mais se presta para esclarecer e registrar a vida. A universalidade está na maneira do autor falar e apontar os problemas que envolvem as criaturas humanas. Prega a esperança de um mundo mais fraterno, baseado na igualdade e no amor.

<sup>24</sup> São Jorge, p. 179.

<sup>25</sup> Os Subterrâneos III, p. 79.

## 10. DO CLERO AO TIPO SACERDOTE

Resenha dos Extratos:

- 10.1 . Diversos (O País, Cacau);
- 10.2 . Padre José Pedro (Capitães);
- 10.3 . Frei Bento e outros (Terras);
- 10.4 . Padre Basílio (Gabriela);

Jorge Amado se conserva fiel à realidade em todos os aspectos da vida. (Naturalmente que os exageros cabem à arte e não à história social). Ao apresentar-nos a figura do ministro da religião católica, focaliza dois tipos de sacerdotes, que por suas condutas podem ser caracterizados como SACERDOTE DA BURGUESIA e SACERDOTE DA MISÉRIA.

10.1 . Em O País temos a figura paternal de um vigário abençoando a todos - "..., bom vigário pai de quinze filhos que já lhe deram alguns netos".<sup>1</sup>

Em Cacau os quatro frades dominavam a cidade. Nos sermões pintavam o inferno com as mais negras cores. Os trabalhadores deviam remodelar a catedral de graça, senão eram despedidos dos empregos. Proibiam o casamento civil sem o religioso.

Frei Bento falava contra as rameiras. José Cordeiro denuncia o frade: "Mas frei Bento, como Zefa me explicou, era freguês da esposa do doutor Renato".<sup>2</sup>

Sabino era padre de verdade porque tinha doze filhos.

<sup>1</sup> O País, p. 105.

<sup>2</sup> Cacau, p. 164.

10.2 . O padre José Pedro é uma figura simpática ao autor. Tinha sido operário numa fábrica de tecido. Foi estudar no seminário com ajuda do diretor da fábrica. Era mais idoso dos outros seminaristas que riam dele. Ficando sem ajuda, teve de trabalhar de bedel para continuar sua formação religiosa.

Seu grande desejo era ajudar às crianças abandonadas a serem boas. "Queria que destas saíssem homens para o trabalho, honestos, dignos ...".<sup>3</sup> Visitava os capitães, moleques abandonados e hospedados no velho trapiche. Era dos poucos que sabiam da parada deles. Não castigou Boa-Vida quando pegara o relicário da sacristia. " - Por que faz isso, meu filho?".<sup>4</sup> Sobrepunha a bondade à desconfiança. Visitava o reformatório. Discordava do método de que para corrigir precisava surrar as crianças. Combateu pelos jornais os maus tratos dados aos delinquentes do Reformatório. Foi proibido de voltar ao abrigo e houve quixas dele ao bispo. Ele que fora operário e estudante pobre compreendia os meninos, por isso tratava-os como amigos.

Afastava as beatas que viviam fazendo foxicos na sacristia. Não gozava da "absoluta confiança daquelas solteironas velhuscas que vivem metidas na igreja (...) para comentarem a vida alheia".<sup>5</sup> Não queria elogios como os outros padres que "não se revoltavam e ganhavam bons presentes de galinhas, perus, lenços bordados".<sup>6</sup> Era muito estimado pelos capitães porque se divertia com eles, os en-

<sup>3</sup> Capitães, p. 118.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 50.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 52.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 53.

tendia e os ajudava. Eles viam-no de batina suja e rasgada. Uma viúva lhe chama a atenção: " - O senhor não se envergonha de estar nesse meio, Padre? Um sacerdote do Senhor?". Lembrou-se da frase de Cristo: "Deixai vir a mim as crianças".<sup>7</sup> Lutou para exterminar a pederastia no grupo.

"O padre tivera que fazer muita coisa contra o que lhe haviam ensinado". "... para conseguir a confiança dos Capitães da Areia".<sup>8</sup> Quando um moleque ficou atacado da bexiga defendeu os meninos contra a lei que mandava recolher o doente para o lazareto. Intimado pelo bispo compareceu. O cônego com aparências de pureza e fama de austero o repreendeu. Ele desrespeitara a viúva que "é uma das mulheres protetora da religião na Bahia" e desobedecera às leis do Estado e da Igreja. Defendeu os meninos pobres diante do cônego que o acusava. " - Roubam para comer porque todos esses ricos que têm para botar fora, para dar para as igrejas, não se lembram que existem crianças com fome...".<sup>9</sup> É considerado comunista pelo cônego. Ao saber da fuga de Pedro Bala alegrou-se. Sentiu que não gastara seu tempo inútil - conseguira Pirulito para Deus. Ganhou uma paróquia no alto sertão, no meio dos cangaceiros.

Numa conclusão um tanto audaciosa podemos afirmar que o padre José Pedro é Pirulito formado sacerdote. Tornou-se frade e "com uma paciência e uma bondade extremas ensinava às crianças buliçosas as lições de catecismo".<sup>10</sup>

\* da

<sup>7</sup> Capitães, p. 58.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 112.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 116.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 174.

10.3 . Frei Bento só encomendaria o cadáver, até no prostíbulo, mas cobraria vinte mil-réis. "Frei Bento parecia mais um conquistador de terras que um sacerdote de Cristo".<sup>11</sup> Sua maior preocupação era o colégio das freiras. Considerava o povo de Ilhéus uma gente perdida. Inventou histórias do coronel Horácio porque não o apoiou contra a espírita Eufrosina.

O padre Paiva usava revólver. Era vereador em Ilhéus, político dos Badarós.

Atendendo às queixas das solteironas o bispo e os padres reclamavam da má vida de Ilhéus. Ao lado das ameaças do fogo do inferno cresciam as obras da nova catedral. A alta do cacau era "tentação do inimigo", mas o bispo acabou recebendo 40 contos dos exportadores. "E vários desses padres se convertiam com o correr do tempo, em fazendeiros de cacau, pouco se preocupando com a salvação das almas".<sup>12</sup>

10.4 . Padre Basílio é a figura mais ironizada pelo escritor. Por suas virtudes foi encarregado de officiar as cerimônias da procissão de São Jorge. Numa voz sonora puxava as orações. As solteironas se admiravam da bondade e pressa do padre Basílio.

Era proprietário de terras e de roças de cacau. Despachava os penitentes e a missa com poucas cerimônias. Que São Jorge lhe mandasse a chuva para o cacau e ele renunciaria aos "doces favores de sua comadre e ama Otília".<sup>13</sup> O padre Basílio Cerqueira batizava e emprestava o nome aos

<sup>11</sup> Terras, p. 98.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 141.

<sup>13</sup> Gabriela, p. 14.

filhos nascidos "por obra de Deus do ventre de Otilia". O voto de castidade do padre comoveu São Jorge de tal maneira que choveu demais. Foi ao enterro de Sinhazinha morta por adultério. Para ele as solteironas tinham boca de azar porque desejavam castigo divino para Ilhéus.

No dia da conferência do poeta Argileu Palmeira, todos fugiam da presença de Glória, rapariga do coronel Coriolano; mas "quem junto dela sentou-se foi o padre Basílio, a quanto o obrigava a caridade cristã!"<sup>14</sup> E concluiu dele o romancista: "Tudo que ele sabe da Bíblia é que o Senhor disse: 'crescei e multiplicai-vos!'"<sup>15</sup>

#### O SACERDOTE

Acabamos de apresentar perfis de eclesiásticos que nos mostram claramente os dois tipos de ministros da religião católica:

O SACERDOTE DA BURGUESIA - é representado pelos religiosos indiferentes à miséria física e moral do povo. Este tipo age em função dos próprios interesses e prende-se às coisas materiais. Conserva as aparências de austeridade e pureza, mas não passa de um canalha eclesiasticamente vestido. É contraditório - prega a moral e o desapego às coisas terrenas, quando tem mesa farta, é proprietário de imóveis e geralmente é amante pai de muitos filhos.

Sobrepõe as leis do Estado e da Igreja às necessidades da miséria social e à bondade de Deus. É ministro de um Deus perigosamente justiceiro e castigador. Fala às al-

<sup>14</sup> Gabriela, p. 287.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 323.

mas de Deus pintando negramente o inferno. Aparece em campanhas para construção de igrejas ou colégios religiosos. Gosta de ser bajulado e mantém amizades por interesses materiais. Geralmente é uma pessoa que nunca sofreu na vida. Impõe-se aos fiéis que devem lhe pagar tributos materiais. Ele cobra o casamento, o batizado e a encomenda do morto, indistintamente do pobre e do rico. "Os sertanejos sabiam que os padres não batizavam nem casavam de graça, e viviam pelas fazendas mas hospedados nas casas-grandes, comendo fartamente...". "Nos sermões dos padres cheios de fogo do inferno, eles imprecavam era contra os amigados, os que tinham filhos por batizar, os que se punham nos animais por não ter mulher com quem dormir".<sup>16</sup> Não se mistura com a pobreza moral, por isso desconhece as causas da miséria física e moral da criatura humana.

O SACERDOTE DA MISÉRIA - é um religioso humilde. Governa-se pela compreensão e pelo amor ao próximo. Tem vivência. Passou por necessidades, conhecendo as causas da miséria que angustia as criaturas. É um ministro revolucionário contra a indiferença e a injustiça da sociedade para com o desamparado.

Prega a esperança e procura confortar materialmente o necessitado. Se há miséria física e moral não será para povoar o reino do inferno. "A culpa era da vida...". "Mas Deus é bom e saberá dar o remédio".<sup>17</sup> É ministro de Cristo que veio para salvar o pecador e não o justo. Apresenta-se sujo, rasgado e sem preconceito. Opõe-se ao elogio e à far-

<sup>16</sup> Seara, p. 197.

<sup>17</sup> Capitães, p. 81.

tura. Divide o que tem com os que não têm.

Sobre põe a caridade e a bondade ao formalismo das leis, por isso é um revolucionário. Luta para melhorar física e moralmente a vida dos necessitados. Trata seu semelhante, seja de que nível social for, sempre com amizade, bondade e discrição.

Quando o escritor coloca diante dos leitores o cônego defendendo as leis da Igreja e do Estado, e o padre José Pedro defendendo "a lei da bondade de Deus"; recria a cena bíblica dos fariseus que altercavam com Cristo sobre a observação do sábado e a presença à mesa dos pecadores.

O padre José e Pirulito perfazem o tipo de sacerdote bom, segundo os desígnios de Cristo. Já mostra-nos através deles que é possível se conservar puro num meio depravado, que a bondade e o amor devem sobrepor-se à formalidade das leis e ao preconceito social.



## 11. DOS PAIS-DE-SANTOS AO TIPO FEITICEIRO

Resenha dos Extratos:

- 11.1 . Jubiabá (Jubiabá);
- 11.2 . Anselmo (Mar Morto);
- 11.3 . Don'Aninha (Capitães);
- 11.4 . Jeremias (Terras);

11.1 . Jubiabá era o pai-de-santo mais afamado no tempo de Balduino. Era chamado para afastar o "espírito de condenado "da cabeça de tia Luísa. "Tia Luísa tá pedindo pra pai Jubiabá ir lá em casa que ela está atacada". "Os garotos desapareciam da rua quando viam o vulto centenário de feiticeiro".<sup>1</sup> Tinha cabeça branca, vestia calças velhas e um camisu bordado. Era o mais velho do Morro do Capa Negro. E sabia porque o morro tinha aquele nome. Morava em casa pequena e bonita. "Pai Jubiabá protege amores, acaba amores , arranca mulher de cabeça de homem, bota homem na cabeça de mulher".<sup>2</sup> Rezava junto ao doente que logo melhorava. Era muito procurado, até pelos ricos. Era um patriarca para os moradores do morro.

Tinha poder de vasar o olho da piedade para o cliente acabar mal. " - Ôjú ánun fó ti iká, li ôkú". "... quando Jubiabá falava nagô os negros ficavam trêmulos".<sup>3</sup> Ninguém podia com o pai-de-santo. Fez desaparecer o lobisomem. Ele sabia tudo. Quando o médico não resolvia, ele distribuía folhas e rezas para os doentes do corpo e da alma. "Mas é i-

<sup>1</sup> Jubiabá, p. 28.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 239.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 36.

nútil mentir a pai Jubiabá. Ele sabe tudo, que ele é pai-de-santo e tem força junto a Oxalá.<sup>4</sup> Era considerado o maior pai-de-santo dos tempos. Cuidava de Balduino, só que não soube mostrar-lhe o caminho da libertação porque não entendia de greve. A luta era dos tempos atuais e de outra civilização. Curou o moleque Rosendo atacado de febre. Curou a dor de dente do espanhol porque - "Não me resta nada a fazer!".

11.2 . Anselmo era o feiticeiro do Dique. Tinha poder junto a Iemanjá. Curou Mariana da tísica. "Pois pai Anselmo deu uma beberragem, ...".<sup>5</sup> Foi à África aprender a língua e organizava as festas de Janaína.

11.3 . Don'Aninha - "Cura doenças, junta amantes, seus feitiços matam homens ruins".<sup>6</sup> Era mãe de terreiro da Cruz de Oxó de Afoxé. Atendia aos Capitães de Areia e os encarregou de retirar da polícia a imagem de Ogum. "Paracada um ela tem uma palavra amiga e maternal".<sup>6</sup> Era a protetora dos pobres. Tratava-os como a um ogã, dava-lhe o melhor para comer, do melhor para beber".<sup>7</sup> Gozava da mesma consideração do padre José. Não conseguiu curar os bexiguentos, mas fez com que Omolu mudasse a bexiga fatal para outra mais leve.

11.4 . Jeremias morava na mata do Sequeiro Grande. Comia frutas e raízes silvestres. "Fechava o corpo dos homens contra bala e contra mordida de cobra".<sup>8</sup> Assim fez com o ne-

<sup>4</sup> Jubiabá, p. 178.

<sup>5</sup> Mar Morto, p. 88.

<sup>6</sup> Capitães, p. 69.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 74.

<sup>8</sup> Terras, p. 69.

gro Damião. Curava também males do corpo e do amor. Se confundia com a natureza, constituindo-se um dos seus elementos de proteção. "Para toda gente ele é um ser da mata, tão terrível como as onças e as cobras,..."<sup>9</sup>

Não sabia a idade. Tinha a cabeça branca. Fora escravo foragido e capturado pelos Capitães do Mato. Cultuava os deuses africanos - Ogum, Omolu, Oxossi e Oxolufã. Era testemunha da civilização agrícola. "... viu como se formavam as primeiras fazendas".<sup>9</sup> Era indiferente às ambições dos homens. A mata era a morada dos deuses e os homens que a usurpassem seriam castigados. "Dele são as forças sobrenaturais...". Tinha o dom de perceber, mesmo dormindo, quando alguém se aproximava. Pelo jeito de andar sabia que o consulente estava angustiado.

Soube do negro Damião que a mata ia ser destruída. "... possuído de um ódio imenso", chorando invocou os deuses Ogum, Oxossi, Iansã, Oxolufã, Omolu e Exu. "Clamava por eles para que desencadeassem a sua cólera, sobre aqueles que desencadeassem a sua cólera, sobre aqueles que iam perturbar a paz da moradia".<sup>10</sup> Entregou sua vingança a Exu. "-Cada filho vai plantar seu cacauero em riba do sangue do pai..."<sup>11</sup> E porque a mata seria destruída morreu. Na crença dos homens simples a tragédia da conquista do Sequeiro Grande foi maldição do feiticeiro Jeremias.

#### O FEITICEIRO

Figura como mediador entre os homens e o poder sobre-

<sup>9</sup> Terras, p. 85.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 87.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 88.

natural. Geralmente é uma pessoa de muitos anos e de muita experiência nos sofrimentos. Por sua vida baseada nos fatos que presenciou e viveu é respeitado e considerado mais entendido. Apresenta-se como um profeta, um ser protegido pelos deuses contra a doença e os males do espírito. A voz de sua fala, as palavras mágicas que pronuncia, as aparências físicas (o camisu agitado pelo vento, a carapinha branca, as folhas de ervas na mão), tudo contribui para lhe dar uma visão lendária e mística.

Só não pode contra a ganância dos ricos e a violência dos homens ambiciosos. Ele cura os males do corpo e do espírito. Consegue favores dos deuses do bem e do mal. Cura e arruma a vida dos bons e desgraça com a vida dos maus. Representa os deuses feitichistas africanos. Quando nada mais resta para os sofrimentos, então o feiticeiro é procurado como última esperança.

O escritor não é um materialista. É a vida do povo, o substrato histórico da realidade material e espiritual daquele caldeamento de raças que forma o povo baiano. Para ele o feiticeiro simboliza a tradição e a história do povo em nível de cultura primitiva. Com o desaparecimento da tradição o feiticeiro desaparece. Simboliza a crença do homem despido das convenções religiosas da civilização. E quanto mais inculto o ser humano tanto mais acredita nas forças sobrenaturais. Essa crença ainda que muitas vezes seja desmentida pela ineficácia dos atos do macumbeiro, sempre determina o comportamento dos seus fiéis.

## 12. DOS PREGADORES SERTANEJOS AO TIPO BEATO

Resenha dos Extratos:

12.1 . Zefa (Seara);12.2 . Estêvão (Seara);

12.1 . Em Seara JA nos apresenta dois tipos de beato: Zefa era irmã do trabalhador de fazenda Jerônimo, que foi despedido. A mudança em Zefa se operou quando se realizara a Santa Missão na fazenda. Ao saber do assassinato de Claudenor teve o primeiro ataque. Ela resmungava palavras ininteligíveis e vivia diante de santos. Tinha visões de cidades condenadas por seus pecados. Diziam que ela estava tomada de um espírito. Irritava-se porque o que ela dizia "eram palavras de Deus"<sup>1</sup> e não era para rir. Ora tinha a voz cheia de pena, ora odiava a todos os "desgraçados". Sua fama de beata começou divulgar-se.

Salvou a fazenda do saque de Lucas Arvoredo. "Lucas Arvoredo fitou a moça mais parecida com um bicho, os cabelos há anos sem pentear, onde andavam soltos piolhos, as mãos de grandes unhas, a boca profética".<sup>2</sup> Anunciava o fim do mundo. Acompanhava a família na retirada da fazenda. À noite um retirante ao lhe falar do beato Estêvão, ela soltou um grito igual ao do beato.

Na viagem seguia caminhos diversos, desgovernada e sem higiene exalava cheiro mau. Andava benzendo-se e mastigando palavras misteriosas. "As palavras mágicas de Zefa \*estavam as cobras e os lagartos da caatinga".<sup>3</sup> Profetizou a

<sup>1</sup> Seara, p. 31.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 33.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 61.

\* **assustavam**

morte de Noca. Acalentava o defuntinho e cansada sentou-se "pediu de beber". Ouvia as palavras do mágico como fosse um deus. Desgarrou-se da família de retirantes.

Apresentou-se a Estêvão: "Eu sou Zefa, mandada por Deus Nosso Senhor...".<sup>4</sup> Quando chegou, o beato estava em procissão. Ajoelhou-se diante do profeta, beijando-lhe a orla do camisu. Para ela "Ele é o santo de Deus, é a língua de Deus, é os olhos de Deus".<sup>5</sup> Foi investida da função de benzer a água e a comida dos devotos. Para o cangaceiro, Zé Trevoada, a tia era outra - era uma santa. Ela curava feridas e confirmava como um eco, os castigos e a penitência que o beato pregava: "Foi Deus que mandou dizer...".<sup>6</sup>

12.2 . Estêvão andava sozinho falando à natureza. Devotos seguem-no para ouvi-lo falar. No domingo parava para a procissão. Reunia os homens para anunciar-lhes o fim do mundo e pedir-lhes que fizessem penitência. "Nunca tinham visto o beato, mas para eles era um santo, pela sua voz falava a voz de Deus".<sup>7</sup> Pregava diante da cabana com palavras "de ameaça e de humildade".

Ninguém sabe sua origem, sua idade e seu nome completo. Aparecia apoiado num bordão que lembrava uma casca-vel. As barbas alvas cobriam-lhe o peito, Dos cabelos compridos desciam piolhos para o camisu. As aves vinham pousar nos seus ombros. "Apareceu dizendo que o mundo ia acabar, ...". Todos deviam abandonar tudo: "casa e trabalho patrões e colheitas, para rezar...".<sup>8</sup> Sua voz muitas vezes do-

<sup>4</sup> Seara, p. 101.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 203.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 212.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 191.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 196

ia como chicotadas. Era alto e magro, mas resistente. Diziam que Nosso Senhor alimentava o beato. "Semelhava uma árvore majestosa, um rio caudaloso, uma cachoeira ruidosa"<sup>8</sup>. Era chamado carinhosamente 'meu pai'.

Benzia para curar doenças e feridas. Afastava pragas das roças. Expulsava os maus espíritos. Fechava o corpo do homem contra bala e mordidas de cobras. As palavras dos padres não podiam contra ele. Batizava e casava de graça. Não se hospedava em casas-grandes nas fazendas, mas dormia no meio dos devotos a quem falava - contra a maldade dos coronéis, contra as tomadas de terras, contra os salários miseráveis"<sup>9</sup>. Atraía sempre novos devotos. Admitia que tirar para o sustento não era roubo. "Os frutos das árvores eram de todos". Proibia derramar sangue de gente, a não ser que fosse em defesa.

Perseguido da polícia por sua pregação revolucionária contra a tirania do poder e da posse, procura Lucas Arvoredo para defender os devotos. "Vinha apoiado num bastão, andara muita estrada, custara descobrir onde Lucas se metera"<sup>7</sup>. Sua fama espalhou-se pela caatinga e figurava nos jornais. Concitava os homens à penitência que no fim do mundo ricos e pobres seriam iguais. "O beato possuía forças que estão acima do entendimento de simples soldado,...". "O beato brinca com as cobras...". "onde já se viu atirar num santo,..."<sup>10</sup>. Era acreditado porque lia o futuro e prenunciava as chuvas. Acampou perto de Juazeiro, lugar onde Deus desceria e não seria destruído quando viesse o fim do mundo

<sup>9</sup> Seara, p. 198.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 210.

que estava se aproximando. E pregava: "Gente cum tudo, gente cum nada...Deus achou ruim, num tava direito...". Os ricos tá condenado, não salva nenhum...".<sup>11</sup> Romeiros de cinco estados o procuravam.

Benzeu os fuzis dos cangaceiros, mas no encontro com a força militar "o beato rolou sobre os corpos dos sertanejos, ...".<sup>12</sup>

### O BEATO

"Um dia no fundo do agreste sertão, onde a fome mata os homens, os rios secos pelo sol ardente, os coronéis tomando a terra dos lavradores, mandando liquidar os que discutiam, os imigrantes partindo em levadas sucessivas para o sul, os cadáveres ficando pelas estradas, quando morriam crianças às centenas, e as que cresciam eram doentes e tristes, quando o impaludismo se estendeu como um manto de luto e a bexiga negra deixou sua marca mortal em milhares de faces, quando a febre tifo se alastrou que nem grama ruim, quando já nenhuma esperança restava no coração cansado dos sertanejos, apareceu o beato".<sup>13</sup> Aparece em tempos de miséria, abandono e injustiças. Surge como produto da condição humana violentada. É a voz que clama no sertão. Considera-se enviado de Deus. Desprendido das coisas materiais, não se preocupa com higiene, alimentação ou posse. Vive peregrinando, arrebanhando sempre novos flagelados, curando e consolando.

É uma figura bíblica, parecendo ora um profeta, ora

<sup>11</sup> Seara, p. 213.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 221.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 196.



um messias. A natureza se inclina diante de sua personalidade lendária. Os animais o respeitam e são-lhe inofensivos. Porque consola e toma a defesa dos oprimidos é acreditado e seguido. Condena a violência a não ser como defesa e castigo que a reconhece necessária. Prega a divisão dos bens, o desprendimento das coisas terrenas e a igualdade entre os homens,

Por sua posição revolucionária é perseguido da polícia. Ao escritor serve como elemento para denunciar a miséria do homem abandonado à incultura e para combater os preconceitos e prepotência da burguesia. Aí está o homem primitivo com os pés na terra, condenado às misérias da vida; alimentando a crença de melhores dias. Nesta luta pela sobrevivência e nesta esperança messiânica solidarizam-se as criaturas, confiando na vingança e salvação divina.

## 13. DOS CANGACEIROS AO TIPO JAGUNÇO

Resenha dos Extratos:

13.1 . Virgulino Ferreira Lampião (Capitães);

13.2 . Lucas Arvoredo (Seara);

O cangaceiro é tomado como um protótipo do herói valente e vingativo. Entre os jagunços mais afamados, cujos A B C são conhecidos nas cidades e no sertão figuram: Antônio Silvino, Lucas da Feira, Zé Trovoada, Antônio Conselheiro, João do Telhado, Virgulino Ferreira Lampião e Lucas Arvoredo. Eram considerados homens de coragem e vingativos dos pobres contra os ricos.

13.1 . Volta-Seca vibrava ao saber notícias de Lampião. " - já tá no tempo d'eu ir..." " - Pra junto de meu padrim. Ele tá precisando de mim..."<sup>1</sup> Lampião apareceu no jornal como invasor da vila. Diante do carrossel os vinte e dois homens se detiveram. "Então eles foram como crianças, gozaram daquela felicidade que nunca haviam gozado na sua meninice de filhos de camponeses"<sup>2</sup>. Esperava-se que Lampião libertasse toda a caatinga e implantasse a justiça e a liberdade. "Só a caatinga é que é de todos, porque Lampião libertou a caatinga, expulsou os homens ricos da caatinga, fez da caatinga a terra dos cangaceiros que lutam contra os fazendeiros"<sup>3</sup>.

Lucas da Feira era o herói exemplo de coragem de An-

<sup>1</sup> Capitães, p. 137.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 44.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 133.

tônio Balduino. " - Só roubava rico...".<sup>4</sup>

13. 2 • Lucas Arvoredo foi camponês e deixou a fazenda. Havia já dez anos que se intitulava "governador do sertão". Comandava um grupo de 19 homens para roubar, matar e violentar as mulheres. Era citado como vingador dos proprietários na caatinga.

Invadiu a fazenda que a beata Zefa salvou do saque. Diante da profecia da beata ajoelhou-se e devolveu o dinheiro que já havia tirado. José, sobrinho de Zefa, seguiu-o, tornando-se o célebre Zé Trovoada.

Lucas Arvoredo geralmente atacava vilas mal guarnecidas. O beato Estêvão fechou-lhe o corpo contra as balas. Teve de enfrentar um destacamento da polícia que andava à sua caça. Conhecendo todas as trilhas da caatinga arrasou o inimigo. "Primeiro nós acaba com os daqui, ...". "Depois nós pega os outros, liquida esses macaco todo, ...".<sup>5</sup> Assobiava como um pássaro. Mirou bem o tenente e o atingiu no peito. Mandou cortar a língua e arrancar os olhos do morto.

Invadiu a vila. Assaltou a prefeitura e uma venda. Sentou-se na cadeira do prefeito exigindo trinta contos. Matou tudo se o prefeito não aparecer...", e se não lhe arru-  
marem o dinheiro: "Se não, nós vai percurar...".<sup>6</sup> Diante do pato de molas, que andava na rua - "Lucas ria, batia palmas" "Eram novamente os ingênuos camponeses, puros como crianças crédulos e confiantes".<sup>7</sup> É bandido há onze anos e, queria

<sup>4</sup> Jubiabá, p. 32.

<sup>5</sup> Seara, p. 162.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 165.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 167.

morrer matando. Confessava sua revolta: "Tou nessa vida de bandido\* tomara as terras de meu pai. E não se contentaro, ainda mataro o pobre veio que nunca tinha feito mal a ninguém".<sup>8</sup> Levava consigo um ferro para marcar as mulheres que seduzia. Não usava talher para comer e tinha piolhos na cabeça. "Nóis hoje vai dançar é com as moças e as donas da cidade".<sup>9</sup> Exigiu a presença do juiz com a família. Esse como representante da justiça foi mais judiado. Zé Trovoada vingou-se da mulher do tenente morto.

Acoitou-se na fazenda do senador que lhe recomendou mais moderação. "Vosmecê bem sabe que ninguém vai pegar Lucas com vida".<sup>10</sup> Ao marchar para outro Estado e como encontrasse resistência matou uma família inteira.

Não se conformava da perseguição movida contra o Beato Estêvão. Deixou-se à disposição do profeta: "Meu pai, é só tu mandar e a gente tá pronto...".<sup>11</sup> Desconfiado da traição do político fazendeiro, voltou e matou-o. "O nome de Lucas Arvoredo quer dizer sangue e morte, tristeza e luto".<sup>12</sup> Cercado por outro destacamento militar caiu ferido na cabeça.

### O JAGUNÇO

Antes era um camponês, filho de trabalhador de fazenda ou de um pequeno proprietário. Acossado pela miséria ou pela injustiça, demanda a própria liberdade e a dos outros

\* porque

<sup>8</sup> Seara, p. 168.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 171.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 182.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 217.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 185.

explorados pela tirania do poder e da posse. Frustrado no meio onde se criou, deixá\* levar pelo ódio e pela sede de vingança. Embrenha-se na caatinga onde é senhor absoluto.

"... se virara cangaceiro e matara tantos homens e com tamanha crueldade não fora por vocação de nascença. Fora o ambiente...".<sup>13</sup> Nas diversões revela o camponês ingênuo. " E os cangaceiros são como crianças grandes".<sup>14</sup>

É tido como um semideus, instrumento vingador do pobre e castigo anunciado pelo beato. Para o rico, nas fazendas e cidades, e para a força pública é um saqueador e um celerado. Para os pobres sertanejos, trabalhadores e operários é um herói digno de ser imitado. Seu nome figura nas histórias de valentias e nos cancioneiros. Sua coragem e pontaria servem de paradigma a outros que o elegendem como protótipo (Antônio Balduino e Volta-Seca).

Figura como símbolo de luta contra a tirania do poder, por isso odeia a polícia. Simboliza a vingança contra a injustiça e o despotismo dos ricos. Ataca as fazendas e invade as casas ricas. Sua presença destruidora representa o fim do mundo, a justiça divina única esperança do homem abandonado.

\* se

<sup>13</sup> Capitães, p. 189.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 173.

## 14. DOS POLÍTICOS AO TIPO POLÍTICO

Resenha dos Extratos:

- 14.1 . Artur Carneiro (Os Subterrâneos I e II);
- 14.2 . Gabriel Vasconcelos (Os Subterrâneos II);
- 14.3 . Aristóteles Pires (Gabriela);
- 14.4 . Raimundo Mendes Falcão (Gabriela);

Os políticos de maneira geral são apresentados como homens inativos, ou que agem em função dos próprios interesses. Entre os coronéis os políticos mais destacados eram Horácio da Silveira e Ramiro Bastos. "Para ele, leis e direito, juizes e advogados, foram sempre coisas amoldáveis à sua vontade, feitas para servirem-no".<sup>1</sup> Prendiam-se ao mandato político e favoreciam os seus protegidos. Não se empenhavam com os problemas que atingiam o povo. "Políticos imbecis e gordos, suas magras e imbecis filhas e seus imbecis filhos doutores".<sup>2</sup> Em Os Subterrâneos temos depoimentos completos da ação e do carácter de políticos ameaçados uns e outros favorecidos pelo Estado Novo.

14.1 . Artur Carneiro perdeu o mandato com o golpe de Getúlio e vivia preocupado. Tornou-se instrumento servil do capitalista José Costa Vale. Esse trabalha para que Artur seja Ministro da Justiça. "Ninguém mais indicado do que tu para o Ministério da Justiça", "É do que Getúlio precisa".<sup>3</sup> Uma vez feito Ministro dá a Costa Vale a posse do Vale do Rio Salgado e o direito de explorar o manganês, expulsando os posseiros da região.

<sup>1</sup> São Jorge, p. 164.

<sup>2</sup> O País, p. 13.

<sup>3</sup> Os Subterrâneos II, p. 264.

14.2 . O Ministro do Trabalho, Gabriel Vasconcelos, cujo apelido já denuncia o tipo: Gabriel Cachacinha, aparece sempre bebendo. Foi ao porto de Santos para resolver o problema da greve dos estivadores. Cercado de luxo e sensualidade, entregou-se às festas carnavalescas. "Basta de trabalhar, Ministro, assim o senhor acaba adoecendo. Agora vamos tratar das fantasias".<sup>4</sup> A única coisa que fizera naquele dia foi assinar o congelamento dos recursos do sindicato para os grevistas ficarem sem assistência.

Silveirinha, filho do coronel Horácio foi eleito chefe do partido integralista porque tinha recursos. Podia ser útil aos exportadores.

Tonico Bastos não quer a Intendência de Ilhéus. Não nascera para governar.

14.3 . O coronel Aristóteles Pires, era "fazendeiro de recursos médios. Nascera para administrar, tinha no sangue o gosto da política".<sup>5</sup> Lutou para conseguir de Ramiro Bastos elevar Tabocas à categoria de Município. "Só que política pra mim quer dizer administrar".<sup>6</sup> Uniu-se a Mundinho Falcão para governar a terra, o povo e a economia cacaeira dentro de uma nova época de progresso.

14.4 . Raimundo Mendes Falcão era exportador e acreditava no progresso de Ilhéus. Era de São Paulo. Tinha aparência romântica, cabelos negros e olhos grandes. Era prático e decidido. Foi a Ilhéus por causa dos irmãos muito mais velhos do que ele com os quais se desentendia. Desejava

<sup>4</sup> Os Subterrâneos II, p. 39.

<sup>5</sup> Gabriela, p. 259.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 261.

ser político, mas sem a ajuda do irmão, deputado Federal. Queria defender a causa do progresso junto ao governo. "Quer ser Intendente na próxima eleição. - É homem de muita ambição".<sup>7</sup> Tinha visão e coragem. Emprestava dinheiro. Abriu avenidas, criou "O Diário de Ilhéus" e o Clube Progresso. Via o problema da barra, achava oportuno que o cacau fosse embarcado em Ilhéus para o estrangeiro e não que fosse antes à Bahia. Considerava-se representante do progresso. "O futuro sou eu, ...".<sup>8</sup> Não trocava Ilhéus por São Paulo ou Rio.

Empenhou-se para dragar a barra. "A sombra de Mundinho Falcão projetava-se por toda a parte".<sup>9</sup> Prendeu-se a Ilhéus pela vontade de fazer alguma coisa. Sua atividade fugia do controle do mandatário político, Ramiro Bastos. Cercava-se cada vez mais de novos admiradores. Receava se meter na política - "Política é sempre tão suja".<sup>10</sup> Não guardava ressentimentos dos adversários. Reprovava os antigos costumes, lastimando a morte de Sinhazinha. Nacib percebia que "Mundinho ia arrastar muita gente, dividir os fazendeiros donos de votos, fazer miséria". Os coronéis viam dois administradores em Ilhéus. "...Mundinho assumira, a partir daquele dia, a chefia da oposição e começara a luta".<sup>11</sup> Antes de tomar qualquer iniciativa consultava seus correligionários. Ele pensava em todas as necessidades da terra. Queria terminar com os costumes antigos e desumanos. " Às

<sup>7</sup> Gabriela, p. 25.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 44.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 65.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 74.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 142.



violências vamos responder com os rebocadores, as dragas para a barra".<sup>12</sup>

Finalmente conseguiu do governo o equipamento para dragar a barra. Era admirado quando passava no seu automóvel preto. "Essa história da barra tem dado o que falar. É capaz de eleger o senhor".<sup>13</sup> Admirava a administração do prefeito de Ilhéus, Aristóteles Pires. Chamou a atenção do delegado que não fazia justiça. Aos poucos consegue apoio dos políticos e coronéis. Associou-se a Nacib para modernizar o bar. Não aceitou a renda do jogo - "Onde já se viu um deputado federal ter casa de jogo?".<sup>14</sup> Com a morte do velho cacique político, Ramiro Bastos, foi-lhe possível congregar as duas correntes políticas.

## O POLÍTICO

A diferença que há entre os dois tipos de político não se estabelece em termos de posse e não posse, ou no plano hierárquico de senhor e subalterno. O conceito de bom e mau administrador posiciona os dois tipos de político. É sempre um burguês a serviço do capital e por ele promovido.

O mau político ocupa-se consigo mesmo e com seus bajuladores ou promotores. Figura como instrumento nas mãos do capitalista. É um ambicioso útil. Representa a má administração e a corrupção do poder. É a negação do voto de confiança e boa fé da sociedade eleitora.

O bom político visa ao progresso para o bem da comu-

<sup>12</sup> Gabriela, p. 194.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 261.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 350.

nidade e conseqüentemente se promove. Não significa que Mundinho seja o divisor dos tempos - anteriores a ele do mau político e posteriores do político ideal como ele o fora. Os Subterrâneos que envolvem tempo histórico posterior à época de Gabriela, nos apresentam políticos tão relapsos quanto os ancestrais.

O bom político simboliza a confiança do bem estar social. Impõe-se por sua audácia administrativa e obriga a sociedade elegê-lo como governante por suas provas de capacidade e visão administrativa.

O depoimento e análise do autor não se limitam às personagens. No dizer de Miécio Tati: "Toda peça literária realmente válida define, no cerne da comunicação que transmite ao leitor, uma posição ideológica ou política do autor em face da vida".<sup>15</sup> Nesta perspectiva JA nos apresenta fatos acontecidos no passado, mas de permanência no tempo para testemunharem ao leitor de como deve ser o político. É a lição que a arte literária deixa na história.

<sup>15</sup> Tati, Miécio - op. cit., p. 156.

## 15. DA POLÍCIA AO TIPO CHEFE DE POLÍCIA

Resenha dos Extratos:

15.1 . Ezequiel da Silveira (Seara);15.2 . Barros (Os Subterrâneos I, II, III);

Os policiais e chefes da ordem pública que figuram ao longo das obras de JA, são apresentados como seres arbitrários.

Em Cacau havia quatro policiais que biliscavam as mulatas. Ao invés de proibir a prostituição: " - Ora, a polícia é a primeira".<sup>1</sup> Quando um capitão da areia caía nas mãos da polícia sofria - "os soldados bêbados o fizeram correr com sua perna coxa em volta de uma saleta. Em cada canto estava um com uma borracha comprida".<sup>2</sup>

15.1. Ezequiel da Silveira ao formar-se na Escola de Cadetes da Polícia Militar, comandando 18 homens, foi designado para combater o bando de jagunços de Lucas Arvoredo. Sonhava com a glória. Seria promovido a capitão se prendesse o jagunço com seus homens. Por sua inexperiência foi derrotado e mortos quase todos os soldados. Nestas expedições os chefes apoderavam-se da verba e deixavam os soldados à vontade. "A polícia tinha direitos, roubava, matava e deflorava baseada na lei". "Os tenentes e capitães "tiravam cavalos", roubavam e violavam tanto ou mais que os cangaceiros".<sup>3</sup>

15.2. O exemplo mais acabado de chefe de polícia, mau ca-

<sup>1</sup> Cacau, p. 154.

<sup>2</sup> Capitães, p. 23.

<sup>3</sup> Seara, p. 179.

rácter, é o Barros. Era conhecido antes de assumir a chefia. " - Conheço ele muito bem, é um animal".<sup>4</sup> Quem saía de suas mãos era para morrer. Representa o despotismo permanente do poder. "Sai governo entra governo e o Barros lá está, mais firme que uma rocha... É como um símbolo".<sup>5</sup> Aparece em mangas de camisa, cigarro grudado no lábio, sorriso sarcástico, "... era considerado o maior técnico da polícia paulista na repressão ao comunismo".<sup>6</sup>

Queria promover-se a "Delegado da Ordem Política e Social". Para isso devia provar sua eficiência. Combatia os comunistas que lutavam contra a prepotência dos capitalistas Costa Vale, a Comendadora e a política franquista de Getúlio. Usava de todos os meios para conter a ação comunista. Prendia homens, mulheres e o material.

Para conseguir informações mandava aplicar as maiores e mais desumanas torturas nos presos. "Você fala, conta o que sabe, eu faço subir o médico de plantão, (...), você se salva".<sup>7</sup> Diante do silêncio do preso fica furioso, aperta os punhos. Tinha carta branca. Mandou atirar contra os grevistas do porto de Santos. " - Agora vocês vão aprender a fazer greve, a ouvir os comunistas. Agora é na borracha e na metralhadora...".<sup>8</sup> Foi elogiado pelo ministro por sua ação.

Era ameaçado pelos capitalistas de exoneração caso não dominasse as agitações. Informou que foram mortos 8 operá-

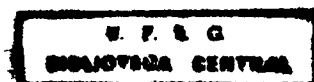
<sup>4</sup> Os Subterrâneos I, p. 274.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 275.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 279.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 287.

<sup>8</sup> Os Subterrâneos II, p. 68.



rios. Estava convencido de sua eficiência. "O Barros termina sempre por descobrir os segredinhos..." "De que valeu? O Barros encontrou a pista...".<sup>9</sup> Quando conseguia algum sucesso fumava charuto. Sentia-se o senhor absoluto da situação. Para acordar o preso desmaiado queimava-o com a brasa do charuto. Mandou torturar uma criança para conseguir que o pai denunciasse os companheiros. " - Ou você fala ou você vai ver esse menino se estrebuchar em nossas mãos".<sup>10</sup> Tomava cachaça e mandava aplicar choques elétricos na mãe alucinada do menino torturado.

Desesperava diante da obstinação dos presos. "... tão cômico o delegado, tão impotente, tão vencido, era de morrer de rir...!" "O chefe está feito fera, doutor?"<sup>11</sup> Seu maior desejo era prender Gonçalves, militante do Vale do Rio Salgado. Era contra a cultura para o povo. Para ele escritores, pintores e arquitetos eram "um bando de comunistas". Mandou substituir o juiz que usou de bondade ao ouvir o depoimento do prisioneiro. Foi promovido. "O delegado Barros, fora promovido por seus 'relevantes serviços na repreensão das atividades subversivas, na extinção do Partido Comunista".<sup>12</sup>

#### O CHEFE DE POLÍCIA

A prepotência do chefe de polícia se multiplica em cada policial. É um ser humano ambicioso que espera promover-se por suas ações desumanas. Figura como instrumento de

<sup>9</sup> Os Subterrâneos III, pp. 4 e 8

<sup>10</sup> Ibidem, p. 59.

<sup>11</sup> Ibidem, pp. 62 e 63.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 301.

castigo a serviço dos poderes econômico (O Capital) e político (O Estado). Se não dominar as investidas dos oprimidos contra os capitalistas e extinguir as subversões, facilmente é substituído. Age sem pesar os meios.

É um tipo arguto e sádico. Usa de todos os artifícios para descobrir os subversivos da ordem estabelecida pelos interesses político e econômico. Diante da vítima fuma cigarro ou charuto conforme o sucesso. Aparece rindo e disposto ao trabalho de tortura. É um algoz legalizado em nome do poder. Não age segundo a justiça legal, mas para se conservar, mostrar sua eficiência e subir de posto. Deixa-se levar pela neurose do impacto.

É um megalomaniaco que se apresenta aos presos como um ser onisciente e poderoso. Em nome da lei toma posição oposta ao jagunço. Defende a situação do poder dita legal porque está na dominância situacional. Muitas vezes comporta-se e age pior do cangaceiro. Não é a mão da justiça, mas em nome dela se permite o roubo, a tortura e a morte.

JA demonstra a tese de Lucien Goldmann de que o proletariado ocidental nunca fez revoluções socialistas.<sup>13</sup> Todos os movimentos sociais da América Latina, portanto do Brasil também, sempre tiveram sua interpretação política; e todas as iniciativas reivindicatórias, ou de alerta sempre foram consideradas subversão da ordem.

<sup>13</sup> Cf. Goldmann, Lucien: in Vários - Teses: Sociologia da Literatura:

## 16. DOS CAPITALISTAS AO TIPO CAPITALISTA

Resenha dos Extratos:

16.1 . Carlos Zude (São Jorge);16.2 . José Costa Vale (Os Subterrâneos I, II, III);

16.1 . Carlos Zude pertencia a uma família que tinha casa exportadora na Bahia. Viveu até os trinta anos na pândega. Entendeu que devia abandonar o fumo e o algodão para dedicar-se só aos negócios do cacau. Transferiu a matriz exportadora "Zude, irmão & Cia" para Ilhéus.

ha

Continuava mulherengo e bebedor. Conheceu Julieta com quem casou. Agora tinha 44 anos. Era gordo de pernas finas. Os cabelos já estavam grisalhos e era simpático aos seus clientes (futuras vítimas ou instrumentos úteis). De outros apertava a mão com displicência senhoril. Vestia bem e usava cinta para exibir o físico em forma. Gostava de comidas temperadas. Era integralista e "acalentava projetos grandiosos".<sup>1</sup>

Voltando de avião começou por em prática o plano concebido. Autorizou a compra do cacau existente a bom preço. Mandou convocar os exportadores em seu nome e no de Karbanks. Diante dos exportadores expôs o plano. "Onde está a nossa segurança?"<sup>2</sup> E citou exemplos de exportadores falidos porque os produtores não lhes entregavam o produto. Conhecia a política da exportação de cacau do mundo inteiro. Elevará o preço do cacau: " - Até quando for necessário - disse Carlos. - E abaixaremos também o quanto for necessá-

<sup>1</sup> São Jorge, p. 16.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 89.

rio...".<sup>3</sup> Era considerado um gênio.

Os coronéis tinham a partir de então seus dias contados. Eram vistos "como crianças tímidas". Os exportadores não tinham raízes ali. "Tinham raízes ali, os donos das terras. Carlos Zude e os exportadores eram adventícios,..." "Os ventos de um temporal qualquer podiam levá-los para longe, para a miséria inclusive para a falência, ...".<sup>4</sup> A solução era tornar-se dono de terras. Carlos Zude "Hoje sabia que o revólver e a repetição, o capanga e incêndio, já não adiantavam para a conquista dessas terras".<sup>5</sup> Preocupado, quase triste pensava na luta que ia enfrentar. "Era uma luta de escritório, de jogo de bolsa, de alta e baixa, ...".<sup>6</sup> Foi aumentando o preço do cacau e com o capital estrangeiro financiava sob penhora novas roças. "Mando abrir um crédito para o senhor sobre a safra a entregar",<sup>7</sup> dizia sorrindo ao capitão João Magalhães.

Estava contente do sucesso. Tinha a unanimidade dos outros exportadores. Era considerado pelos observadores "servo do capital ianque". Junto com Karbanks propõe sociedade na Empresa de transporte a Marinho e afasta Joaquim que militava contra os trustes.

Candidatou-se pelo partido oficial. "... representavam o imperialismo estrangeiro, o capital antinacional, alemão e americano".<sup>8</sup> Elegeu-se prefeito de Ilhéus. Cobrava juros de usuário e uma vez comprometido o dono de terras não era mais atendido. "Eu lastimo não posso fazer nada. Eu

<sup>4</sup> São Jorge, p.116.

<sup>5</sup> Ibidem.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 117.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 194.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 217.

\* usuário



só desejo uma coisa: receber o que me devem".<sup>9</sup> Só entendia de política e de negócios de cacau. A arte para ele era invenção inútil. Os artistas eram vagabundos. "... Não tinha muito tempo para dedicar às mudanças de humor da esposa, nunca tivera menos tempo para ela".<sup>10</sup> Diante dessa indiferença Julieta procurava outros amores. "Você pouco precisa de mim. Você tem seus negócios, sua vida, seu mundo. Ao seu modo, você é um triunfador...".<sup>11</sup> Era criticado porque vivia entregue à política e aos negócios, não se importando da infidelidade da esposa.

16.2 . José Costa Vale é outro exemplo de capitalista. Era casado com Marieta. Dava a impressão de um homem quase acabado, mas tinha ainda muitas forças para suas ambições. Era dono de um palacete em São Paulo e de uma casa bancária. Vivia a par da política econômica do mundo.

Para ele a Alemanha era exemplo de ordem e progresso. Em Berlim leu informações das riquezas existentes no Vale do Rio Salgado. Ao voltar dos Estados Unidos sobrevoou a referida região matogrossense rica em manganês. Resolveu tirar proveito da nova política. Percebeu que os americanos e alemães concorriam para negociações com o novo chefe de Estado, Getúlio Vargas. "Sabe, os alemães fizeram-me grandes propostas de negócios".<sup>12</sup>

Era amigo do deputado Artur Carneiro. No Rio tivera contacto com o Presidente da República e altas patentes do Estado. Aconselha o deputado Artur a se conformar com o no-

<sup>9</sup> São Jorge, p. 248.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 192.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 262.

<sup>12</sup> Os Subterrâneos I, p. 35.

vo governo, que depois será ministro! "O que vai continuar a fazer nessa canoa furada? Vou precisar muito de ti colocado num alto posto político".<sup>13</sup> Não se declarava político, mas influenciava com seu capital e elegia a quem lhe fosse útil.

Para explorar o manganês planejou o saneamento do Vale do Rio Sangado. Queria fundar uma empresa germano-brasileira com capital estrangeiro para o desenvolvimento do Brasil. Organizou equipes de planejadores, dirigentes e propagandistas. "..., um pouco de patriotismo, um pouco de independência e de progresso, e aí estava uma boa propaganda para a Empresa do Vale do Rio Salgado,...".<sup>14</sup> Devia substituir os caboclos por alemães ou japoneses com uma bandeira que ele escolheria se era alemã ou americana.

O manganês era muito necessário na guerra que se aproximava. Criou um "um mundo acima das leis, mundo do poder sobre os homens, ...".<sup>15</sup> "Os americanos, e com eles estava certamente a chave do problema, pareciam interessar-se apenas pelas jazidas de manganês".<sup>16</sup> Foi construído um campo de aviação.

Costa Vale encontra dificuldades diante da ação comunista. Pede soldados para o coronel Venâncio Florival combater os revoltosos do Vale. Irritou-se com a greve dos estivadores em Santos. Banca o patrão dos políticos. Pede ao Ministro do Trabalho ir a Santos. "Tens que ir a Santos, eu vou contigo". "Serás tão cego que não enxergas o

<sup>13</sup> Os Subterrâneos I, p. 109.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 125.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 195.

<sup>16</sup> Os Subterrâneos II, p. 187.

perigo?"<sup>17</sup> Odiava os comunistas a quem determinara acabar. Vendeu grande parte das ações da Empresa do Vale aos americanos. Mister Carlton tinha uma rede de escritórios de propagandas. Figurava como símbolo do "mundo afarista dos negócios".

Precisa de um Ministro da Justiça para favorecê-lo na Empresa do Vale. O melhor para ele seria Artur Carneiro.

" - Eu necessito de ti. É preciso botar para diante a Empresa do Vale do Rio Salgado".<sup>18</sup> Na frente da equipe trabalhava ele porque era a confiança dos americanos. Defendeu Plínio da perseguição de Getúlio e fazia-se amigo desse." O Getúlio dança mas quem dirige a orquestra sou eu".<sup>19</sup> Vendo que os comunistas apoiaram os caboclos do Vale desesperou. "Veja as paredes do meu banco pichadas todas as noites". "Eu vou acabar com esses caboclos e com o tal Gonçalo...". "É preciso acabar com eles. Não gosto de ter medo de ninguém".<sup>20</sup>

Fazia anos que não procurava Marieta como mulher. Tinha de amante uma ex-funcionária do banco. "O banqueiro gostava de encontrar nos olhos da mulher aquela admiração pelo seu gênio comercial". "Preciso de uma esposa porque sou um homem de negócios e para um homem de negócios uma boa esposa é um capital, um grande capital".<sup>21</sup> É o símbolo da posse e do possuir mais.

Não olhava os meios para alcançar os objetivos. O Partido Comunista devia ser extinto. "Para liquidá-lo tu instigaste o golpe de Estado Novo".<sup>22</sup> Depois de associar-se à

<sup>17</sup> Os Subterrâneos II, pp. 36 e 37.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 264.

<sup>19</sup> Os Subterrâneos III, p. 287.

<sup>20</sup> Ibidem, pp. 197 e 208.

<sup>21</sup> Ibidem, pp. 225 e 226.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 343.

Comendadora e a Lucas Puccini para a nova Empresa da Baixada Fluminense, aspirava ao cargo de Interventor para Mato Grosso. Uma vez convidado - "Ele era o patrão, sim como costumava repetir o poeta cinicamente, nos dias de bebedeira".<sup>23</sup> Tornou-se "o homem mais poderoso do país", mas de nada entendia fora dos negócios.

### O CAPITALISTA

Se o coronel tinha para a conquista das terras o campanga, a repetição e o caxixe, o capitalista serve-se do capital estrangeiro, da virada política nacional e do truste para se estabelecer. É um brasileiro a serviço da política econômica estrangeira.

Apresenta-se bem vestido, mas é de físico desengonçado. Vive exclusivamente para os negócios. É um convencional. Sabe agradar para atrair o cliente ou obter o apoio, depois o executa ou o esquece. Acompanha a bolsa de valores do seu comércio do mundo inteiro. Observa as tendências políticas nacionais e internacionais sem tomar partido. Na hora de haurir vantagens apoia o lado mais forte, cujo apoio legal lhe serve para remover os obstáculos que lhe tolherem seus intentos. Ainda que não apareça como um indivíduo formado culturalmente, suas previsões e seus planos levados a termos de lucros, provam ser muito esperto e sagaz. Não calcula os meios para alcançar o fim. Serve-se de todos os recursos e justificativas. Para ele a pátria e a família são meios para aumentar o capital.

Sente-se inseguro diante de ameaças ou concorrências.

<sup>23</sup> Os Subterrâneos III, p. 348.

Por isso quanto mais tem, mais deseja possuir não só capital, mas também poder. Assegura-se primeiramente na economia e depois se estabelece no poder. Daí manda e defende o seu.

O autor ironiza o capitalista que não tem tempo para amar e viver com a esposa. Não lhe dá filhos porque seria um prejuízo. A esposa precisa, não como companheira, mas como recurso de atrair mais capital. E se o compararmos com o militante comunista teremos uma antítese. Enquanto esse deve separar-se da companheira para viver clandestino, conservando o amor verdadeiro baseado na mesma luta; aquele vive sob o mesmo teto, mas não se encontra com a esposa. Para o mundo capitalista os comunistas têm de comum até as mulheres, quando na verdade Julieta Zude e Marieta Costa Vale são infiéis aos maridos.

O capital é como "o dragão de imensas garras e inúmeras bocas... Dragão de imundo estômago, comedor de cadáveres".<sup>24</sup> E o capitalista é o agente dessa prepotência insaciável.

<sup>24</sup> São Jorge, p. 229.

## 17. DAS ESPOSAS E FILHAS AO TIPO DE MULHER SUBMISSA

Resenha dos Extratos:

- 17.1 . Dona Arlinda (Cacau);  
 17.2 . Dona Olga (Terras);  
 17.3 . Dona Augusta (São Jorge);

Jorge Amado apresenta a mulher sempre em função do amor e da liberdade. É analisada sob diversos aspectos, de acordo com a realidade dos anseios e destino dela; no fim e no começo de duas épocas em choque por seus costumes diferentes.

Para o coronel "mulher que se mete a doutora é mulher descarada, que quer se perder". "... , aprender a costurar, contar e ler, gastar seu piano. Era o suficiente". E quando casava: "Ia à Igreja, cuidava da casa, paria filhos".<sup>1</sup>

17.1. Dona Arlinda era a esposa do coronel Misael. "A dona Arlinda é bruta como o diabo".<sup>2</sup> Assim era conhecida pelos trabalhadores. Usava jóias caras e vestido de seda. Orgulhosa das riquezas do marido, comanda na cozinha e chega a tirar os anéis para ajudar as negras fazer a comida.

Mária, a filha de dona Arlinda, tentou libertar - se querendo casar com quem amava. " - Eu também gosto de você. Você é homem... O meu noivo é um simples almofadinho...".<sup>3</sup> Mas José Cordeiro não quis ser patrão.

17.2. Olga era mulher do Juca Badaró. "Sua vida eram os cochichos de Ilhéus, era se fazer de mártir perante as velhas

<sup>1</sup> Gabriela, p. 215.

<sup>2</sup> Cacau, p. 172.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 218.

beatas e as amigas, o seu queixar dia e noite das aventuras de Juca".<sup>4</sup> Demorava pouco na fazenda. Odiava aquela vida de matar gente. Passava o tempo fazendo "crôchet". Era calma. Mandou raspar a cabeça de uma cabrocha que se engraçou com o seu Juca. Comentava-se que por isso apanhara do marido. Depois que ele morreu e dividida a fazenda, vendeu a sua parte e foi morar na Bahia, onde vivia metida com um bancário que trabalhara em Ilhéus. O autor nos deixa dúvida, e aí está a riqueza da informação, sobre a fidelidade de Olga quando o marido estava vivo.

17.3.0 coronel Frederico Pinto era casado com dona Augusta. Antes de casar era bonita. Agora envelhecida na vida da roça estava gorda. "... o corpo fora crescendo de ano para ano até se transformar naquela coisa informe,...".<sup>5</sup> Era preterida pelo coronel às rameiras que entendiam de amor. Tinha ciúmes do marido a ponto de fiscalizá-lo nas roças. Tivera 12 filhos, sendo 4 mortos. Brigava com o marido que mantinha casa para a mulata Rita.

A mãe de Malvina levava vida humilhada e tremia diante do marido, coronel Melk Tavares. "A mãe a fenecer em casa, a ouvir e a obedecer". " - Infeliz como você, não sei, minha mãe".<sup>6</sup> Dizia Malvina na luta para a libertação.

#### A MULHER SUBMISSA

É a mãe ou a filha da família patriarcal. Na literatura de JA é a esposa e a filha do coronel. Enquanto a mãe vivê exclusivamente para a casa-grande, a filha permanece ao

<sup>4</sup> Terras, p. 80.

<sup>5</sup> São Jorge, p. 42.

<sup>6</sup> Gabriela, pp. 213 e 214.

pé dela ou vai estudar no colégio das freiras, onde não pode ser doutora. Os coronéis se preocupam com os filhos,"... mas nas filhas não pensavam, bastava que aprendessem a ler e a cozinhar".<sup>7</sup> Deve preparar-se para servir o marido que será indicado pelos parentes; saber costurar, cuidar da cozinha, parir e criar os filhos.

Este tipo se entrega ao trabalho da casa e à fartura da cozinha. Engorda à medida que envelhece, dando mais razão ao marido procurar a rapariga. É condenada por seu descuido no trato das formas físicas. "Também gorda que nem um fardo, o coronel fazia bem. Gozava sua vida...".<sup>8</sup>

A arte nos mostra a angústia da criatura aprisionada que se frustra diante do despotismo. Há uma submissão desconformada, em que aparece a reação da mulher em busca de seus direitos; como veremos com mais evidência no tipo seguinte. Dona Olga Badaró e Maria Teles estão aí gritando liberdade. E não esqueçamos que para JA o romance é vida. Para ser verossímil só podia nos fornecer ligeiras visões, de acordo com o viver obscuro e insignificante desse tipo feminino nas fazendas.

<sup>7</sup> Terras, p. 98.

<sup>8</sup> São Jorge, p. 196.



## 18. DAS MULHERES AO TIPO DA MULHER QUE SE LIBERTA

Resenha dos Extratos:

18.1 . Ester (Terras);18.2 . Julieta Zude (São Jorge);18.3 . Malvina (Gabriela);

Há que se distinguir a mulher livre, no estado de civilização primitiva, próxima ao nível da natureza instintiva, onde colocamos Gabriela; daquele tipo feminino que vive dentro de uma estrutura social incompatível com a realidade de natureza humana. Gabriela é um caso especial que será tratado por último, visto que ela não precisa libertar-se. Veremos agora o segundo tipo de mulher, na luta pela libertação.

18.1 . Ester era uma jovem órfã de mãe. Criou-se com os avós na Bahia, onde se educara no colégio das freiras. Passava as férias em Ilhéus, onde o pai tinha comércio. Era considerada a mais bela do colégio. Como as demais sonhava com um príncipe encantado. Era figura tipicamente romântica - pálida, triste e magra. Aprendera tocar piano e como diria mais tarde Horácio: "Entende desses troços todos: francês, música, figurinos, de tudo ..."<sup>1</sup>

Um triste dia o pai lhe anunciou o casamento com o coronel Horácio da Silveira e ela chorou. Quiviu dizer que o coronel matara a primeira mulher a rebenque por infidelidade. O noivado deu-se em silêncio e sem beijos.

O dia do casamento chegou e de tardinha foi recepcionada na casa-grande com disparos. Horácio a deixou sozi-

<sup>1</sup> Terras, p. 61.

nha na mesma hora para ir ver as roças. "Ester se assustou com o grito das rãs". Pergunta a Horácio o que é. " - Uma rã na boca de uma cobra ...".<sup>2</sup> Fica sabendo da luta dos coronéis e das mortes. Vê os trabalhadores escravizados àquela vida da fazenda. "Para Ester, Horácio era imortal, era o dono, o patrão, o coronel...".<sup>3</sup> Sentia-se uma rã na boca da cobra, no meio daquelas brenhas. Tinha medo da fazenda como a rã da cobra.

Acostumou-se com os tiros e a ver cadáveres, mas conservava sempre a visão do réptil se jogando em cima dela. Era seu instinto de fragilidade diante de tanto despotismo. Chorava nas noites de temporal e não dormia.

Depois de 10 meses de casada teve um filho. O cuidado e o medo aumentaram. "Chegava a sentir o estrangulamento na sua garganta onde a cobra se enroscaria. Chegava a ver o filho morto, ..." "..., Ester teve crise de choro e pediu ao marido, soluçando, que fosse embora dali,...".<sup>4</sup> Assistiu à morte de um trabalhador mordido e fugia ao ouvir histórias de cobras. Vendo que para o coronel a fazenda era um paraíso, convenceu-se que seu destino era aquele: escravizada à casa-grande, servindo a um senhor bruto, indiferente aos seus sentimentos de amor e medo.

Com a presença do dr. Virgílio renascem os sonhos, vendo nele seu príncipe encantado que a salvaria. Ele não vestia camisolão. Surge o amor entre os dois à medida que ele a compreende. "Pensava e bebia mais e bebia também as

<sup>2</sup> Terras, p. 38.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 42.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 40.

palavras do dr. Virgílio".<sup>5</sup> E assim embriagada com a presença do seu "cavalheiro andante" via "Horácio transformado num grande porco sujo". Sentia nojo do marido quando a procurava para o amor.

Para Virgílio " - É como um passarinho na boca de uma cobra..."<sup>6</sup> Em Tabocas mulher casada não vai ao cabaré e só dança com o marido. Ester dança com Virgílio causando escândalo. Encontrava-se com o amante no portão. Um dia a sós na sala, percebendo que as lutas iriam recommençar ela pede a Virgílio: " - Me leve daqui... Pra muito longe..."<sup>7</sup> As lutas de Horácio contra os Badarós afastam Ester para Ilhéus. Ao voltar encontra o marido atacado de febre a cujos cuidados emagrece. Horácio reconhecia os méritos de Ester, mas não tinha sensibilidade e tempo para lhe dar as atenções devidas. Embora ame intensamente o dr. Virgílio não consegue libertar-se para esse amor. ~~Atacada pela febre morre.~~

18.2 . Julieta conhecera Carlos Zude numa festa, na Bahia, e casou-se com ele. Era sedutora: "Tez morena de espanhola, os cabelos negros, os olhos fundos e languês"<sup>8</sup>. Era admirada por todos e dançava agarradinha. Tinha 20 anos e ao casar viajou à Europa.

O marido era exportador de cacau em Ilhéus, aonde veio morar. Aqui faltavam cassinos, teatros e cinemas. Ilhéus era uma cidade "..., trancada nos negócios de cacau, não era a morada ideal para uma mulher criada na alta sociedade, ...".<sup>9</sup> Estabelece prazo para Carlos Zude se decidir mudar

<sup>5</sup> Terras, p. 58.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 61.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 78.

<sup>8</sup> São Jorge, p. 14.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 16...

para o Rio de Janeiro. Fica neurastênica de tanto fazer nada e sente vontade de morrer.

D. Auricídia, esposa submissa do coronel Dantas, se escandaliza vendo Julieta fumar, vestir calças compridas, shorts e conversar facilmente com homens. Era amiga das inglesas e suecas.

No vazio da vida que levava procura ler romances de adultérios. Mas ela "gosta furiosamente de amar. Seu sangue pede homem e no momento do amor...".<sup>10</sup> Ela tinha um homem, como Ester tinha o coronel Horácio; mas para os negócios e altos planos econômicos. Teve diversos amantes. Agora encontra em Sérgio Moura a porta da libertação. Invejava os meninos abandonados. Sente-se farta daquela vida representativa. "Está cansada de representar".<sup>10</sup> : dinheiro, luxo, negócio, cocktails e festas.

Convida o poeta Sérgio para a festinha de aniversário. Recebe a flor de orquídea e a coloca sobre o seio. Puxa o poeta para dançar. A aproximação de Sérgio e Julieta deu motivo a conversas. "Diziam que mais de uma vez ela se deitara com o poeta nos divãs da Associação".<sup>11</sup> Ela não ligava aos comentários. Ao ouvir Sérgio "Era outro mundo para Julieta Zude...". Ele falava-lhe de pássaros, livros, flores, versos, gente e de sentimentos. "Ela se sentia como alguém que, viajando através dum nevoeiro, conseguisse finalmente rompê-lo".<sup>12</sup> Sente-se ainda presa como um pássaro. Com o poeta "... os mistérios do sexo tiveram para Julieta Zude a sig-

<sup>10</sup> São Jorge, p. 46.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 145.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 147.

nificação da paz que ela nunca encontrara".<sup>13</sup>

Para o militante comunista se identifica: "Não, senhor, seu Joaquim. Sou a mulher de Sérgio Moura...".<sup>14</sup> Ela podia libertar-se e tem direito de ir com Sérgio Moura. "Quer dizer que o direito era eu largar Carlos e ir morar com Sérgio?"<sup>15</sup> Já não reclamava da vida e pensava dignificar-se com ser útil. A desastrada Lola, sua amiga, também a aconselha: "Siga su amor si usted lo ama. Siga su destino".<sup>16</sup> Julieta percebe que tanto do seu lado como no do marido havia podridão. Seguir seu destino unir-se a Sérgio era o direito, era libertar-se, era sair da lama podre. Mandou o poeta buscar o pássaro na gaiola e pegando-o nas mãos soltou-o, " - Sabe, amor, também eu estou livre...".<sup>17</sup> Sérgio percebeu que "a criação escapa ao criador". Como ia viver não sabia, só tinha certeza que ia viver e não representar. "Julieta tomou do chapéu de Sérgio Moura, que estava em cima da mesa, colocou-o na cabeça do poeta, deu-lhe o braço e disse:

- Vamos, amor ...".<sup>17</sup>

18.3 . Malvina era filha do coronel Melk Tavares. Estudava no colégio das freiras e aparece no jardim mais bonita do que as flores que cultivava. Fica de olho em Mundinho: "O Senhor também faz versos?"<sup>18</sup> É inteligente e não se deixa prender. Levou flores para a assassinada Sinhazinha, causando admiração a todos. "Que vinha fazer ali, no fune-

<sup>13</sup> São Jorge, p. 148.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 179.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 180.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 216.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 265.

<sup>18</sup> Gabriela, p. 97.

ral de uma esposa morta por adultério, essa moça solteira, estudante, filha de fazendeiro?"<sup>19</sup> Ela buscava algo que libertava a mulher.

Comprou o romance "Crime do Padre Amaro" e o livreiro, João Fulgêncio, observava: "Essa moça é diferente das outras, tem carácter".<sup>20</sup> E Nacib não entendia - "Tudo dividido, o pai de um lado, a filha de outro".<sup>20</sup> Malvina leva flores à vítima, o pai é amigo do assassino.

Quando foi apresentada ao engenheiro, Rômulo Vieira, disse: " - O senhor demorou demais - disse Malvina a fitá-lo com seus olhos de mistério".<sup>21</sup> Encontrava-se com o engenheiro que era casado; e ia à praça e ao cinema com ele. Dançava "leve quase a voar nos braços atléticos do engenheiro".<sup>22</sup> O escândalo de Malvina era assunto das conversas daqueles dias. O pai de rebenque batendo na bota, foi buscá-la na praça.

Na sala - "De pé ante ele, a cabeça erguida, tensa, orgulhosa, decidida, Malvina aguardou".<sup>23</sup> Responde ao coronel: "... eu não vou me sujeitar a casamento escolhido por parente,...". "Quero viver a meu modo. Quando sair, no fim do ano do colégio, quero trabalhar, entrar num escritório".<sup>24</sup> " - Não grite comigo, sou sua filha, não sou uma escrava".<sup>24</sup> E enquanto apanhava de chicote confirmava: " - Pois vou embora com ele, fique sabendo".<sup>24</sup> Ela via a infelicidade da

<sup>19</sup> Gabriela, p. 131.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 144.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 161.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 186.

<sup>23</sup> Ibidem, p. 211.

<sup>24</sup> Ibidem, p. 212.

mãe e "odiava desde cedo a casa, a cidade, as leis, os costumes". "Malvina jurava para si mesma que jamais, jamais, nunca jamais se deixaria prender". Pelas leituras descobriu outro mundo - "... além de Ilhéus onde a vida era bela, onde a mulher não era escrava".<sup>25</sup> Para ela o casamento era "simples convenção"; o amor basta para ligar as pessoas.

Manda um bilhete ao engenheiro: "Se ele quisesse, seria dele". Esperou inutilmente e via dois caminhos para libertar-se: o suicídio ou partir só, com seus pés. E na saída do colégio para as férias, liberta-se, seguindo seu destino, para viver intensa e livremente. Soube-se depois "... que ela trabalhava em São Paulo, num escritório, estudando de noite, vivendo sozinha".<sup>26</sup>

#### A MULHER QUE SE LIBERTA

"Amaria quem lhe oferecesse o direito a viver, quem a libertasse do medo ao destino de todas as mulheres de Ilhéus".<sup>27</sup>

É o tipo de mulher que viveu num meio humano mais liberal. O matrimônio, naquele tempo, era o único meio de realizar o amor e por ele a mulher era levada a outro ambiente desumano e incompatível com a vida que sonhara ter ao casar-se. Decepciona-se com o marido que não é seu companheiro, mas um dono de cacau, um senhor de escravos ou um homem de negócios. A mulher sente-se um objeto, humilhada e infeliz por sua inutilidade. É uma figura decorativa.

<sup>25</sup> Gabriela, pp. 214 a 216.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 290.

<sup>27</sup> Ibidem, p. 216.

Odeia aquela vida e busca um meio para libertar-se. Tem dois caminhos: o suicídio ou a infidelidade aos princípios morais que sustentam aquela sociedade de estrutura anacrônica. Procura libertar-se através do amor correspondido. Elege um outro homem que entenda de amor, vida e liberdade. Rasga o código de valores morais falsos. Aparece em público como ela quer e dança com o eleito do seu coração. Se doa ao novo amor, pedindo-lhe em troca que a salve, que a liberte, que a leve para longe daquele ambiente neurastênico.

Esse tipo de mulher difere daquele outro caracterizado por Marieta Costa Vale. Enquanto Marieta se prende burguesamente ao luxo e às orgias dos salões, esta se liberta para viver e amar. Para ser livre e útil deixa todas as riquezas e conforto. Segundo a moral socialista (personificada em Joaquim e Lola), ela larga "o barro podre" para seguir seu destino a que tem direito.

Encontramos nas obras de JA uma simbologia clara e perfeita por sua simplicidade: a cobra pegando a rã que é a tirania do poder contra o ser inofensivo. O pássaro en gaiolado que sugere o amor preso. A flor de orquídea ofertada, símbolo sexual. A libertação da arte através da poesia remete à libertação da vida pelo amor. A mulher é o símbolo do amor e por isso lírica como a poesia dos sentimentos. Para ela quem faz versos é um libertador. As leis e as convenções devem existir para a felicidade do homem, e não para infelicitar-lo. A arte ao tratar dos sentimentos humanos representados pela mulher, nos mostra que a liberdade é tudo na vida do homem.



## 19. DAS MULHERES AO TIPO DE MULHER DESAMPARADA

## Resenha dos Extratos:

- 19.1 . Antonieta (Cacau);
- 19.2 . Zilda (Cacau);
- 19.3 . Lindinalva (Jubiabá);
- 19.4 . Lívia (Mar Morto);

Entendemos aqui por desamparada a mulher que fica sem o amor previsto ou em dificuldades financeiras, em que ambas as situações a levam a prostituir-se. No estudo envolvemos a mulher solteira e viúva. Lívia será a antítese.

19.1 . Antonieta era de Maroim e viajava no trem junto com José Cordeiro para Ilhéus. "... a rameira sacudiu a mão dirigindo um cumprimento a todas as pessoas da estação: Ricos e pobres, coronéis e carregadores. E sorria sempre"<sup>1</sup>. Ao casar com um viajante ficou na Bahia. Agora em Ilhéus não tem dinheiro para a lavadeira. Vai parar na Rua da Lama.

19.2 . Zilda era filha do velho trabalhador Ascenço do coronel Misael. Passou a ser companheira de Antonieta. Estava na vida desde os 11 anos, quando o coronelzinho Osório a deflorou. Tinha 13 anos e andava mal vestida. Abandonada e desprezada por Osório suicida-se. Aí vem a dúvida se a prostituta se mata por amor ou de remorso. A sociedade que a julgue. O romancista se compadece pelo coração de outra personagem e exclama: "Pobres mulheres, que choravam, rezavam, e se embriagavam na Rua da Lama. Pobres operárias do sexo. Quando chegará o dia da vossa libertação?"<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Cacau, p. 141.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 164.

Em Sucr a irmã de Celuta é filha de lavadeira. Ao levar as roupas aos estudantes foi seduzida. Espancada e amaldiçoada pela mãe foi parar na Ladeira do Taboão com o filho.

Rosa Palmeirão teve a mesma sorte - aos 15 anos fora com Rosalvo e perdeu-se. A mãe amaldiçoou-a, ela perdeu o filho e ficou na rua.

19.3 . Lindinalva era filha do comendador Pereira. Era bonita como as figuras de folhinhas. Tinha rosto de santa. Balduino divinizou-a. Ao noivar com o advogado Gustavo Barreiras ficou órfã de pai e mãe. Tem por única companheira a empregada Amélia.

Foi deflorada e abandonada grávida pelo ex-noivo. Depois de nascer o filho ficava com Amélia e a mãe não encontrando trabalho: "Lindinalva naquela noite fez a sua estréia na pensão Monte Carlo com um vestido de baile bem decotado".<sup>3</sup> Ali na pensão fica velha cedo e os homens ricos não a querem mais. Encontra-se e "conta histórias ao filho, histórias que ouvira de Amélia noutros tempos, quando ela era Lindinalva".<sup>4</sup> Agora ela não é mais lindinha e alva. " - Mulher-dama é escarradeira de todo mundo...".<sup>5</sup> Deve mudar-se para "a rua de Baixo onde as mulheres cobram cinco mil-réis". Acaba na Ladeira do Taboão, último estágio. "O destino era assim mesmo. Para uns, bom, para outros, miserável".<sup>6</sup> Ela tem um filho, mas como se não consegue o próprio sustento?

<sup>3</sup> Jubiabá, p. 262.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 265.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 264.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 268.

Na Ladeira do Taboão é recebida no 32, com o seguinte aviso: " - Daqui, meu amor, ou para a assistência ou para o buraco".<sup>6</sup> Lá Antônio Balduino a encontra. "Mas é um trapo humano, uma figura que perdeu o nome na Ladeira do Taboão".<sup>7</sup>

O pedreiro Joaquim deixara a mulher viúva com seis filhos. Ela lavava roupa para sustentar os filhos, mas "veio o impaludismo e a derrubou".<sup>8</sup> Percorre então os bairros pedindo ajuda. Aqui é desenganada com um "hoje não tem", lá é repelida aos gritos - " - Sai daí, traste!" " - É capaz de ser uma ladrona...".<sup>9</sup>

Em Jubiabá e Mar Morto transparece a constante inquietação da esposa, enquanto seu homem está no mar. "Mas as que não estão acostumadas é a esta morte repentina, a ficar de repente sem seu homem, sem teto, sem abrigo, sem comida, a serem logo engolidas ou por uma fábrica ou pela prostituição quando são mais novas".<sup>10</sup> Temos os exemplos de Maria Clara, esposa do saveirista, mestre Manuel. Rita, a tia de Guma, que de alegria ao ver o marido voltar dos perigos do mar, morre do coração. Judith, que "tá prenha" perde o marido Raimundo. "É o destino de todas elas" porque "o mar é o dono de todos eles".<sup>11</sup>

Em Terras JA nos apresenta as três irmãs, em cuja pensão é encomendado o cadáver do pai. "Era uma vez três irmãs numa casa de putas pobres. Unidas no sofrimento, unidas no desespero, Maria, Lúcia, Violeta, unidas no seu destino".<sup>12</sup>

<sup>7</sup> Jubiabá, p. 271.

<sup>8</sup> Suor, p. 278.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 279.

<sup>10</sup> Mar Morto, p. 91.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>12</sup> Terras, p. 89.

19.4 . Lívia teria amparo dos parentes, mas "outras são mais infelizes, só têm a prostituição".<sup>13</sup>

Lívia nasceu em Recôncavo, cidade de sete portas, onde nascem as mulheres mais lindas. Era magra de cabelos finos. Numa festa de Iemanjá conheceu Guma. Mas "que podia Lívia esperar de um marinheiro?"<sup>14</sup> Casou-se na igreja de Monte Serrat. No dia do casamento é apresentada e agourenhada: "Vosmecê vai gostar dela. É boazinha mesmo". "Não demora, ela fica viúva".<sup>15</sup> Aguardava sempre inquieta a volta de Guma.

Depois de oito dias de espera pelo marido, soube da morte de Rufino, marido de Judith. Consola a amiga, mas ao lembrar-se de Guma "sentiu toda a dor de Judith". Se decide ser marítima, mas jura que seu filho não será. Lívia é esposa fiel, fica em casa mesmo gostando de estar junto ao seu homem no mar, onde viveria menos aflita, apesar dos perigos. Ela não era do cais, estava aí seguindo um homem. "Se Guma morresse ela morreria também".<sup>16</sup> Ela irá junto em outras viagens e como Maria Clara, cantará para o vento ajudar a fugir dos perigos.

Estava grávida\* a cigana lhe anuncia "tarefa perigosa" e Esmeralda lhe usurpa o amor. Dedica-se ao trabalho doméstico. Aparece sempre angustiada esperando a volta do marido. "São tristes de espera e de temor os dias de Lívia".<sup>17</sup> Os tios pedem-lhe de convencer Guma a largar o sa-

<sup>13</sup> Mar Morto, p. 191.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 97.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 106 e 107.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 113.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 153.

\* quando

veiro. Não sentia coragem de falar ao marido. Havia um destino que a prendia ao cais, ao mar. Ao chegar o companheiro ferido ela se assusta e aborta o filho. " - Você hoje ganhou um filho e um marido".<sup>18</sup> É honesta e cautelosa. Não aprovava o frete de contrabando que Guma ia fazer...". Não é um dinheiro bem ganho".

O que pressentia aconteceu. O marido morre numa tormenta no mar. Pergunta o irmão: "Como vai ser agora, Lívia".<sup>19</sup> Dulce, a professora de Guma, esperava um milagre que agora vai acontecer. Lívia se entregará ao trabalho, não vai se prostituir como as outras viúvas. Sente amor ao saveiro que representa o amor e o heroísmo do marido. "Vendê-lo era como vender seu corpo. E eles eram coisas de Guma, ela não podia vendê-los".<sup>20</sup> É vista trabalhando no saveiro. "Lívia suspendeu as velas com suas mãos de mulher".<sup>21</sup>

#### A MULHER DESAMPARADA

" Que fazes aí, menina?  
Eu faço tudo, senhor..."<sup>22</sup>

Nas obras de JA encontramos a mulher enganada no plano do amor e a mulher viúva. Em ambos os casos o amor pode tornar-se meio de sobrevivência, que será o amor mercadejado.

A mulher desamparada é antes de tudo uma crente. Ela acredita nos homens, na solução da miséria pela miséria. Acredita até nos santos e nos feitiços.

<sup>18</sup> Mar Morto, p. 158.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 196.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 197.

<sup>21</sup> Ibidem, p. 200.

<sup>22</sup> São Jorge, p. 241.

A situação econômica, às vezes, não permite organizar a família, em cuja margem se efetua então o amor. Há casos em que a mulher abandonada pelo pretendente e pela família, sem possibilidades de emprego, torna-se operária do sexo. E uma vez prostituída, se degrada de mais a mais. Torna-se desprezível no meio social dito moralizante. Ela se emprega em Ilhéus, na rua da Lama e na Bahia, na Ladeira do Taboão.

Lindinalva (Jubiabá) e Marta (Seara) simbolizam a mulher que entrega a virtude para sobreviver. Há um heroísmo no sentido em que a mulher se entrega ao amor antes da corrupção, como fez Ivone, antes de Antônio Vítor partir.<sup>23</sup>

O escritor abre-nos uma janela do mundo-cão, onde o homem explora o homem. Procura mostrar-nos quando e porque a mulher se degrada, e justifica: "Cada pessoa já nasce com o seu destino, ele vem na Nau Catarineta".<sup>24</sup> Apresenta-nos Lívia como o ideal da mulher desamparada que deve reagir e vencer. O trabalho desde que possível será o meio de salvação. Ele dará condições para a realização do amor e sobrevivência digna ao ser humano.

Lívia não aceita o destino fatal das viúvas dos marítimos. Ela não vai ser rameira, empunha o leme e trabalha. Lívia é como Malvina, símbolo da mulher moderna capaz de viver e agir sozinha.

JA assenta sua criação no real, apresentando-nos grandes lances de humanidade, tirando da vida diária personagens e fatos. Mostra-nos as causas da miséria e registra os

<sup>23</sup> Cf. Terras;

\* não

<sup>24</sup> Jubiabá, p. 268.

momentos de angústia humana. Acusa os responsáveis e prega a esperança de libertação. "Mas os ricos não se envergonham da prostituição. Contentam-se em desprezar as infelizes. Esquecem-se de que foram eles que as lançaram ali..

"Eu fico pensando no dia em que a Rua da Lama se levantar, despedaçar as imagens dos santos, tomar conta das cozinhas ricas. Nesse dia até filhos elas poderão ter".<sup>25</sup>

<sup>25</sup> Cacau, p. 164.

## 20. DAS VITALINAS AO TIPO DE MULHER SOLTEIRONA

## Resenha dos Extratos:

- 20.1 . Italiana Anônima (Suor);
- 20.2 . Anônimas (Capitães);
- 20.3 . Iaiá Moura (Terras);
- 20.4 . Ernestina (Os Subterrâneos I);
- 20.5 . As irmãs dos Reis (Gabriela);

20.1 . Era locatária de um andar do sobradão 68, na Ladeira do Pelourinho. Não perdoava o atraso do aluguel aos inquilinos. Revelava expressão de maldade. Ela não era a mãe da humanidade.

O "no" italiano pronunciado por ela, soava tragicamente. Gritava para os devedores, " - Mude-se! Mude-se! Vá se lavar noutra lugar!"<sup>1</sup> Mandou que a mulher arrumasse outro homem. Na briga fez prender o inquilino e ficou com os móveis.

20.2 . Em Capitães aparecem várias solteironas anônimas. Intrometiam-se e fiscalizavam a vida do padre José Pedro. Elas estavam acostumadas a bajular os padres, ficar na sacristia "cheirando as fraldas dos padres". "... se elas passavam os dias em inúteis conversas nas igrejas, ou a bordar lenços para o padre Clóvis, era porque não haviam tido, na sua malograda existência de virgens, um filho, um esposo, a quem dedicar seu tempo e seu carinho".<sup>2</sup> Não sabem cuidar das crianças abandonadas. Queriam transformar de repente aquelas vítimas do abandono em sacristãs, fazen-

<sup>1</sup> Suor, p. 283.

<sup>2</sup> Capitães, p. 54.



do-as rezar o terço, assistir missa e bênção diariamente.

20.3 . Iaiá Moura era uma vitalina que cuidava do altar. Lastimava ser o tempo tão curto para falar de tantos acontecimentos. Ester, esposa do coronel Horácio, sofria a crítica: "O que não teria ela sabido através dessas incríveis solteironas da cidade, essas beatas sem o que fazer senão falar da vida alheia?"<sup>3</sup> Acordando com o bacanal do cabaré iam reclamar ao bispo.

20.4 . Ernestina é uma solteirona. Era tia de Lucas e Manuela Puccini. Estava sempre resmungando. Reclamava o excesso de claridade do novo apartamento. Desconfiava dos amores da sobrinha e do progresso de Lucas. Fazia promessas a Nossa Senhora da Aparecida para que tudo fosse bem.

Odiava os assuntos sentimentais. "E nos resmungos pelos cantos onde se escondia da luz violenta, maldizia sobrinho e sobrinha, os homens em geral e a alegria da casa". "... tu pensas que ele vai casar contigo". "Vai, cadeli - nha, vai te rebolar com ele...".<sup>4</sup> Rezava para o sobrinho não parar na cadeia e Manuela não se tornar meretriz. " Um diabo de solteirona beata e histérica, ...".<sup>5</sup> Para Manuela grávida tinha olhos acusadores e aparecia-lhe em sonhos. " De súbito, tia Ernestina aparecia, sua figura macerada de bruxa, seus olhos injetados de pudibundo horror, suas mãos de castigo".<sup>6</sup> De quando em vez rolava no chão de ataques.

20.5 . As irmãs dos Reis eram mulheres balzaqueanas.

<sup>3</sup> Terras, p. 172.

<sup>4</sup> Os Subterrâneos I, p. 177.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 183.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 269.

Chamavam-se Quinquina e Florzinha. Apareciam sempre vestidas de negro como penitentes. "As solteironas, os longos vestidos negros fechados no pescoço, negros xales aos ombros, pareciam aves noturnas paradas ante o átrio da pequena Igreja".<sup>7</sup> Viviam de aluguel. Eram conhecidas pelo presépio que armavam na sua casa. Sabiam cozinhar, mas cobravam muito, por isso Nacib não as preferia. Eram gêmeas e "somavam cento e vinte e oito anos de sólida virgindade indiscutida". Não casaram possivelmente por escolherem demais.

Falavam dos amores do prof. Josué com Malvina e criticavam a vida de Glória. " - Falta de vergonha .../ " - Os homens pecam até quase sem querer. Só de olhar".<sup>8</sup> Aconselham Nacib casar. Se alvoroçaram com o duplo assassinato do coronel Jesuíno. "As solteironas enchiam o átrio da igreja, escandalizadas, persignavam-se. Terra de perdição, essa de Ilhéus...".<sup>9</sup> Comentavam com Nacib a desgraça de Sinhazinha: "..., a gente tinha acabado de estar com ela na missa...".<sup>9</sup> O padre julgava-as boca de azar porque criticavam e desejavam castigo para a sociedade.

Em Os Marinheiros JA dedica um capítulo especial ao assunto "Da Científica Teoria das Baqueanas". Categoriza os diversos tipos e cita como exemplo Clotilde Maria da Assunção Fogueira. O Dr. Moraes explica ao Senador e o padre ouve. "...: as solteironas, desde o momento em que atravessam a fronteira dos vinte e oito anos e perdem as esperan-

<sup>7</sup> Gabriela, pp. 90 e 91.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 89.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 112.

ças de casamento, formam imediatamente na fila das baqueanas. É quando, padre, começam a freqüentar as igrejas, a cuidar dos altares, a se confessar todos os dias. O senhor conhece o assunto melhor do que eu. São amargas e ranhetas, implicantes, más-línguas. Pertencem à categoria das Grandes Baqueanas".<sup>10</sup>

#### A MULHER SOLTEIRONA

É a mulher que passa da idade de casar. Vive à margem da estruturação social, como uma excrescência dos sentimentos e finalidade da criação. Não casa, às vezes, porque escolhem muito, outras vezes por falta de sorte de que o autor não fala.

Não tendo o que fazer se dedica a devoções, trabalhos do templo local e a vida alheia. Vive na sacristia denunciando os abusos sociais ao padre, tido como juiz da moral. Fica na porta ou no átrio da igreja observando o comportamento dos confamiliares. Acaba com a alegria reinante ou inveja a felicidade do próximo.

No campo sentimental se sente frustrada - é preterida à outra e se isola cada vez mais. Para o romancista ela é como certas ruas ou becos - "... a rua que seria uma velha solteirona à espera do noivo que partira (...) e se perdera na confusão dos homens apressados".<sup>11</sup> Do escanteio onde é lançada no jogo da vida, sente-se inútil e alimenta complexos contra o meio em que vive. Angustia-se em ver fugir as esperanças de se realizar na vida. Enfraquece psiquicamente.

<sup>10</sup> Os Marinheiros, p. 257.

<sup>11</sup> Jubiabá, p. 55.

\* da sociedade. Em casa discorda facilmente

Fala gritando e sofre de ataques histéricos.

Não perdoa os erros e vê o mal em tudo. Veste-se com requinte de modéstia. É uma criatura paradoxal e ilógica - reza para o bem do seu semelhante ao mesmo tempo que o inveja e fala dele. Ela não tem a prática da vida, por isso facilmente se constitui um código de moral e um exemplo a que a sociedade deveria seguir.

O romancista não esquece sua parte humana. Além de focalizar a mulher vitalina pela óptica da agressividade, ele não deixa de reconhecer as causas que fazem desse ser humano um 'cravo' da sociedade. "Seu amor não vem, ela também precisa de amor como todas as moças que passam de vestidos bonitos na rua".<sup>12</sup> E se ela é assim é porque não tem "um filho, um esposo a quem dedicar seu tempo e seu carinho".

<sup>12</sup> Capitães, p. 173.

## 21. DAS VALENTONAS AO TIPO DE MULHER GUERREIRA

## Resenha dos Extratos:

- 21.1. Maria Cabaçu (Suor);
- 21.2 . Rosa Palmeirão (Mar Morto);
- 21.3 . Várias (Capitães);
- 21.4 . Raimunda (Terras, São Jorge);

21.1 . Maria Cabaçu tinha uma história misteriosa , sem dizer de onde vinha e para onde ia. Esteve presente com sua valentia no sobradão 68, na Ladeira do Pelourinho. "Valente como um cabo de polícia. Alta e troncada como poucos homens do sobrado, cabelo espichado, nádegas enormes".<sup>1</sup> Tinha o nariz de boxador, poucos seios e olhares tentadores. Carregava um punhal tomado a um "valente no Rio Grande do Sul". Dizia-se conhecedora do Acre e da Bolívia. Falava em castelhano quando estava bêbada.

Fez correr um inquilino e a proprietária lhe tinha respeito. Despejou escada abaixo um policial.

Amasiou-se com Antônio Joaquim de 43 anos que andava sempre marcado. Os homens faziam amor com ela uma vez só. Achava pouco o pagamento e chegou a espancar clientes. Um cearense contentou Maria Cabaçu, mas na hora de pagar deu-lhe cinco mil-réis. " - É vinte mil.../ " - Trate de puxar a grana, meu branco, se não... " Ela mostrou o punhal".<sup>2</sup> Desarmada e espancada ficou sangrando. O cearense ao saber a quem agrediu, ficou amarelo de medo e desapareceu. Ela tinha nome e deixou a pensão sem pagar.

<sup>1</sup> Suor, p. 324.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 325.

21.2 . Rosa Palmeirão nasceu no cais da Bahia. Aos 15 anos seguiu Rosalvo de quem ficou esperando um filho e a mãe a amaldiçoou. Tornou-se valente quando o amante lhe dera a "beberragem amarga" para o filho nascer morto. Apunhalou Rosalvo e passou meses na cadeia. Não gostava de\* sempre num lugar. Esteve três vezes no Rio, onde no baile derrubou um pixote. " - Peguei pelo pescoço, atirei pela porta". Escorou mais seis em defesa do "seu mulato" , Juca. " Quando viro que a coisa tinha seu ipissilone um já tava com a cara quebrada e eu com a navaia velha de guerra na mão".<sup>3</sup> Era de físico conservado, valente e bonita. As nádegas ocilantes e os "olhos metiam medo, eram fundos e verdes como o mar".<sup>4</sup> Falava igual a um homem e bebia mais ainda. Quando amava um homem "era mulher como nenhuma". Rosa Palmeirão "se cansou de dar em soldados, de comer cadeia, da navalha na saia, do punhal no peito".<sup>5</sup>

Descobriu o herói Guma, em cujos braços gostava de ficar. Nunca fora amada como desejava. Confessava ao herói de Mar Morto chorando: " - Te juro que queria muito ter um filho para eu tomar conta e criar ele ...".<sup>6</sup> Convenceu-se que estava gasta para ter filho.

Era sacerdotisa de Iemanjá há 20 anos. Quer partir e promete a Guma de não brigar mais. Viu em Guma um filho e um amante. "Quero é ajudar criar teu filho, como se eu tivesse tido você...".<sup>7</sup> Quando soube do nascimento do

<sup>3</sup> Mar Morto, p. 44.

<sup>4</sup> Ibidem, p. 43.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 52.

<sup>6</sup> Ibidem, p. 46.

<sup>7</sup> Capitães, p. 67.

\* permanecer

filho de Guma "..., ela atirou fora a navalha da saia, o punhal do peito".<sup>8</sup> Sentada na porta com o filho no\* ouvia cantar seu ABC e exclamava: "Só o mar dá desses presentes a seus filhos".<sup>8</sup>

Com a morte de Guma tornou a portar a navalha na saia e o punhal no peito e ajudava a Lívia no trabalho do saveiro.

21.3 . São inumeráveis os exemplos, que JA nos apresenta, de mulheres valentes. A mãe de Volta-Seca - "Um dia fez correr dois soldados que se fizeram de besta. Era um mulherão... Valia um homem".<sup>9</sup>

Dora é a mulher guerreira mirim. O escritor nos mostra como a mulher se faz valente, desde nova, na luta pela vida. "Não tá direito que vocês me dê de comer todo dia".<sup>10</sup> Vestiu calças compridas e acompanhava os capitães . Foi lutar contra o bando de Ezequiel. Era comparada com Rosa Palmeirão, Maria Cabaçu e a companheira de Lampião." É verdade que Dora é a mais valente de quantas mulheres já nasceram na Bahia,....".<sup>11</sup>

21.4 . Entre Don'Ana Badaró e Raimunda que se criaram na mesma casa, apresentamos o perfil de uma, Raimunda; visto que ambas lutaram com os mesmos objetivos. Difere um pouco das outras que vivem à margem da vida organizada. Apesar disso a incluímos porque também se mostra forte e luta.

Raimunda, por ouvir dizer, era filha bastarda do

<sup>8</sup> Capitães, p. 185.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 136.

<sup>10</sup> Ibidem, p. 140.

<sup>11</sup> Ibidem, p. 152.

velho Marcelino Badaró. Teve sempre desejos irrealizáveis. Já moça quando Antônio Vítor quis pegá-la, no rio, onde ia buscar água, "... , ela dera um jeito no corpo e atirara o cabra no rio, era forte e decidida como um homem".<sup>12</sup> Juca Badaró não se metia com ela. "Parecia não estimar ninguém, vivia sua vida calada, trabalhando como quatro, recebendo o que lhe davam com um agradecimento murmurado."<sup>13</sup>

Casou-se com Antônio Vítor depois de lhe cuidar das feridas e com permissão do padrinho, Sinhô Badaró. Recebeu um pedaço de terra onde trabalhava e empregava o dinheiro em pés de cacau. Quer ser rica. Aborta no trabalho e após um mês continua. Nunca perdeu a fisionomia de zangada. Sua opinião era respeitada pelo marido. Opunha-se a luxo e muito conforto. "Gostava era da terra, de lavrá-la, de plantá-la, de colher os frutos..."<sup>14</sup>

Fez barulho com o sedutor da filha, obrigando-o casar. "Raimunda não endireitava mesmo, não tinha jeito. Havia de morrer trabalhando na roça, mal vestida, lambuzada de mel de cacau, a cara zangada".<sup>15</sup> Quando soube que o marido tinha amante fechou ainda mais a cara.

Não dava atenção à alta e baixa do cacau. Ao receber a intimação se assustou: " - Vão tomar nossa terra, Antônio...". " - Se tu quer, tu vai embora. Mas eu não vou, não ... Eu fico aqui e não entrego minha terra. Não entrego, não ...".<sup>16</sup> Faz tocaia junto ao marido para os ocupantes da

<sup>12</sup> Terras, p. 63.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 65.

<sup>14</sup> São Jorge, p. 60.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 190.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 267.



terra. Ela atirou primeiro, mas atingida por uma bala sorriu - "Não ia entregar sua terra".<sup>17</sup>

Em Gabriela aparece Maria Machado. Era dona do bordel e mantinha uma casa de pensão em Ilhéus. Era a "general das ruas de canto e dos cabarês".<sup>18</sup>

#### A MULHER GUERREIRA

"Do medo nascem heróis  
em tempo de violência".<sup>19</sup>

A mulher valente de JA nos lembra as quatro velhas guerreiras do romance As Velhas de Adonias Filho. A Bahia é a terra da mulher valentona.

Este tipo de mulher vive num meio hostil e agressivo que lhe serve de suporte para o seu heroísmo. Vive geralmente sozinha e luta na defesa do mais fraco ou inocente, em prol dos seus direitos e da própria libertação.

É o tipo de mulher experimentada nos sofrimentos e na luta da vida, mas não derrotada. Apresenta físico possante. Nos seus atos equipara-se ao homem. Carrega arma branca ou arma de fogo. Não é sedentária - vagueia pelo mundo. Ela sabe e vê que na vida nem tudo é ruim. Na crença negra mulher valente é santa.

Dá seu amor a quem é forte. Procura para isso um valentão ou um herói. Assim quiseram Maria Cabaçu, Rosa Palmeirão e as demais. Quando ela ama, fá-lo como nenhuma outra mulher.

JA estampa nas suas obras a vida como ela é sujeita

\* fizeram

<sup>17</sup> São Jorge, p. 268.

<sup>18</sup> Gabriela, p. 354.

<sup>19</sup> Fischer, Almeida - "Caderno de Sábado", in Correio do Povo ...

às forças da natureza. Na sua análise de tipos femininos examina e denuncia os descaminhos da condição da mulher dentro dos múltiplos níveis sociais. Ela só se sente integrada na sua posição de amante e mãe. Toda a sua valentia se rende ao verdadeiro amor e se acalma diante do filho. Os lances trepidantes que o autor arranca da vida e os fixa no plano da arte, aqui servem para ilustrar e avivar a história; lá para mostrar a luta que a mulher vem enfrentando contra a distinção humilhante e exploração de suas fraquezas.

Tereza Batista é o expoente do tipo de mulher forte que luta para sua dignidade e libertação. É a heroína que se faz na guerra contra o desamparo, a prostituição e a tirania dos prepotentes. Assim é o mundo atrativo e assombroso de Jorge Amado.

## 22. GABRIELA

"Explicar é limitar.  
É impossível limitar Gabriela,  
dissecar sua alma".<sup>1</sup>

Gabriela por sua simbologia não só se constitui o remate deste trabalho, mas também representa a essência dos valores remanescentes da luta do homem em busca da posse, do poder e da sobrevivência.

Surge em caminho do Nordeste rumo a Ilhéus, junto a outros retirantes. Vinha acompanhada do tio com quem dormia ainda menina e que morreu em viagem. Não sente o cansaço. Tem as aparências de uma louca perdida - cabelos despenteados, coberta de poeira. No começo da viagem era limpa e perfumada. Clemente conhecia Gabriela - "e o sabia em cada partícula do seu ser, ...".<sup>2</sup> Tem o corpo esguio, olhos "ora tímidos e cândidos, ora insolentes e provocadores".<sup>2</sup> Aprendeu cozinhar em casa de família rica. À noite deitava com Clemente com naturalidade. É brincalhona - "distribuía sorrisos e obtinha de todos o que quisesse".<sup>3</sup>

Chegando ao termo da viagem, Clemente quer levá-la para a roça. "É melhor não, tu vai pra teu lado eu vou pro meu". "Tu tem tua tenção, vai cumprir teu destino".<sup>4</sup> Não planeja nem calcula o que pode fazer. É indiferente ao que está para vir. " - Quero ir pro mato não. O resto só Deus sabe".<sup>5</sup>

<sup>1</sup> Gabriela, p. 312.

<sup>2</sup> Ibidem, p. 82.

<sup>3</sup> Ibidem, p. 34.

<sup>4</sup> Ibidem, pp. 85 e 86.

<sup>5</sup> Ibidem, p. 86.

Nacib a encontra no "mercado dos escravos". Era ir reconhecível. Percebeu que era jovem pela voz e pelos olhos. "A gente canta, esquece os maus pedaços". "Já fui cozinheira até de casa rica...".<sup>6</sup> Sem se despedir de Clemente, segue a Nacib para ser a nova cozinheira. Não faz preço. Sente vontade de cantar, mas não sabia se "o moço bonito e triste" gostava. Depois de lavar-se e prender os cabelos com fita parecia outra - "humilde e clara como um pouço de luar". Não vai dormir porque "o moço não disse nada".<sup>7</sup> Quando sorri tudo de alegria. Dizia Chico-Moleza: "Quando ela ri, seu Tônico, até tonteia a gente".<sup>8</sup> No bar torna-se o foco de todas as atenções pelo tempero da comida e por sua presença de ingênua criança grande. Tem "seu andar de dança, seus quadris marinheiros".<sup>9</sup>

Nacib mostra-se satisfeito com Gabriela. Compra-lhe presentes. Não gosta de sedas nem de sapatos. Dormia no quarto dos fundos. "... , as coxas e os seios à mostra como se não visse mal naquilo, como se nada soubesse daquelas coisas, ...".<sup>9</sup> Aceita "o moço bonito" dormir com ela. Não quer reajuste de salário nem aceita as propostas dos coronéis. Não vai ao espiritismo. Gostava de ir ao bar levar os doces e salgados, a comida e a rosa para seu Nacib. Dona Arminda lhe fala de casamento com o patrão. "Casar comigo? Por que? Precisa não, dona Arminda, ...".<sup>10</sup> Percebendo os ciúmes do patrão não entende porque "ela não tinha, se

<sup>6</sup> Gabriela, p. 117.

<sup>7</sup> Ibidem, p. 121.

<sup>8</sup> Ibidem, p. 134.

<sup>9</sup> Ibidem, p. 145.

se ele sentisse vontade podia ir com outra". Ela gosta dele: "Moço bonito... Gosto é demais..." " - Importa não ... Não ligo pra eles...".<sup>11</sup> Que lhe pedisse tudo, mas de ir à janela, de sair e de apagar o sorriso não deixaria. O padre Basílio a chamava "rosa de jericó".

O amor e as conveniências convenceram Nacib de casar com Gabriela. O tabelião, Tonico Bastos, arruma os papéis para Nacib tornar-se o Único senhor de Gabriela. No dia do casamento vestiu-se de azul celeste. Não entende as convenções que proibiam estar a noiva em casa do noivo antes do casamento. Não muda para senhora Gabriela. " - Sou não, seu Nacib. Sou só Gabriela...".<sup>12</sup> Brinca de pé no chão com os meninos. Alegra-se quando sabe do circo. Precisa instruir-se para ser uma "senhora distinta da alta roda". "Mas quero ir sim. No bar, no circo, andar na rua". "Zangou, seu Nacib? Por que? Fiz nada não..." " - Tenho jeito não, seu Nacib, pra essas coisas".<sup>13</sup> Para contentar o marido vai à conferência. No salão fala em voz alta - quer sair, fica com sede, quer ir ao circo. Não entende como Nacib pode ter gostado, quando dormiu durante a palestra.

Depois da sessão, às escondidas, corre ao circo ver Tuísca vestido de escravo. Começa agir às ocultas para não magoar Nacib. Salva o atirador Fagundes, perseguido pelos Homens de Mundinho e o devolve aos coronéis salvo.

As exigências de Nacib acabaram por entristecer Gabriela. Discutia, aceitava a vontade dele, sem mexer mais no assunto. Chorava nos braços do marido. "Só que tem coi-

<sup>11</sup> Gabriela, p. 200.

<sup>12</sup> Ibidem, p. 233.

<sup>13</sup> Ibidem, p. 248.

sas que não sei fazer, não. Por mais que eu queira não che-  
 go a gostar". "Eu é que sou ruim, seu Nacib é tão bom...".<sup>14</sup>  
 Não tolerava sapatos nos pés. Gostava de andar de chinelos  
 ou de pé no chão. Continuava uma criança. Não quer ser a  
 senhora Saad. Aceitara casar-se "para não ofendê-lo". "Pa-  
 ra ela seu Nacib era tudo: marido e patrão, família que  
 nunca tivera, o pai e a mãe, o irmão que morrera apenas  
 nascido".<sup>15</sup> Vive triste porque não sabe se pode ir na festa  
 do terno de reis. Bate palmas quando recebe o convite de  
 levar a bandeira. Não gosta de ir dançar no clube. "Gabri-  
 ela baixou a cabeça concordando" que não era possível par-  
 ticipar do terno de reis. "Riu, por dentro chorava".<sup>16</sup> No  
 clube "por baixo da toalha, Gabriela arrancava o sapato,  
 passava a mão no pé dolorido".<sup>17</sup> Vendo o desfile do terno  
 de reis passar - "quem arrastou todo mundo para a rua, pa-  
 ra dançar reisado?",<sup>18</sup> foi Gabriela.

Surpreendida por Nacib na cama com Tonico Bastos a-  
 panha. "Ela tão pouco falou, não deu um grito, não soltou  
 um soluço, chorava calada, apanhava calada".<sup>19</sup> Na verdade  
 nunca fora esposa de Nacib. Era rapariga diante da lei. A-  
 nulou-se o casamento. Ofendera Nacib porque era casada, mas  
 ela não tinha essa consciência. Não conhecia esse código de  
 honra. "Gabriela é boa, generosa, impulsiva, pura. Dela po-  
 dem enumerar qualidades e defeitos, explicá-la jamais". "E-  
 ra como se nunca tivesse casado. Melhor não podia ser...".<sup>20</sup>

<sup>14</sup> Gabriela, p. 283.

<sup>15</sup> Ibidem, p. 287.

<sup>16</sup> Ibidem, p. 295.

<sup>17</sup> Ibidem, p. 299.

<sup>18</sup> Ibidem, p. 302.

<sup>19</sup> Ibidem, p. 307.

<sup>20</sup> Ibidem, p. 312.

Ela sabia que Tonico deitava com outras mulheres e não entendia que "só o homem tinha direito, não o tinha a mulher"<sup>20</sup>.

Continua gostando de Nacib, ao menos pudesse cozinhar ainda para ele. Rejeita a todas as propostas que lhe faziam para amante ou cozinheira. Costura para Dora. Quando morreu Ramiro Bastos beijou-lhe a mão branca de cera. Para ela foi um homem que morreu. Nas festas era chamada Iemanjá.

Sentia-se triste em ver que não iria mais cozinhar. "... pela primeira vez era uma pobre e triste e desgraçada, sem desejo de viver".<sup>21</sup> Pensou um meio de obrigar Nacib chamá-la de volta. " - Se o portuga suxir quem vai cozinhar?" " - Que tu vai fazer? Matar ele? Quero não". " - Mando ele embora um pouco depressa".<sup>21</sup> Ajudada pelos amigos faz desparecer o cozinheiro. É chamada a cozinhar e volta ao quarto dos fundos. "Ela apareceu sorrindo, calçada em chinelos, um avental branco sobre o vestido de fustão azul, uma rosa rubra atrás da orelha".<sup>22</sup> Serve Nacib como antes, come depois e deixa a rosa na espreguiçadeira.

Fagundes viu que Gabriela não seria de ninguém. "Tu pode dormir com ela, fazer coisas. Mas ter ela mesmo, ser dono dela (...), isso ninguém vai nunca ser".<sup>23</sup>

<sup>21</sup> Gabriela, p. 342.

<sup>22</sup> Ibidem, p. 347.

<sup>23</sup> Ibidem, p. 121.

## GABRIELA

Senhora Saad

Sempre Gabriela

"Oh, que fizeste, Sultão,  
de minha alegre menina?"<sup>24</sup>

Deus sabe o destino que ela terá. Não quer outra coisa senão trabalhar para Nacib.

Não gosta de ser espírito, de calçar sapatos e de casar "precisa não". Para que ser uma senhora importante? "Agora cada alegria custava tristeza. Não tinha ela de visitar as famílias de Ilhéus? Ficava sem jeito, vestida de seda, sapato doendo, em dura cadeira. Sem abrir a boca para não dizer inconveniência; Sem rir parecendo de pau, gostava não. Para que lhe servia tanto vestido, tanto sapato, jóias, anéis, colares e brincos, tudo de ouro, se não podia ser Gabriela? Não gostava de ser a senhora Saad"<sup>25</sup>. Tinha que dançar no clube. Possivelmente cozinhar no fogão de metal. Devia se instruir para ser distinta na sociedade. Só podia dormir com Nacib.

<sup>24</sup> Gabriela, p. 236.

<sup>25</sup> Ibidem, p. 287.

<sup>26</sup> Ibidem, p. 321.

<sup>27</sup> Ibidem, p. 287.

O negro Fagundes declara que Gabriela: "... não mudou a natureza com o casório, fala com a gente da mesma maneira"<sup>26</sup>.

Era parte da natureza andar, trabalhar, dormir era bom. Estar à vontade, rir, falar alto, brincar com os moleques, com o gato era viver. Andar descalça ou de chinelos, vestir-se sem cuidados, ir ao circo, carregar a bandeira no terno de reis era melhor. O importante era agradecer de maneira natural e dormir com os homens.

Receber muitos presentes, ganhar muito dinheiro pelo trabalho não lhe importava. Queria ser só Gabriela e sempre Gabriela.

Não calcula os perigos e não guarda ressentimentos de ninguém. Preocupa-se quando vê alguém triste. "Tudo quanto a senhora Saad devia fazer, ah! essas coisas Gabriela não as tolerava"<sup>27</sup>.



Temos dois enfoques - Gabriela elevada pelo casamento ao plano das convenções burguesas (a senhora Saad) e Gabriela no seu estado de natureza, permanecendo Gabriela.

Simboliza a terra que não pode ser de um dono, segundo a mentalidade capitalista, mas de todos. Surgiu no meio do caminho sem destino, sem idade, sem ninguém. Era irreconhecível. Era capaz ou uma inútil? Promissora na sua voz e no brilho dos olhos de jovem. Quando Tónico Bastos a regista em caxixe para torná-la um bem exclusivo do árabe Nacib, ela se despersonifica. Pertence a quem a cultiva pela compreensão e pelo amor. Hoje de um, amanhã de outro - assim como a terra que os coronéis tentaram possuir e não puderam conservá-la.

A Única coisa que não pode deixar de fazer é saciar as bocas e os corações dos homens. Ela não quer ser mais do que é. Seria violentar a natureza, corrompê-la. Ser mais do que essência seria convencionar-se, e um dia sofrer a perda e a separação de tudo. Definitivamente ninguém é dono de nada demonstra a tese. Inconscientemente sente-se realizada. Não tem necessidades, é a terra que vale por si.

Simboliza o povo na sua ingenuidade. Limita-se ao necessário para a vida. Por sua espontaneidade iguala-se a uma criança. Não tem preconceitos. Desconhece a honra e a moral. Não entende as restrições e convenções do matrimônio e da alta sociedade. Esconder o corpo, dormir só com um homem, não poder rir, dizer que está ótimo quando era para boi dormir, isso não entendia. "Gabriela não nascera para jarros, para casamento e marido".<sup>28</sup>

<sup>28</sup> Gabriela, p. 308.

O autor mostra-nos através de Gabriela como é inútil e quanto complica a vida do homem o desejo e a luta pela aquisição dos bens e do capital. As convenções sociais tornam-se obstáculos e desvirtuam a vida pura e simples. Gabriela não quer terras, não briga apenas afasta seu "corrente" chef de cuisine"; não pensa no capital, não deseja mandar, não se preocupa com o amanhã. A força da natureza no seu estado puro, nutrida no princípio do amor e da compreensão derrota a lei da violência e conclama o homem a se humanizar. Gabriela com sua presença contagiante transforma o mundo que a cerca. Sua ingenuidade desarma a violência na reparação da honra ultrajada segundo a moral burguesa.

Gabriela é o retrato de uma criatura que JA pôs de pé e fez andar com toda a força humana de sua arte. É o símbolo da originalidade. O reencontro do autor com a poesia lírica. O lirismo e a psicologia são recursos para analisar a alma de Gabriela e lhe fixar os traços individuais. "Gabriela servia para cozinhar, a casa arrumar, a roupa lavar, com homem deitar. Não velho e feio, não por dinheiro. Por gostar de deitar".<sup>29</sup> É o exemplo da "alegria de viver". O romancista através de Gabriela solidariza-se com a vida de sofrimento e de esperanças do ser humano.

<sup>29</sup> Gabriela, p. 181.

## CONCLUSÃO

Do exposto concluímos que JA faz uma literatura inspirada na realidade da vida. Para ele "retratando o romance uma sociedade, um punhado de homens, ou um homem só, não pode deixar de lado os problemas, as lutas, os anelos desses homens, dessa sociedade, a menos que seja falso ou incompleto. - E quando os homens atravessam uma época política, uma época de lutas como a nossa, o romance que seja honesto não pode deixar de ser uma arma de luta".<sup>1</sup> O romancista extrai sua arte do povo e da terra para o povo. A literatura deve ser militante e estar a serviço da sociedade, trazendo a marca dos tempos.

JA não focaliza tanto a ideologia do poder constituído, senão mais analisa os problemas e causas da miséria. Penetra a imperfeição do mundo atual, fazendo depoimentos críticos ou reagindo através de suas personagens. A vida e a libertação se impõem a tudo - viver com dignidade se possível, com baixeza se necessário. Não há um princípio rígido de moral. Essa pode ser primitiva, quase no nível do instinto ou convencionada pela burguesia juntamente com as leis que são aplicadas ao mais fraco. No universo humano de JA não é possível fazer da vida um sacerdócio. Nota-se o bom senso do contrário - a solidariedade na miséria, a valorização do marginal, a importância da originalidade e essência das coisas e dos seres.

Parece-nos que o mundo humano, a visão e posição de JA só podiam ser estudados através de suas personagens. O autor não tem a paciência de esperar que as personagens nas-

<sup>1</sup> Tati, Miécio - op. cit., p. 89.

çam, vivam longamente e morram para nos fornecer tipos completos. Apresenta-nos as criaturas como vivem e são vistas na sociedade. Põe-nas de pé nas obras e fá-las andar, viver num mundo dividido pelo capital. De umas nos conta mais, de outras apenas aquilo que se pode guardar de um encontro, de uma viagem junto de um incidente. As criaturas amadonianas surgem ao longo das obras e seguem - umas morrem na miséria da exploração ou na luta, outras vivem depois da obra. Para o escritor a personagem vale acima de tudo, porque ele é da opinião que se uma obra for traduzida em línguas estranhas, como são os romances dele, a linguagem se desfaz e o que fica é a vida das criaturas.

JA tira suas criaturas da vida real. Usa a técnica associativa na sua organização romanesca. Caracteriza-as com a moral de uma, o físico de outra e a bondade ou maldade de uma terceira pessoa real. Destaca a maneira de vestir-se, o físico possante do capanga assassino, do poderoso coronel e da mulher guerreira. São tipos humanos externos que se governam pela necessidade material, pelo instinto e pelos sentimentos. A maioria são criaturas primitivas, incapazes de avaliar sua condição humana. "Eles não sabem que são miseráveis. A consciência, o conhecimento da miséria é que traz a infelicidade".<sup>2</sup> Mesmo os poderosos não se conhecem e nem sabem o que fazem. Eles se enredam nos interesses materiais, não pesam e não calculam as conseqüências de suas ambições. O poder, o capital, a miséria e o primitivismo não permitem a interiorização de um carácter. Tudo fica de fora, razão porque não seria verossímil a sondagem psicológica de tais

<sup>2</sup> Os Subterrâneos II, p. 22.

personagens. Inegavelmente há certo psicologismo no que respeita aos sentimentos.

Costuma-se apontar as personagens de JA como artificiais e pouco verossímeis por falta de ação que as caracterize e as torne plausíveis. O autor não parte de pressupostos teóricos para escrever. Registra a vida como é, como a assimilou e a sente. O existencialismo marca os tempos pelo viver e sentir. Os sentimentos, muitas vezes, substituem a ação no mundo social amadoniano e nem por isso as criaturas deixam de semelhar-se a seres humanos. Ao contrário do que se afirmava há anos atrás - a ficção de JA se enriquece pela intensidade de vida das personagens. Álvaro Lins apesar de sua posição crítica baseada no psicologismo analítico, não deixa de ser honesto quando afirma que em JA há uma "fidelidade ao real e ao mesmo tempo que a interpretação do que há de humano e universal nos seres de suas regiões".<sup>3</sup>

Qual é a relação da alma (anseios do homem) com a realidade de Jorge Amado? Trata-se do combate entre dois mundos - o mundo do ser (explorado) e o mundo do ter (poder). O mundo externo se constitui um meio agressor pelas suas convenções. Desse conjunto de regras não se estabelecem relações opostas com os ideais ou necessidades das criaturas. O divisionismo surge da carência que subjaz no coração de uma parte da sociedade, incompatível com a realidade convencional. A necessidade de viver e de amar dentro da essencialidade choca-se com a exploração e o preconceito burguês, e isso se impõe como processo da vida que dá conteúdo à intriga.

<sup>3</sup> Lins, Álvaro - op. cit., p. 230.

A obra de arte visa a uma maneira de ser e de transmitir sensibilidade, não ditar regras ou normas. A linguagem é um meio não um fim na literatura. As personagens de JA na sua maior parte são líricas. Governam-se pelos sentimentos que densificam a vida e substituem a sondagem psicológica. É como Alencar de quem é caudatário - um escritor estruturalmente lírico: a sua cosmovisão é lírica, as personagens são líricas e usa uma linguagem predominantemente lírica. As personagens surgem através de pequenas ações até se estabelecerem como pequenos seres. O sentimento e o lirismo substituem os pontos altos da ação. O negro é heroiificado através de recursos dramáticos. Não se limita à medida social, nem se deixa animalizar. Liberta-se por suas aspirações íntimas e conserva o substrato mítico-cultural africano.

Dos repetidos enfoques sob aspectos diferentes, ao longo das obras, de personagens que lutam para o mesmo objetivo, que têm a mesma posição ou estado social, pareceu - nos possível construir tipos humanos que representam claramente a posição e visão do autor. Essa tipologia vive e luta dentro de um mundo antitético e bipolar. Um Brasil de brancos ricos (coronéis, capitalistas e políticos) e um Brasil de negros e mulatos pobres (alugados, operários e retirantes expulsos).

Faz-se presente a cultura da miséria em que o diarista rural e o operário urbano vendem suas forças aos grandes senhores de alma selvagem, coronéis e capitalistas. São relegados à miséria quando inúteis ou dispensáveis. Essa exploração objectual do ser humano causa a revolta das cria-

turas que se solidarizam para protestar através da greve, do manifesto e do saque.

JA dentro de seu mundo dividido prega um marxismo socialista de carácter universal, baseado na solidariedade humana, na distribuição igualitária dos bens, na igualdade de direitos. "Por que tanta terra junta era de um homem só, alguém jamais curvado sobre ela, jamais regando-a com o seu suor, por que só ele lucrava com a fartura da terra e os demais viviam das migalhas, das sobras do que a terra dava?" "Mas agora vinha Nestor e lhes dizia: 'A gente que trabalha a terra deve ser o dono dela...'.<sup>4</sup> O marxismo de JA é atenuado e religioso. Passa da atitude política ao procedimento artístico. O humor vai do singular ao universal. Há um sincretismo da mitologia africana com a hagiografia cristã, assim como os heróis socialistas pregam o messianismo. "Ah! era um quase ancião e um quase adolescente, o velho Orestes e o jovem Jofre guardando as máquinas do povo, velhice e adolescência fabricando o fruto nos subterrâneos ilegais da liberdade".<sup>5</sup>

O sertanejo e lúpen-proletariado vão apresentar-se ao homem urbano e intelectual via literatura popular, a dos A B C das quadras de amor. Essa literatura que era oral é reiterada pelo romancista e passa a um nível cultural mais depurado, invade a ideologia política, a erudição literária nacional e internacional; explora e estende ao longo do tempo e do espaço a vida brasileira baseada no substrato sempre senhor-escravo e conserva a mensagem popular. As Perso-

<sup>4</sup> Os Subterrâneos II, pp. 25 e 26.

<sup>5</sup> Os Subterrâneos I, p. 241.

nagens, por assim dizer, elegem o escritor para em nome delas falar ao mundo. Esse fiel a seu povo registra a mensagem na língua e na forma populares.

JA apresenta uma filosofia aparentemente utópica, quando na verdade e em tempos infelizes é o único detentor de uma filosofia de valores que não existem no mundo convencionalmente organizado e por isso falso. Nos tempos da sociedade amadoniana não há felicidade, mesmo no mundo do capital há criaturas que deixam tudo para se libertarem; por isso o romancista se constitui filósofo e intérprete do comportamento humano. A libertação e a vida é o caminho percorrido pelo escritor. A partir da injustiça e violência por um lado e por outro a ânsia de liberdade e de viver fazem os fatos enigmáticos da vida; mas decifráveis pelas forças transcendentes colocadas no nível da arte. A dor se faz presente e as criaturas lutando, mesmo na incerteza, alimentam forte esperança de melhorar e de que um dia todos os homens sejam iguais.

Nas obras de JA o que condiciona o ser humano e a intriga é a busca de uma conciliação da interioridade com o mundo problema, avesso ao primitivismo, ao espontâneo e ao natural. Essa Libertação se opera através de combates difíceis. Há sempre um clima de injustiça da mais forte contra o mais fraco - do coronel contra o alugado, do capataz contra o trabalhador, do patrão contra o operário, do rico contra o pobre, da polícia contra o líder e o militante, dos instintos contra os sentimentos de honra e da astúcia contra a ignorância.



MUNDO DIVIDIDO

OS QUE TÊM  $\searrow$  contra  $\swarrow$  OS QUE NÃO TÊM.

Há um mundo bipolarizado pelos interesses:

A FALTA DE  $\left\{ \begin{array}{l} \text{liberdade e} \\ \text{direito à vida} \end{array} \right.$  CHOCA-SE COM  $\left\{ \begin{array}{l} \text{o poder e} \\ \text{o capital;} \end{array} \right.$

O PODER E O CAPITAL SÃO INVENCÍVEIS:

Exploram o mais fraco;

Causam a miséria;

Geram a revolta;

Surgem o líder e o militante;

HÁ UMA LUTA NA ESPERANÇA "DE UM DIA...";

. CRIATURA ABANDONADA SÓ RESTA CONFIAR NAS FORÇAS SOBRENATURAIS.

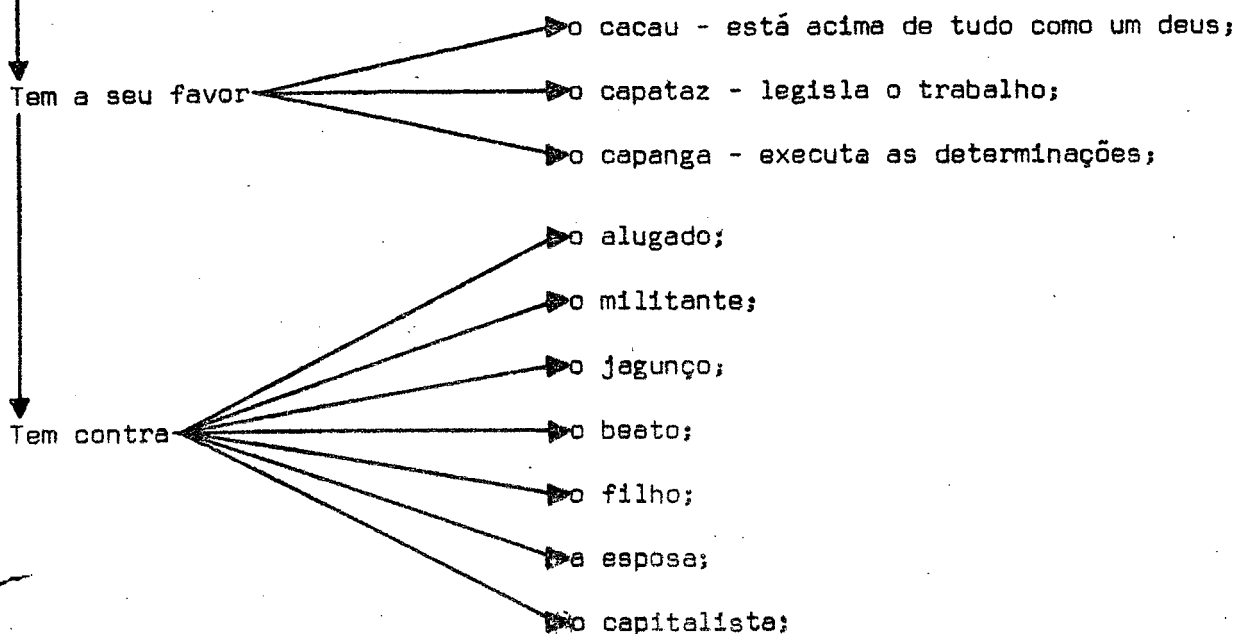
O PODER E O CAPITAL  $\left\{ \begin{array}{l} \text{coronel} \\ \text{capitalista} \end{array} \right.$  inimigos vorazes entre si;

DOMINAÇÃO  $\searrow$  VS  $\swarrow$   $\begin{array}{l} \blacktriangleright \text{FILHO,} \\ \blacktriangleright \text{MISÉRIA,} \\ \blacktriangleright \text{CRENÇA (refúgio),} \\ \blacktriangleright \text{MULHER (amor),} \end{array}$

O coronel é o elemento integrador da civilização rural, inspirada na violência, ditada pela boca da repetição e plantada em terras lavadas com sangue humano. "Há muita gente vivendo em torno das árvores de cacau. Tem os exportadores, alguns dos quais nunca viram sequer uma fazenda. Tem os fazendeiros, donos da terra, valentes e ricos. Tem os advogados, os médicos, os agrônomos, os fiscais. Tem os capatazes, a gente mais ruim do mundo. E tem os trabalhadores, os que colhem cacau, que secam os caroços, que podam as roças. São os mais pobres de todos, os 'alugados', os que nunca têm saldo".<sup>6</sup> O coronel representa o capital agrícola e a tradição da família brasileira patriarcal. Impõe-se através de seu poder econômico. Explora física e moralmente o mundo que o cerca. É dono da justiça, cujas leis são o revólver, a repetição, o rebenque, o incêndio e o caxixe. Em termos de civilização primitiva contra ele ninguém pode. Governar-se pelos instintos e pelo desejo de possuir e cultivar a terra.

<sup>6</sup> São Jorge, p. 78.

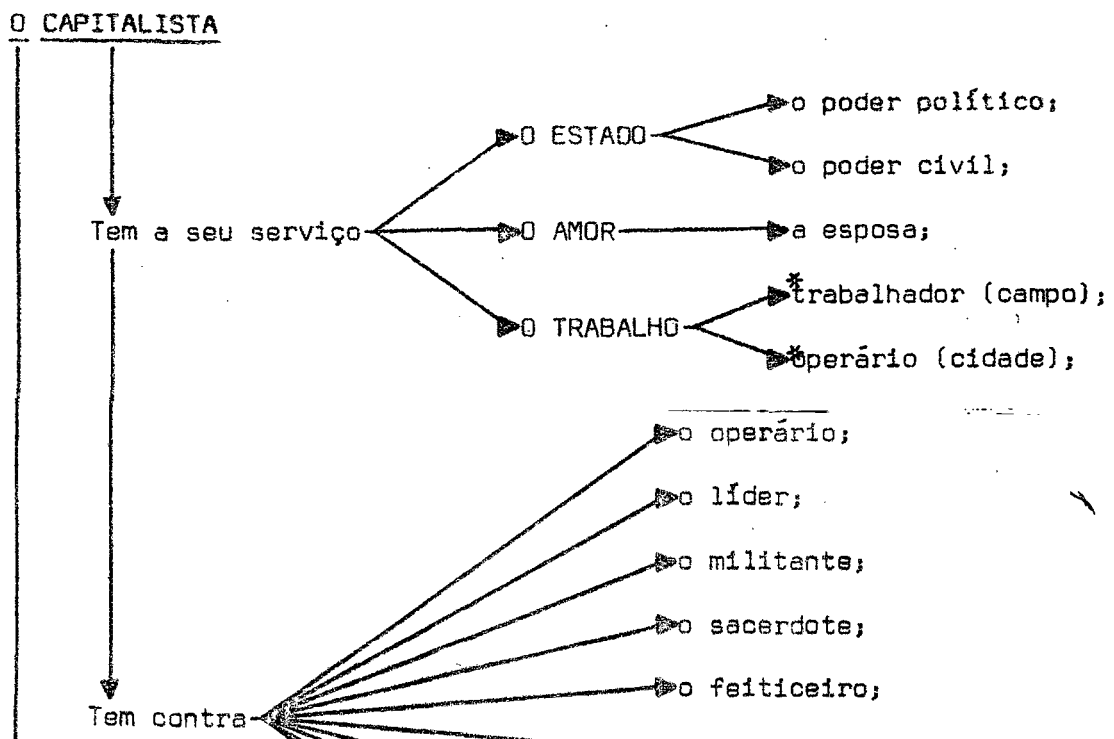
O CORONEL



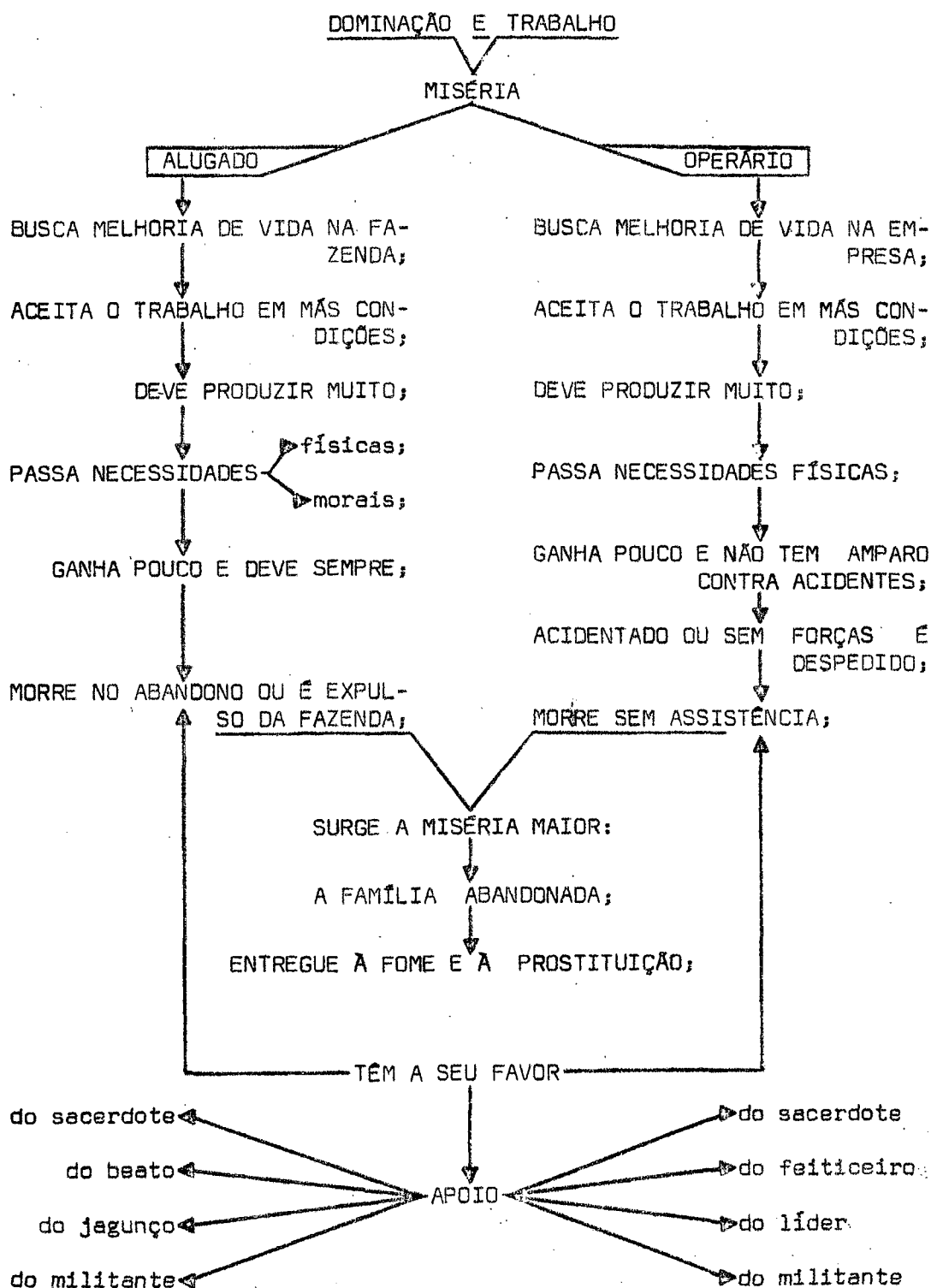
O coronel tem em sua defesa o capanga e o capataz. Contra o patriarcalismo coronelino posicionam-se os filhos. Formados nos moldes da civilização urbana voltam à terra natal, onde as leis teoricamente estudadas, não têm aplicação e o dinheiro se impõe como solução única de todos os problemas. Acostumados a fazer nada, não previam e confiavam na inesgotável fartura (para eles) dos pais-coronéis. Adotaram as mudanças dos novos tempos entregando-se ao sibirismo, mesmo contra a expectativa e vontade dos pais. O escritor representa a tradição histórica de que "pai rico, filho remediado e neto arruinado".

O truste imperialista dos exportadores devora o primitivismo dos coronéis e a lei da violência silencia. O comércio planejado compromete os coronéis e faz vigorar a justiça legal na hora da execução. Assim os coronéis perderam para os exportadores as terra e o mando político. E se o fazendeiro rude explorava o trabalhador,\* capitalista o expulsa.

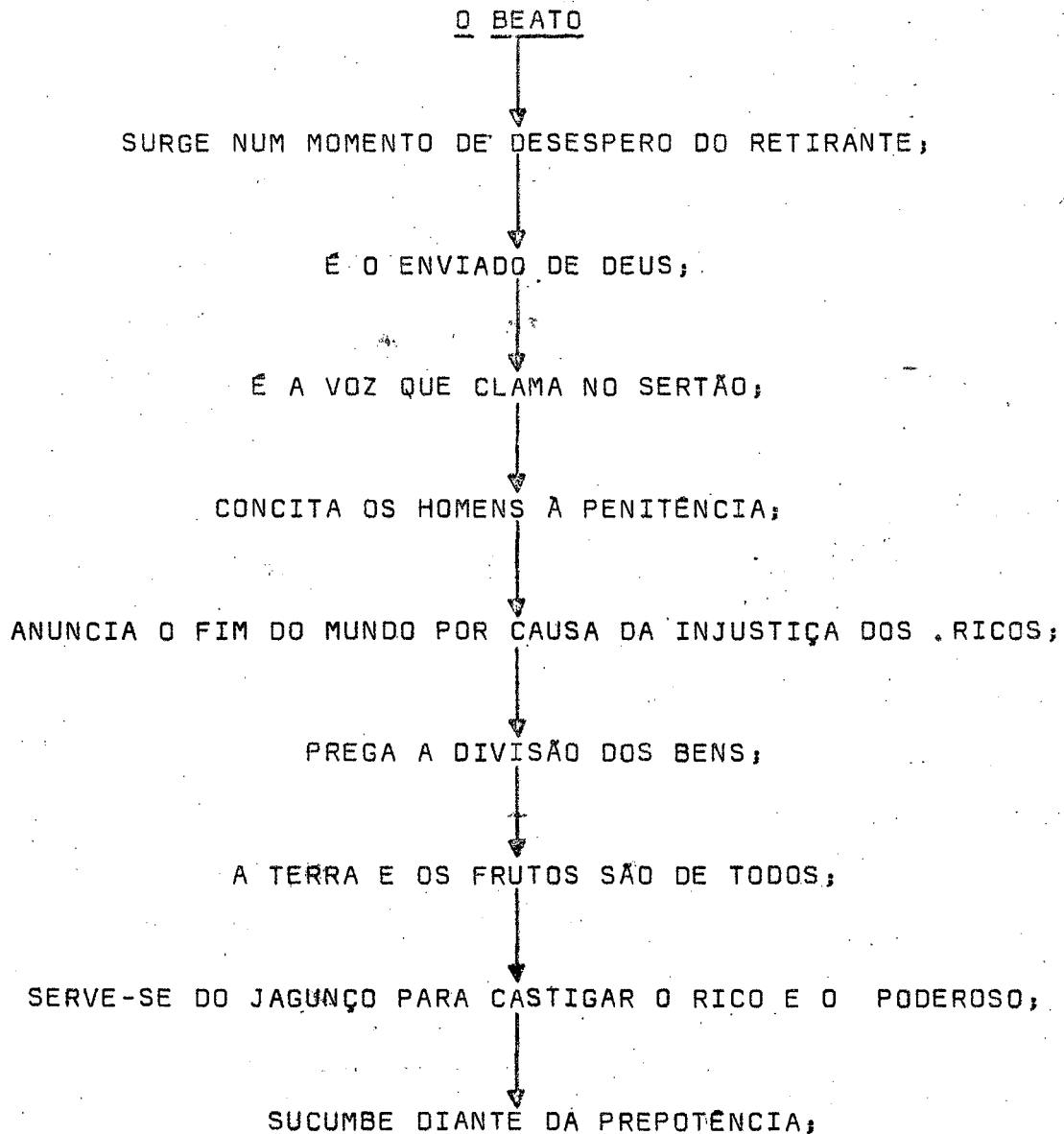
\* o



Perguntava satiricamente Petrônio: Quid faciant leges ubi sola pecunia regnat, / aut ubi paupertas vincere nulla potest? Nada resiste à prepotência do capitalismo que se torna causa eficiente de toda a miséria humana, física e moral.



O beato prega penitência e anuncia o castigo de Deus: "Os olho de Deus espiavam o sertão, só via desgraça. Menino morrendo sem ter de comer, os homens morrendo sem ter tratamento. Os homem sem terra suando na terra dos outro... Gente cum tudo, gente cum nada... Deus achou ruim num tava direito".<sup>7</sup> É a última esperança do retirante expulso pelo determinismo da seca ou pela tirania do coronel e exportador.



<sup>7</sup> Seara, p. 212.

O marxismo de JA é mais religioso do que materialista. h! Oxossi é um santo bom, vai mandar ouro para todos eles, é para os pobres vai chegar!"<sup>8</sup> As criaturas desenganadas e um dia..." poderem dividir a terra, os bens; de alcançarem a libertação e a felicidade, refugiam-se na crença da stica divina. Acreditam nas forças sobrenaturais que não vingá-las.

O feiticeiro representa a crença do homem primitivo. É pai espiritual e o mentor da multidão física e moralmente samparada.

#### O FEITICEIRO

É O MEDIADOR ENTRE O HOMEM E O PODER SOBRENATURAL;

SIMBOLIZA O PRIMITIVISMO E A NATUREZA;

É A TRADIÇÃO HISTÓRICA;

OPÕE-SE À GANÂNCIA E À VIOLENCIA;

É O MINISTRO DOS ORIXÁS (deuses africanos);

TANTO CONSEGUE O BEM COMO O MAL;

CURA OS MALES DO CORPO E DO ESPÍRITO;

MISTIFICA-SE PELA:

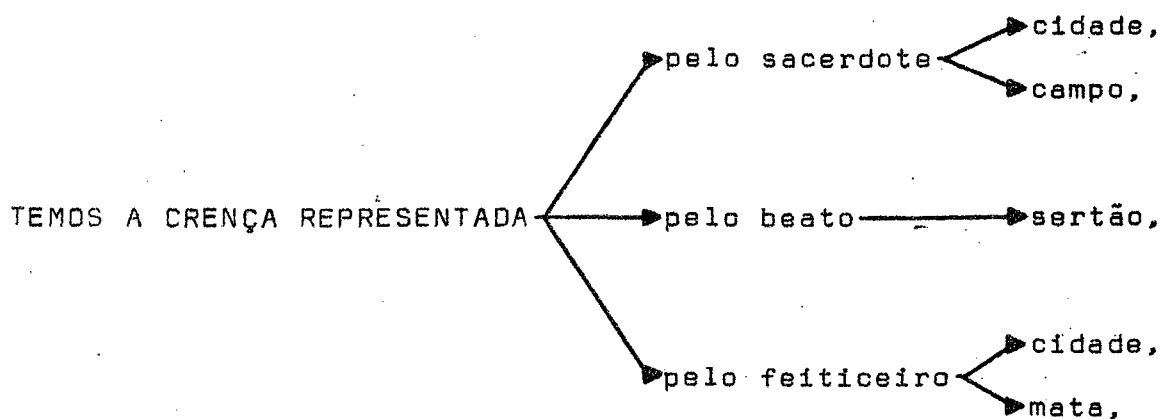
-profecia baseada na experiência e observação;

-cura através de ervas;

-magia: "ôjú énu, fó tí iká, lí ôkú";

O que representa o beato para o sertanejo, é o feiticeiro para o desamparado da cidade e da fazenda.

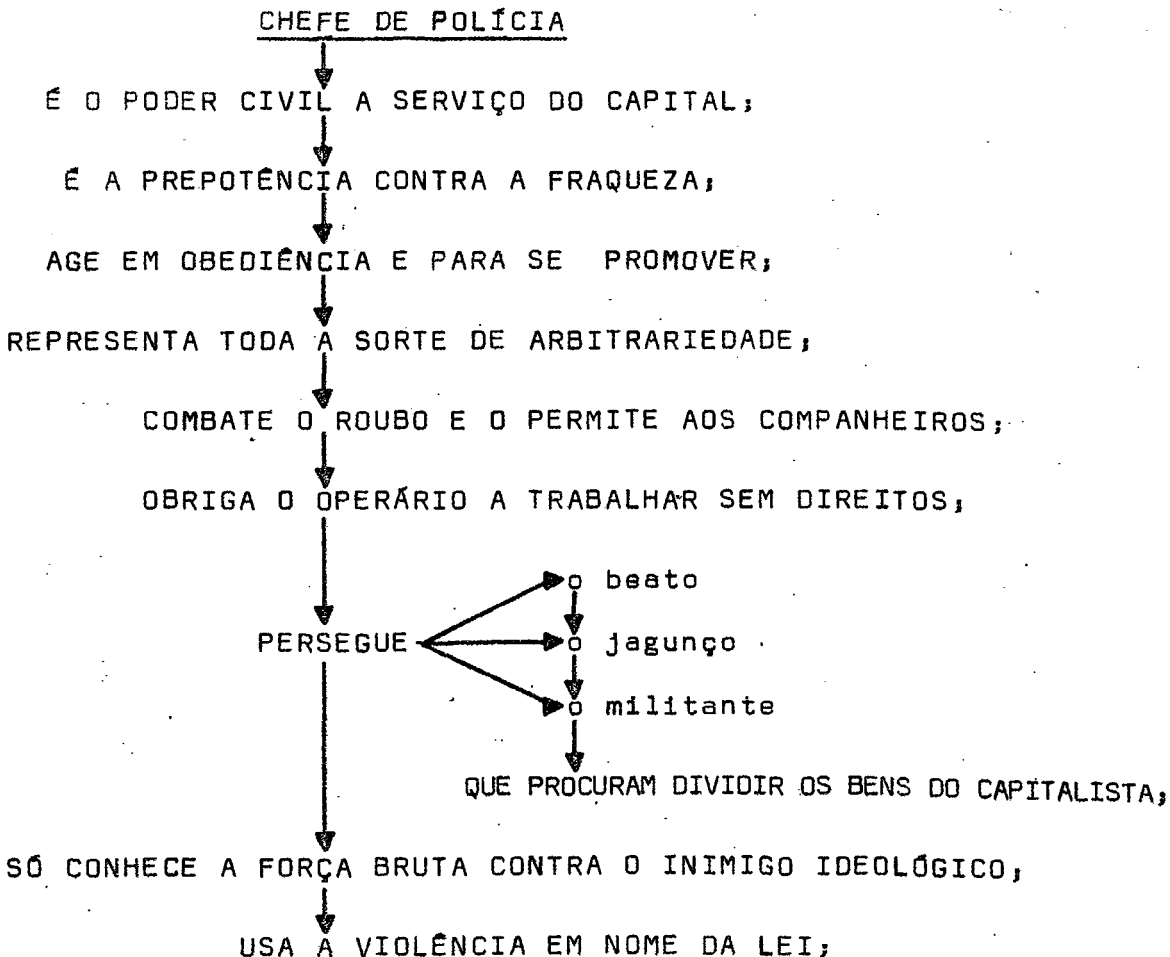
O sacerdote católico - enquanto um tipo se deixa levar pelas coisas mundanas e admite a desigualdade entre os homens, condena os movimentos populares que buscam libertação e direitos; condena as riquezas, mas aceita as verbás para seus empreendimentos. O outro tipo nada possui, convive com a miséria e sobrepõe o amor ao desamparo às convenções da burguesia e ao preconceito. Conforta o abandonado mostrando-lhe que: "Deus é bom e saberá dar o remédio".



Quando nada mais pode fazer o mundo, vítima da -explo-  
ração e dominação, porque - "a burguesia só tem estômago, es-  
tômago, tripa, tripa e nada mais!"<sup>9</sup>, ainda lhe resta o mis-  
ticismo exagerado, o consolo moral, i.é, a crença nas forças  
sobrenaturais.

O coronel apresenta o capital anterior à indústria-e-  
comércio. Agora surge o capitalista moderno, o empresário e  
industrial. Para esse não há obstáculos porque tem a seu fa-  
vor a política, capital estrangeiros e sobretudo o poder ci-  
vil do Estado.

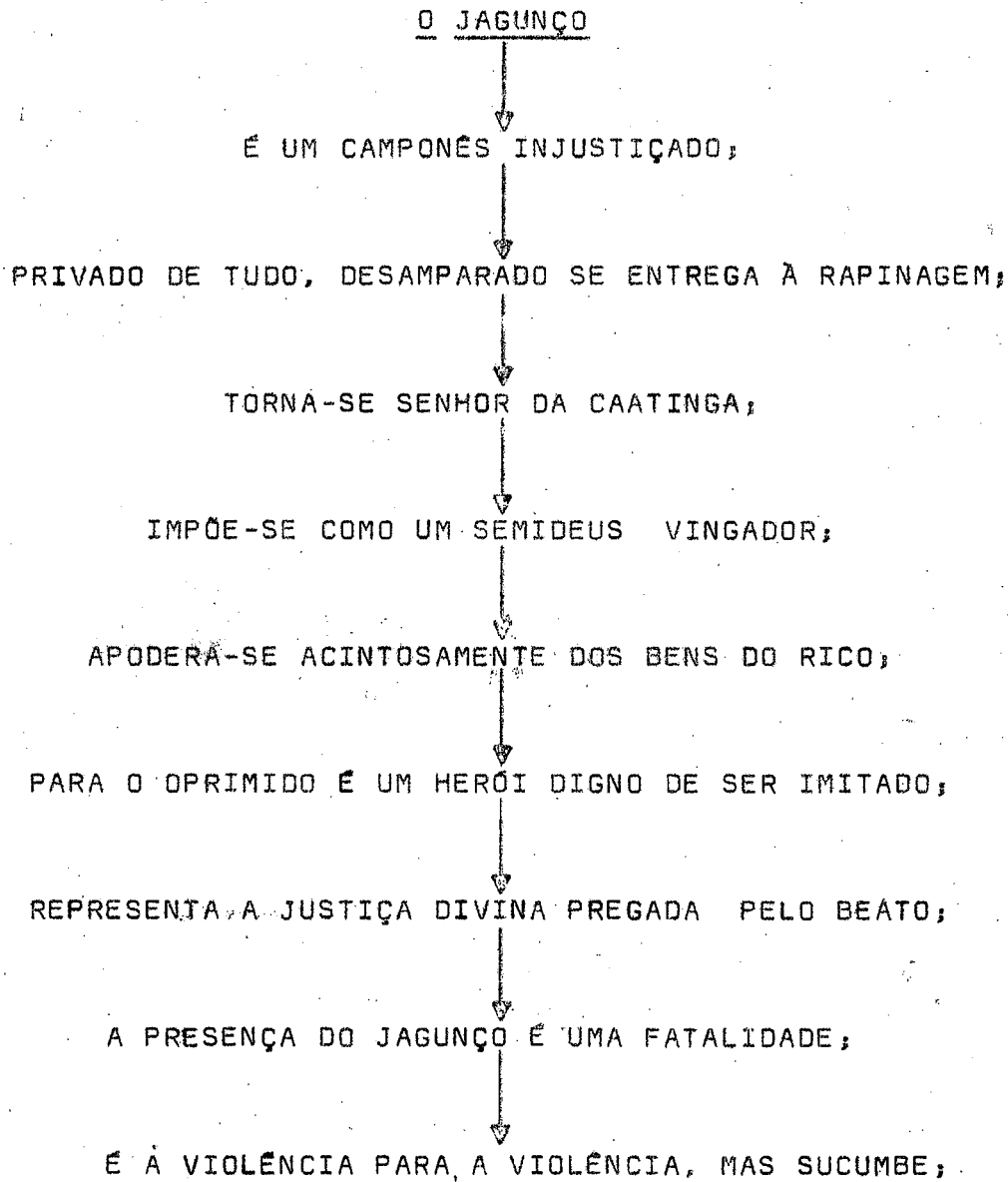
O que eram o capanga e o capataz para o coronel, são o  
político e o chefe de polícia para o capitalista. Enquanto  
um legisla as pretensões, o outro executa as determinações do  
capitalista.



<sup>9</sup> São Jorge, p. 131.



Porque ataca as fazendas e as vilas é caçado pela polícia:



O militante é a sentinela contra os abusos do poder, do capital e da presença do estrangeiro no país. Prega o socialismo tolstoiano defendido pelo romancista. Procura a libertação do homem explorado pelo capital e poder centrados nas mãos de poucos e defende o direito que todos têm à terra, sobretudo aqueles que a cultivam.

O MILITANTE

↓  
CONSCIENTIZA E DOCTRINA A MASSA POPULAR;

↓  
AGITA O POVO CONTRA A PREPOTÊNCIA;

↓  
DEFENDE O NACIONAL E O COLETIVO;

↓  
AGE NA CIDADE E NO CAMPO;

↓  
COMO MEMBRO CONHECE PROFUNDAMENTE A DOCTRINA SOCIALISTA;

↓  
O CHEFE DE POLÍCIA, QUE DEFENDE O CAPITAL E O PODER, É SEU MAIOR INIMIGO;

↓  
LUTA EM DEFESA DO OPERÁRIO E CAMPONÊS;

↓  
NÃO TEM PRECONCEITO:

↓  
-mulher e homem são iguais na luta pela vida;

↓  
-o amor encontra sua efetivação na luta do dia-a-dia;

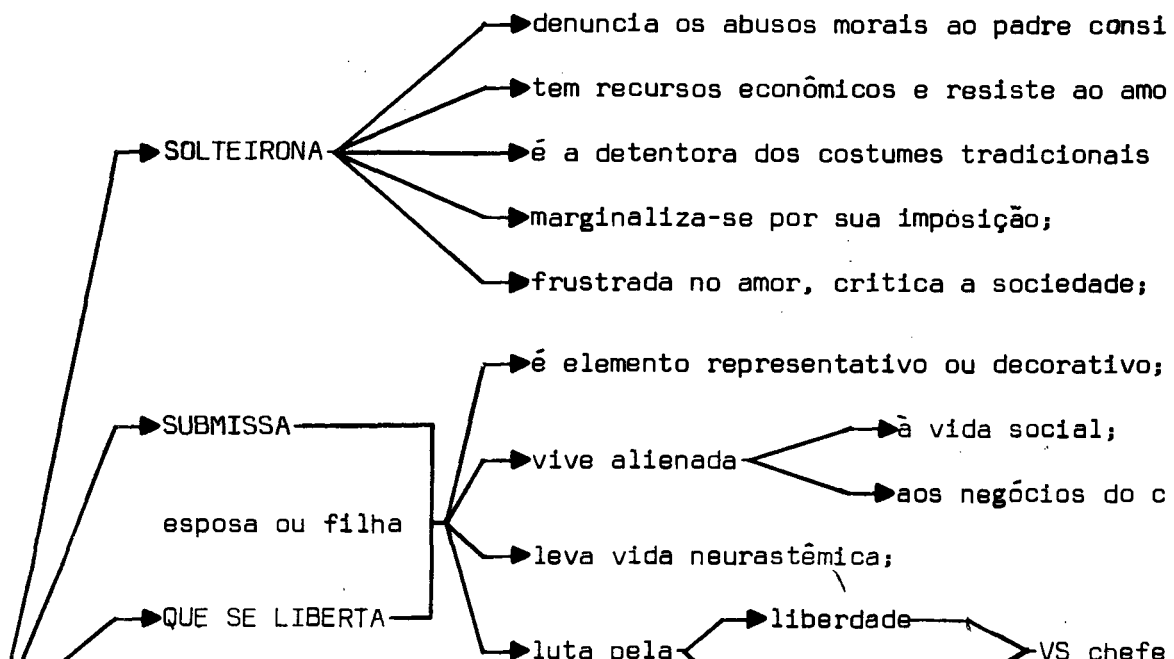
↓  
-o partido é como um filho - o amor da luta;

↓  
AO CONTRÁRIO DO CAPITALISTA, O MILITANTE PENSA NA TERCEIRA PESSOA;

A mulher tem dois tratamentos: se é pobre torna-se objeto de prazer do homem, seja ele maior em posse ou cultura. Se é rica ou branca lar como estátua no templo. Ali vive à sombra do marido ou do pai. A mulher luta na busca de seu lirismo e ao mesmo tempo luta para libertação.

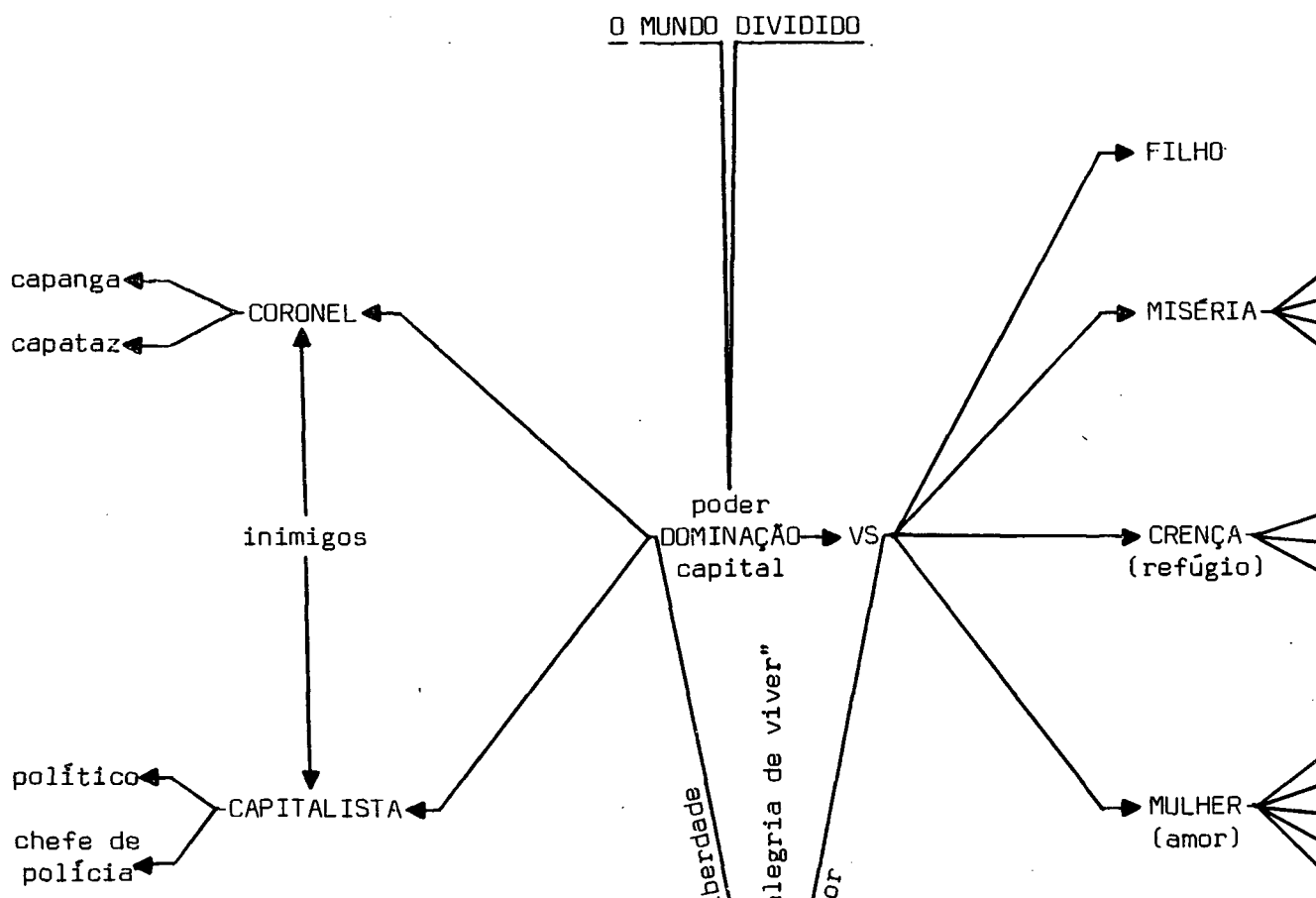
A esposa na casa-grande não passa de objeto decorativo. Vive alienada ao mundo social e economicamente incompatível com os tempos modernos. O romantismo momento em que as mutações do progresso determinam o sentimento e anseios da família camponesa. É a libertação da mulher e sua integração na vida econômica.

Todos os recursos materiais e humanos são usados para expandir o império do capitalista. A mulher, embora boa na concepção dele, torna-se um grande desperdício ao sentir-se coisificada e inútil como se não encontrando no seu semelhante o eco do companheiro que quer libertar-se. Temos a visão do escritor, focando a mulher que luta e sofre sob múltiplos aspectos:



O amor em JA, de maneira geral, se realiza fora for objetivos da estrutura social. Encontramos a família ronel nos moldes patriarcais, aqui e no lar do capita como vimos, o amor não se basta. Temos por outro lado periência socialista do verdadeiro amor, mas a luta pe bertação consome as vidas.

Assim baseado na cosmovisão do romancista pudemo tacar as partes que compõem o mundo dividido e admitir verdadeira sua posição a favor do "povo contra aqueles exploram o povo". O imperialismo econômico para o escr um mal de raiz que gera toda a miséria, a prepotência virtua o amor. Os capitalistas e donos de terras são f pela óptica da antipatia e do ridículo, enquanto que a aturas exploradas são vistas pelo "olho da piedade" d criador.



Depois de tantas lutas, num mundo angustiado e dividido entre pai e filho, esposa e marido; entre os que têm e os que nada têm, JA faz uma trégua. Apresenta-nos Gabriela como exemplo de "alegria de viver". O homem quanto mais tem, mais deseja possuir em detrimento da miséria. A vida deve ser como Gabriela: livre das preocupações, espontânea, original e simples como ela é. Ser de todos e ser de ninguém é bom porque " - O amor não se prova, nem se mede. É como Gabriela. Existe, isso basta - falou João Fulgêncio".<sup>10</sup> A terra é tão grande, por que traçar limites e fazer cercas se é tão fecunda, se é ela que fica e o dono é que morre?

Tudo nos mostra que o romancista chega a ouvir as vozes das doutrinas, dos partidos, dos grupos sociais e das culturas. Ouve mais ainda - os gritos lancinantes da miséria física e moral do ser humano oprimido. O escritor não retira o engajamento da literatura, ao contrário é neste ponto que ele faz da arte um instrumento de combate contra a prepotência e libertação do oprimido para todos os tempos e lugares.

Guarapuava(PR), 04 : 03 : 1976.

<sup>10</sup> Gabriela, p. 314.

## BIBLIOGRAFIA

## a) Obras do autor:

Amado, Jorge - O País do Carnaval - Cacau - Suor. 29a. ed., São Paulo, Martins Ed./1971/.

Amado, Jorge - Jubiabá. 14a. ed., São Paulo, Martins Ed./1965/.

Amado, Jorge - Mar Morto. /1a. ed., col. 3/, São Paulo, Martins Ed./s.d./.

Amado, Jorge - Capitães da Areia. /1a. ed., col. 5/, São Paulo, Martins Ed./s.d./.

Amado, Jorge - ABC de Castro Alves. 19a. ed., São Paulo, Martins Ed./1971/.

Amado, Jorge - Terras do Sem Fim. /1a. ed., col. 7/, São Paulo, Martins Ed./s.d./.

Amado, Jorge - São Jorge dos Ilhéus. /1a. ed., col. 8/, São Paulo, Martins Ed./s.d./.

Amado, Jorge - Bahia de Todos os Santos. 12a. ed., São Paulo, Martins Ed./1966/.

Amado, Jorge - Sears Vermelha. /1a. ed., col. 2/, São Paulo, Martins Ed./s.d./.

Amado, Jorge - Os Subterrâneos da Liberdade: I Os Asperos Tempos. 15a. ed., São Paulo, Martins Ed./1968/.

Amado, Jorge - Os Subterrâneos da Liberdade: II Agonia da Noite. 15a. ed., São Paulo, Martins Ed./1968/.

Amado, Jorge - Os Subterrâneos da Liberdade: III A Luz no Túnel. 15a. ed., São Paulo, Martins Ed./1968/.

Amado, Jorge - Gabriela, Cravo e Canela. /1a. ed., col. 1/,  
São Paulo, Martins Ed./s.d./.

Amado, Jorge - Os Velhos Marinheiros. 32a. ed., São Paulo,  
Martins Ed./1972/.

Amado, Jorge - Dona Flor e Seus Dois Maridos. /1a. ed., col.  
6/, São Paulo, Martins Ed./s.d./.

Amado, Jorge - Tenda dos Milagres. 1a. ed., São Paulo, Mar-  
tins Ed./1969/.

Amado, Jorge - Tereza Batista Sensada de Guerra. 1a. ed., São  
Paulo, Martins Ed./1972/.

b) Obras de Crítica:

Bandeira, Manuel - Noções da História das Literaturas. Rio de  
Janeiro, Ed. Fundo de Cultura/1969/.

Batista, Juarez da Gama - Os Mistérios da Vida e os Misté-  
rios de Dona Flor. João Pessoa, Tip. Chaves, 1972.

Batista, Juarez da Gama - A Contra Prova de Tereza, Favo-de-  
Mel. João Pessoa, Tip. Chaves, 1973.

Bosi, Alfredo - História Concisa da Literatura Brasileira.  
São Paulo, Ed. Cultrix/1970/.

Carpeaux, Otto Maria - História da Literatura Ocidental. Rio  
de Janeiro, Edições O Cruzeiro /1966/, vol. VII.

Castro, Moacyr Werneck et alli - "Perfil de Jorge Amado", in  
Livro de Cabeceira da Mulher. Rio de Janeiro, Ed. Civiliza-  
ção /1975/.

- Cony, Carlos Heitor - "Jorge Amado de Todos os Santos e Senhoras", in Manchete. Rio de Janeiro /07:1975/.
- Einsiedel, Wolfgang - Histórias das Literaturas Universais. Lisboa, Editorial Estampa /1973/, vol. II.
- Filho, Adonais - O Romance Brasileiro de 30. Rio de Janeiro, Edições Bloch /1969/.
- Lima, Luiz Costa - "José Américo, José Lins do Rego, Jorge Amado", in Coutinho, Afrânio - A Literatura no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. Sul Americana, 1970, vol. V.
- Lins, Álvaro - Os Mortos de Sobrecasaca. Rio de Janeiro, Ed. Civilização /1963/.
- Martins, Wilson - "O Modernismo": A Literatura Brasileira. São Paulo, Ed. Cultrix /1973/, vol. VI.
- Ramos, Ricardo - "Gabriela e Outras Mulheres de Jorge Amado", in Nova. São Paulo /06:1975/, rev. nº 21.
- Simões, João Gaspar - Literatura. Lisboa, Portugália Editora /1964/.
- Táti, Miécio - Jorge Amado: Vida e Obra. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia /1961/.
- Tavares, Paulo - Criaturas de Jorge Amado. São Paulo, Martins Ed. /1969/.
- Tavares, Paulo - "Jorge Amado", in Coleção: Escritores Bahianos. (a ser publicada pela Imprensa Oficial do Estado da Bahia até julho de 1976).
- Vários - Jorge Amado, Povo e Terra: 40 Anos de Literatura. São Paulo, Martins Ed. /s.d./.



Vários - "Jorge Amado: Escritor fiel à Vida de Seu Povo", in  
365. São Paulo, Ed. ABZ /s.d./,(rev. nº 1).

c) Obras Gerais:

Aguiar e Silva, Vítor Manuel de - Teoria da Literatura. 2a.  
 ed., Coimbra, Liv. Almeida, 1968.

Andrade, Mário - O Empalhador de Passarinho. 3a. ed., São Pau-  
 lo, Martins Ed., 1972.

Aristóteles - Poética. Porto Alegre, Ed. Globo /1966/.

Ataide, Vicente - A Narrativa de Ficção. 2a. ed., São Paulo,  
 Ed. McGraw-Hill do Brasil /1973/.

Barthes, Roland - Crítica e Verdade. São Paulo, Ed. Perspec-  
 tiva /1970/.

Barthes, Roland et alii - Análise Estrutural da Narrativa.  
 Petrópolis, Vozes /1971/.

Boisdeffre, Pierre - André Malraux. Paris, Ed. Universitaires  
 /1960/.

Brayner, Sônia - A Metáfora do Corpo no Romance Naturalista.  
 Rio de Janeiro, Liv. São José, 1973.

Bremond, Claude et alii - Literatura e Semiologia. Petrópo-  
 lis, Vozes, 1972.

Campos, Haroldo de - Morfologia de Macunaíma. São Paulo, Ed.  
 Perspectiva /1973/.

Cândido, Antônio - Literatura e Sociedade. São Paulo, Ed. Na-  
 cional /1967/.

- Cândido, Antônio et alii - A Personagem de Ficção. São Paulo, Ed. Perspectiva /1968/.
- Chamie, Mário - Intertexto. São Paulo, Ed. Praxis /1970/.
- Dourado, Autran - Uma Poética do Romance. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1973.
- Eco, Umberto - Obra Aberta. São Paulo, Ed. Perspectiva/1971/.
- Eco, Umberto - Apocalípticos e Integrados. São Paulo, Ed. Perspectiva /1970/.
- Fischer, Almeida - "Do Medo Nascem Heróis em Tempos de Cio-lência", in Caderno de Sábado: Correio do Povo. Porto Alegre /1º:11:1975/.
- Forster, Edward Morgan - Aspectos do Romance. Porto Alegre, Ed. Globo /1969/.
- Forster, E.M. - Aspects of the Novel. Great Britain, Penguin Books /1971/.
- Greimas, Juliaen - Semântica Estrutural. São Paulo, Ed. Cultrix /1973/.
- Guarany, Wilson C. e Bentz, Ione M.G. - Metacomunicação. Bento Gonçalves, RS, Publicações Fervi /1974/.
- Goldmann, Lucien - Sociologia do Romance. Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra /1967/.
- Gomes, Eugênio - Aspectos do Romance Brasileiro. Bahia, Liv. Progresso /1958/.
- Guerin, L. Wilfred et alii - Abordagem Crítica a Literaturas. Rio de Janeiro, Ed. Lidador /1972/.
- Ingarde, Roman - A Obra de Arte Literária. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian /1973/.

- Lage, Alfredo - A Revolução da Arte Moderna. Rio de Janeiro, Ed. Agir, 1969.
- Leite, Dante Moreira - Psicologia e Literatura. 2a. ed., São Paulo, Ed. Nacional /1967/.
- Lima, Luiz Costa - Estruturalismo e Teoria da Literatura. Petrópolis, Vozes /1973/.
- Lukács, Georg - Teoria do Romance. Lisboa, Editorial Presença /1962/.
- Magalhães, Elyette Guimarães de - Orixás da Bahia. Salvador, Artes Gráficas, 1974.
- Moisés, Massaud - Guia Prático de Análise Literária. São Paulo, Ed. Cultrix /1972/.
- Moisés, Massaud - Dicionário de Termos Literários. São Paulo, Ed. Cultrix /1974/.
- Moisés, Massaud - A Criação Literária. 5a. ed., São Paulo, Ed. Cultrix /1971/.
- Moog, Vianca - Heróis da Decadência. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira /1964/.
- Muir, Edwin - A Estrutura do Romance. Porto Alegre, Ed. Globo /s.d./.
- Petrone Arbitrer, Caius - Le Satiricon. Paris, Société D'Édition "Les Belles Lettres", 1931.
- Safady, Naief - Introdução à Análise de Texto. Belo Horizonte, Edições Júpiter, 1972.
- Sant'Ana, Affonso Romano de - Análise Estrutural de Romances Brasileiros. Petrópolis, Vozes, 1973.

- Todorov, Tzvetan - As Estruturas Narrativas. São Paulo, Ed. Perspectiva /1970/.
- Vários - Revista de Cultura Vozes. Petrópolis, Vozes /11: 1971/, nº 9, vol. LXV.
- Vários - Teses : Sociologia da Literatura. Lisboa, Editorial Estampa /1972/.
- Vasconcelos, Perboyre - A Volta do Mito. Rio de Janeiro, Ed. Laudes /1970/.
- Wellek, René e Warren, Austin - Teoria da Literatura. Lisboa, Publicações Europa-América /1971/.
- Zeraffa, Michel - Personne et Personnage. Paris, Éditions Klincksieck, 1971.